

The image features a central square frame containing a grayscale aerial photograph of a city grid. A large, thick black geometric graphic, resembling a stylized arrow or a path, is overlaid on the photograph, crossing it diagonally from the top-left to the bottom-right. The text is centered within the photograph.

# PRODUÇÃO DO ESPAÇO

uma leitura sobre  
práticas e padrões

a caracterização espacial do Cohatrac IV

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS – CCT**  
**DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO – DAU**  
**CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO - CAU**

**THALYTA FERNANDES FERREIRA**

**PRODUÇÃO DO ESPAÇO: UMA LEITURA SOBRE PRÁTICAS E PADRÕES**  
**A caracterização espacial do Cohatrac IV**

**São Luís - MA**

**2018**

**THALYTA FERNANDES FERREIRA**

**PRODUÇÃO DO ESPAÇO: UMA LEITURA SOBRE PRÁTICAS E PADRÕES**

**A caracterização espacial do Cohatrac IV**

Trabalho Final de Graduação  
apresentado ao Curso de Arquitetura e  
Urbanismo da Universidade Estadual do  
Maranhão para obtenção do grau de  
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marluce Wall de  
Carvalho Venancio

**São Luís - MA**

**2018**

Ferreira, Thalyta Fernandes.

Produção do espaço: uma leitura sobre práticas e padrões: a caracterização espacial do Cohatrac IV. / Thalyta Fernandes Ferreira. - São Luís, 2018.

103 f.

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marluce Wall de Carvalho Venancio.

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

1. Produção do Espaço. 2. Linguagem de Padrões. 3. Cohatrac. I. Título.

CDU: 72.011.1(812.1)

**THALYTA FERNANDES FERREIRA**

**PRODUÇÃO DO ESPAÇO: UMA LEITURA SOBRE PRÁTICAS E PADRÕES**

**A caracterização espacial do Cohatrac IV**

Trabalho Final de Graduação  
apresentado ao Curso de Arquitetura e  
Urbanismo da Universidade Estadual do  
Maranhão para obtenção do grau de  
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marluce Wall de  
Carvalho Venancio

Aprovado em:    /    /

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marluce Wall de Carvalho Venancio  
Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ingrid Gomes Braga  
Examinador 1

---

Prof. Me. Paulo Eduardo Silva de Vasconcelos  
Examinador 2

À Thalyta do futuro.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pelo apoio, incentivo e dedicação incondicionais. Ao meu irmão por estar sempre presente. À minha família por ser um alicerce em todos os momentos e ser um exemplo de perseverança. Cada um à sua maneira tem a minha admiração e meu respeito. Tenho sorte de ter cada um de vocês na minha vida. O que nos une é muito maior que um laço sanguíneo. Um agradecimento especial a tia Iarle, minha dinda querida, por todas as nossas conversas e tudo que elas acrescentaram e acrescentam a mim com ser humano, és um grande exemplo para mim.

A todos os meus professores o meu muito obrigada! Um agradecimento especial a professora Marluce Wall, que sempre confiou no meu trabalho e me proporcionou experiências incríveis como pesquisadora e pessoa. Além da professora Liza Andrade, que me recebeu e acolheu tão bem em Brasília durante o estágio. Vocês duas são pessoas incríveis, inteligentíssimas e tive muita sorte de tê-las conhecido e ter tido a oportunidade de trabalhar e crescer pessoal e profissionalmente com vocês. Gratidão!

Ao curso de Arquitetura e Urbanismo da UEMA agradeço por tudo que vivi, aprendi e cresci durante esses anos. Vivi tudo o que a graduação me proporcionou (iniciações científicas, congressos, encontros, estágio em outra universidade, escritório modelo, movimento estudantil, diretório acadêmico, projetos de extensão, viagens e etc) e agradeço às pessoas que encontrei pelo caminho que tornaram essa trajetória bem melhor e divertida. Ana Paula Branco, Ana Paula Verde, Érika, Ju, Karol, Marília, Robert e Taynah vocês são maravilhosos e agradeço muito por ter cada um de vocês na minha vida. Sem dúvida alguma vocês são presentes que a arquitetura me deu.

Ao EMAU Solar, o lugar onde me encontrei na faculdade, agradeço por tudo que pude viver, experimentar e crescer. Aprendi a lidar com pessoas, com sonhos e posso dizer que o EMAU é só o começo, a nossa luta segue!

Aos meus amigos, agradeço pelos momentos compartilhados e por serem pessoas incríveis. Andressa, Bia, Débora, Helena, Keitty, Matheus, Normanda e Thalia, amo vocês.

À Ana Flavia agradeço por tudo. Por estar presente em todos os momentos possíveis, por toda compreensão e amor. Tu és mais do que qualquer palavra pode definir.

Ao Romeu por ser um cãopanheiro que esteve ao meu lado em todos os momentos de desenvolvimento deste trabalho e que é meu parceirinho na vida.

*“Não sabendo que era impossível, foi lá e fez”*

Jean Cocteau



## RESUMO

A inquietação que motivou e norteou o presente trabalho parte da atuação do profissional arquiteto e urbanista e o papel do mesmo na construção dos espaços. Como eles têm sido pensados? Por quem? Para quem? Dessa forma, este trabalho visa compreender o processo de produção dos espaços, segundo a Teoria de Produção do Espaço, proposta pelo filósofo e sociólogo Henri Lefebvre além de aliar tal teoria com a Linguagem de Padrões proposta pelo arquiteto e matemático Christopher Alexander. A associação entre as duas teorias, se dará sob uma nova abordagem do espaço, proposta pela cientista social e geógrafa Doreen Massey. Buscando aliar teoria com prática e na tentativa de ilustrar todas as ideias abordadas pelos pensadores supracitados, o trabalho traz como caso referência uma leitura do bairro do Cohatrac, localizado em São Luís do Maranhão. A escolha do bairro se justifica pela sua dinâmica particular em relação aos demais bairros da cidade. Inicialmente um conjunto puramente habitacional, hoje o Cohatrac se destaca dos demais conjuntos por diversas peculiaridades.

**Palavras-chave:** Produção do Espaço. Linguagem de Padrões. Cohatrac.

## **ABSTRACT**

The restlessness that motivated and guided the present work starts from the performance of the architect and urbanist and its role in the construction of spaces. How have they been thought? By whom? For whom? Thus, this work aims to understand the process of space production, according to Space Production Theory, proposed by the philosopher and sociologist Henri Lefebvre, in addition to allying such theory with the Pattern Language proposed by the architect and mathematician Christopher Alexander. The association between the two theories will take place under a new approach to space, proposed by social scientist and geographer Doreen Massey. Seeking to ally theory with practice and in an attempt to illustrate all the ideas approached by the aforementioned thinkers, the work presents as a reference a reading of the neighborhood of Cohatrac, in São Luís, Maranhão. The choice of the neighborhood is justified by its particular dynamics in relation to the other city's neighborhoods. Initially a purely housing complex, today Cohatrac stands out from the other neighborhoods for many peculiarities.

**KEYWORDS:** Space Production. Pattern language. Cohatrac.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Diagrama da visão hegeliana sobre o processo dialético.	29
Figura 02: As tríades da produção do espaço de Henri Lefebvre.	31
Figura 03: As dimensões análogas da Teoria da Linguagem e da Teoria de Produção do Espaço de Lefebvre.	33
Figura 04: Escalas dos padrões espaciais de Alexander.	40
Figura 05: Padrão nº 40 - Mescla de faixas etárias.	45
Figura 06: Diagrama de solução do padrão nº 40 - Mescla de faixas etárias.	46
Figura 07: População economicamente ativa que já contratou os serviços de arquitetos e urbanistas.	53
Figura 08: Produção da COHAB-MA e das Cooperativas Habitacionais em São Luís até 1980.	55
Figura 09: Localização do bairro Cohatrac na Ilha Upaon-Açu.	57
Figura 10: Localização do bairro Cohatrac e sua sub-divisão (Cohatrac I, II, III, IV e V).	57
Figura 11: Cohatrac IV - Vista aérea.	58
Figura 12: Cohatrac IV - Delimitação e Praça Públicas.	58
Figura 13: Modelo tipológico I.	59
Figura 14: Modelo tipológico II.	59
Figura 15: Rua 28 do Cohatrac IV (à esq.) e o Shopping Passeio (à dir.).	61
Figura 16: Padrão n. 21 - Limite de quatro pavimentos.	61
Figura 17: Rua 30 (à esq.) e rua 06 (à dir.) do Cohatrac IV.	62
Figura 18: Padrão n. 38 - Moradias em fita.	62
Figura 19: Padrão n. 108 - Edificações conectadas entre si.	63
Figura 20: Padrão n. 122 - Fachadas frontais.	63
Figura 21: Fachadas de residências nas ruas 01, 02, 30 do Cohatrac IV.	64
Figura 22: Padrão n. 140 - Terraço privativo junto à rua.	65
Figura 23: Padrão n. 164 - Janelas para a rua.	65
Figura 24: Padrão n. 166 - Varandas e galerias.	66
Figura 25: Padrão n. 192 - Janelas voltadas para a vida lá fora.	66
Figura 26: Residências nas ruas 01 e 26.	67

Figura 27: Padrão n. 112- Espaço de transição.	67
Figura 28: Padrão n. 113 - Conexão entre a casa e o automóvel.	68
Figura 29: Venda de alimentos no Cohatrac IV.	69
Figura 30: Padrão n. 93 - Quiosques de vendas de alimentos.	69
Figura 31: Diversidade de pequenos comércios.	70
Figura 32: Padrão n.80 -Escritórios e oficinas com autoadministração.	71
Figura 33: Padrão n.87 - Lojas de propriedade individual.	72
Figura 34: Padrão n. 89 - Mercarias de esquina.	72
Figura 35: Padrão n.157 - Oficina em casa.	73
Figura 36: Cômodos para alugar nas ruas 01 e 26.	73
Figura 37: Padrão n.153 - Cômodos para alugar.	74
Figura 38: Depósitos de bebidas e bares no Cohatrac IV.	74
Figura 39: Padrão n. 90 - Cervejaria.	75
Figura 40: Padrão n. 88 - Cafés com mesas nas calçadas.	76
Figura 41: Padrão n.165 - Abertura para a rua.	76
Figura 42: Lanchonetes e bares em funcionamento durante a noite no Cohatrac IV.	77
Figura 43: Padrão n. 33 - Vida noturna.	77
Figura 44: Comércio e serviços na Avenida Contorno Norte e Restaurante Malaguetta's na Rua 13.	78
Figura 45: Padrão n.30 - Nós de atividade.	79
Figura 46: Padrão n.124 - Bolsões de atividades.	79
Figura 47: Padrão n.09 - Locais de trabalho bem distribuídos.	80
Figura 48: Padrão n.19 - Rede de comércio e serviços.	80
Figura 49: Praças do Cohatrac IV.	81
Figura 50: Padrão n. 60 - Praças acessíveis.	83
Figura 51: Padrão n.61 - Praças públicas pequenas.	83
Figura 52: Fim de tarde de domingo na Praça do Passeio.	84
Figura 53: Padrão n. 26 - Ciclo da vida.	85
Figura 54: Padrão n. 35 - Diversidade de domicílios.	85
Figura 55: Padrão n. 40 - Mescla de faixas etárias.	86
Figura 56: Padrão n. 08 - Mosaico de subculturas.	86

Figura 57: Prática de esportes na Praça do Passeio.	87
Figura 58: Padrão n. 27 - Homens e mulheres.	88
Figura 59: Padrão n.72 - Esportes comunitários.	88
Figura 60: Morador tirando cochilo na Praça das Árvores.	89
Figura 61: Padrão n. 94 - Dormir em público.	89
Figura 62: Horta comunitária na Praça Verão (à esq.) e na Avenida Joaquim Mochel (à dir.).	90
Figura 63: Padrão n. 177 - A horta.	91
Figura 64: Trânsito de pedestres nas Avenidas Contorno Leste (à esq.) e Contorno Norte (à dir.).	91
Figura 65: Padrão n. 123 - Densidade de pedestres.	92
Figura 66: Estacionamento na Praça do Passeio e na Farmácia Pague Menos.	92
Figura 67: Padrão n.103 - Estacionamentos pequenos.	93
Figura 68: Divisão vista da Rua 13 para a 14 (à esq.) e da Rua 26 para a 25 (à dir.).	93
Figura 69: Padrão n. 11 - Áreas de transporte local.	94
Figura 70: Igrejas localizadas no Cohatrac IV e entorno.	95
Figura 71: Padrão n. 66 - Solo sagrado.	96
Figura 72: UPA do Cohatrac II, o Socorrinho I.	96
Figura 73: Padrão n. 47 - Centros de saúde.	97
Figura 74: Placa de vende-se em residência e de aluga-se em quitinetes.	97
Figura 75: Padrão n. 79 - Sua própria casa.	98
Figura 76: “Cultive o Cohatrac”, pichação na Praça Verão.	98
Figura 77: Padrão n. 14 - Bairro identificável.	99

## **LISTA DE SIGLAS**

APA - Área de Preservação Ambiental

BNH - Banco Nacional da Habitação

COHATRAC - Conjunto Habitacional dos Trabalhadores do Comércio

FAPEMA - Fundação de Amparo à pesquisa e ao desenvolvimento científico e tecnológico do Maranhão

FCP - Fundação da Casa Popular

IAPB - Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Bancários

IAPC - Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comercários

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SFH - Sistema Financeiro de Habitação

UPA - Unidade de Pronto Atendimento

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2 O ESPAÇO POR DOREEN MASSEY</b>	<b>15</b>
2.1 Da colonização à globalização	15
2.2 Abordagem alternativa do espaço I	18
2.3 O desafio do espaço e a abertura para reimaginação	19
2.4 Espaço e política	22
2.5 Espaço e tempo	23
2.6 Abordagem alternativa do espaço II	24
<b>3 HENRI LEFEBVRE E A TEORIA DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO</b>	<b>27</b>
3.1 Dialética triádica	27
3.2 Teoria de Produção do Espaço	30
3.2.1 Linguagem e a tríade linguística ou semiótica	31
3.2.2 Fenomenologia francesa e tríade fenomenológica	34
<b>4 CHRISTOPHER ALEXANDER E A LINGUAGEM DE PADRÕES</b>	<b>37</b>
<b>5 ESPAÇO: A TEORIA DE ALEXANDER E LEFEBVRE SOB A ABORDAGEM DE MASSEY</b>	<b>49</b>
<b>6 CASO REFERÊNCIA: O BAIRRO COHATRAC</b>	<b>52</b>
6.1 Espaço concebido e representações do espaço	53
6.2 Espaço percebido e as práticas espaciais, espaço vivido e os espaços de representação	68
<b>7 CONCLUSÃO</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>102</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Compondo a pesquisa “Caminhos do Projetar: um estudo sobre concepção colaborativa e projeto participativo como práxis do projeto do habitat urbano em busca da construção de uma cidade inclusiva” realizada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marluce Wall, o projeto de iniciação científica “Sentidos do projetar: colaborar, participar, compartilhar saberes e fazeres”, durante o seu desenvolvimento - que foi possibilitado pelo fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) - trouxe uma aproximação com a teoria de Christopher Alexander e Henri Lefebvre.

Ambos teorizam sobre o espaço e suas dinâmicas e a inquietação que motivou e norteou o presente trabalho parte da atuação do profissional arquiteto e urbanista e o papel do mesmo na construção dos espaços. Como eles têm sido pensados? Por quem? Para quem? Partindo do dado da pesquisa CAU/BR-Datafolha de que apenas 7% da população economicamente ativa é atendida por arquitetos e urbanistas, fica claro “que a autoconstrução sem assistência técnica adequada tem preponderado na construção das cidades.” (CAU/BR-Datafolha, 2015)

Visto isso, este trabalho visa compreender o processo de produção dos espaços, segundo a Teoria de Produção do Espaço, proposta pelo filósofo e sociólogo Henri Lefebvre além de aliar tal teoria com a Linguagem de Padrões proposta pelo arquiteto e matemático Christopher Alexander, o qual desenvolve uma série de padrões espaciais observados no ambiente construído: desde edifícios à espaços públicos de uso coletivo.

Entendendo o espaço como um produto social, a sua produção diz respeito à pessoas. Nesse sentido, pensando nas pessoas e no seu direito de usufruir de espaços dignos e de qualidade, o presente trabalho se preocupa em entender a lógica de produção do espaço e as suas dinâmicas para que isso possa colaborar com a construção de espaços cada vez melhores.

Uma vez que a arquitetura tem sido cada vez mais uma profissão de glamour, onde a elite é quem majoritariamente tem acesso aos seus serviços, fica o questionamento do que está sendo construído por e para todas as outras parcelas da população. Trata-se de uma análise social que envolve desde o papel do arquiteto até a forma como as pessoas criam



sentimento de pertença aos espaços. Entender isso, permite enxergar a arquitetura, o urbanismo, os edifícios e as cidades sob uma nova ótica.

Vale ressaltar, que no campo acadêmico e de ensino de arquitetura e urbanismo o trabalho contribui para o entendimento das relações na cidade, relações espaço-tempo e espaço-sociedade, para que possamos entender o nosso papel na produção desses espaços e a melhor forma de colaborar e contribuir positivamente nessa produção.

Os principais autores que compõem o referencial teórico deste trabalho são Christopher Alexander e Henri Lefebvre. Ambos contribuem com seus estudos e teorias sobre o espaço e cada um tem a sua relevância. Alexander, através do desenvolvimento de uma linguagem de padrões, extraída da percepção do ambiente construído, demonstra um zelo muito grande com o que diz respeito ao humano e às pessoas. Preocupa-se com a participação das mesmas no processo de projeto e dedica-se a atender às expectativas e necessidades dos usuários. Lefebvre, por sua vez, ao desenvolver a Teoria de Produção do Espaço “ integra sistematicamente as categorias de cidade e espaço em uma única e abrangente teoria social, permitindo a compreensão e a análise dos processos espaciais em diferentes níveis.” (SCHMID, 2012).

As demais leituras complementares se baseiam nos autores Doreen Massey e William Foote-Whyte. Massey pelo aporte na conceituação de espaço sob uma nova abordagem e Foote-Whyte pela contribuição no que tange a observação participante.

Buscando aliar a teoria com a prática, esse trabalho apresenta como caso referência a caracterização espacial do bairro do Cohatrac. Criado na década de 70, período no qual surgiram na cidade de São Luís do Maranhão as primeiras cooperativas habitacionais financiadas pelo extinto Banco Nacional de Habitação (BNH). O Cohatrac nasce da Cooperativa Habitacional dos Trabalhadores do Comércio. Inicialmente um conjunto puramente habitacional, hoje o Cohatrac se destaca dos demais conjuntos por diversas peculiaridades. Chamado por alguns moradores como “Cohatrac city”, o bairro se mostra muito autônomo dos demais tendo uma vida própria. Buscando entender a dinâmica do local, esse trabalho traz o bairro como caso referência.

## 2 O ESPAÇO POR DOREEN MASSEY

De acordo com Massey (2008, p. 39) “Henri Lefebvre mostra, nos argumentos iniciais de *The production of space* [A produção do espaço] (1991), que, frequentemente, usamos essa palavra ‘espaço’, em linguagem popular ou acadêmica, sem estar totalmente conscientes do que queremos dizer com ela.”. E é partindo do pressuposto de que uma reflexão sobre o espaço e o modo como o pensamos é importante que os argumentos aqui presentes, explanados no livro “*Pelo Espaço - Uma nova política da espacialidade*”, surgem.

O argumento fundamental deste livro é que importa o modo como pensamos o espaço; o espaço é uma dimensão implícita que molda nossas cosmologias estruturantes. Ele modula nossos entendimentos do mundo, nossas atitudes frente aos outros, nossa política. Afeta o modo como entendemos a globalização, como abordamos as cidades e desenvolvemos e praticamos um sentido de lugar. Se o tempo é a dimensão da mudança, então o espaço é a dimensão do social: da coexistência contemporânea de outros. E isso é ao mesmo tempo um prazer e um desafio (MASSEY, 2008, p. 15).

### 2.1 Da colonização à globalização

Compreender a forma como o espaço é visto hoje, perpassa também pelo entendimento de como ele e a própria história do mundo tem sido contada. Voltemos então à época das viagens de descoberta. A forma como a história da colonização é contada, é em termos de cruzamento e conquista do espaço, o qual é visto como algo a ser atravessado e conquistado. Conceber o espaço dessa forma, como uma mera superfície, tem seus efeitos. Os “povos descobertos” ficam desprovidos de história, apenas ocupando um lugar sem as suas próprias trajetórias. “Esse modo de conceber o espaço pode assim, facilmente, nos levar a conceber outros lugares, povos, culturas, simplesmente como um fenômeno ‘sobre’ essa superfície” (MASSEY, 2008, p. 23).

A colonização foi muito mais do que

[...] um tipo de subproduto secundário dos acontecimentos na Europa.[...] A trajetória européia (apesar de ser a mais poderosa, certamente, em termos militares e outros) deveria não apenas ser "descentrada", mas poderia, também, ser reconhecida como apenas uma das histórias que estavam sendo feitas àquela época. Esta é a multiplicidade que é o tema central do magnífico livro de Eric Wolf *Europe and the people without history* (1982). É o *encontro* de Montezuma e Cortés. Ele envolve

(poderia envolver) uma visão diferente do próprio espaço. Trata-se de um distanciamento em relação àquela imaginação do espaço como uma superfície contínua, que o colonizador, como o único agente ativo, atravessa para encontrar aquele a-ser-colonizado simplesmente "lá". Isto seria espaço, não como uma superfície lisa, mas como a esfera da coexistência de uma multiplicidade de trajetórias (MASSEY, 2008, p. 100, grifo do autor).

Fica claro, assim, que

[...] a estória do mundo não pode ser contada (nem sua geografia elaborada) como a estória apenas do 'Ocidente', ou a estória, por exemplo, daquela figura clássica (irônica e freqüentemente, ela própria essencializada) do macho branco, heterossexual e que essas eram estórias particulares, entre muitas outras [...]. Tais trajetórias foram parte de uma complexidade, e não os universais que elas, por tanto tempo, propuseram ser." (MASSEY, 2008, p. 31).

Tendo compreendido toda a questão da "única narrativa" de mundo (uma narrativa claramente ocidental) a qual "oblitera as multiplicidades, as heterogeneidades contemporâneas do espaço. Reduz coexistências simultâneas a um lugar na fila da história." (MASSEY, 2008, p. 24). E se ao invés de entender espaço como superfície o concebêssemos como um encontro de histórias? E se ampliássemos a "única narrativa" para oferecer espaço a uma multiplicidade de trajetórias? O espaço é "marcado pela multiplicidade, apesar de todas as tentativas e os discursos vãos da homogeneização e da padronização generalizadas." (MASSEY, 2008, p. 09). Avancemos à era da globalização.

Massey (2008) afirma que a globalização é um termo constantemente usado e muito poderoso em nossas imaginações geográficas e sociais. O termo evoca uma visão de mobilidade desimpedida, de espaço livre, sem limites. Ao invés de uma percepção de mundo com lugares delimitados (como no período da colonização), fazemos parte agora de um mundo de fluxos.

Entretanto, Massey entende que "a 'globalização' em sua forma atual não é o resultado de uma lei da natureza (ela própria um fenômeno em questão) - é um projeto. "[...] *Essa não é uma descrição do mundo como ele é, mas uma imagem através da qual o mundo está sendo feito.*" (MASSEY, 2008, p. 13, grifo nosso).

A globalização é vista como inevitável, assim, como na modernidade, o progresso também foi visto. Novamente, é uma forma de pensar que traz efeitos no modo como o espaço é visto. As diferenças espaciais são vistas sob uma sequência temporal. Os países ditos

em desenvolvimento têm suas trajetórias totalmente anuladas, uma vez que supõe-se que esses países estão seguindo o mesmo caminho das grandes potências mundiais. (MASSEY, 2008).

Trata-se de uma narrativa com uma trajetória única [...] esses países - precisamente - não têm espaço para contar histórias diferentes, para seguir outro caminho. Eles são coagidos a entrar na linha, atrás dos que planejaram a fila. Além disso, não apenas seu futuro é, assim, supostamente previsto, mas nem mesmo isto é verdade, pois, precisamente, seu envolvimento dentro de relações desiguais da globalização capitalista assegura que eles não "irão segui-los". O futuro que é considerado inevitável, é improvável que seja atingido. Esta concepção das diferenças geográficas contemporâneas em termos de seqüência temporal, esta sua transformação em uma estória de "alcançar", obstrui as relações e práticas atuais e sua implacável *produção* dentro dos circuitos da globalização capitalista *em curso*, de crescente desigualdade. (MASSEY, 2008, p. 126, grifo do autor).

Ademais, existe um outro ponto nessa discussão. Segundo Massey (2008), a globalização é discutida, pelas instituições e governos dominantes, nos termos do livre-comércio. O qual, por sua vez, é discutido em termos que sugerem um direito auto evidente à mobilidade global. Todavia, ao surgir o debate acerca da imigração, o imaginário de espaço - até então aberto, de fluxos, sem limites e barreiras - se desloca para o imaginário dos lugares defensáveis, dos direitos do "povo local" aos seus próprios "lugares locais", de um mundo dividido pela diferença e pelo sabor de fronteiras firmes, uma imaginação geográfica de nacionalismos.

“Portanto, aqui temos duas verdades, aparentemente auto evidentes, uma geografia sem fronteiras e de mobilidade e uma geografia de disciplina de fronteira; duas imaginações geográficas do espaço global completamente antinômicas, que são evocadas sucessivamente.” (MASSEY, 2008, p. 132). Nessa era da globalização, temos um imaginário que está a favor de quem já é poderoso.

O capital, os ricos, os qualificados... podem se mover com mais facilidade pelo mundo, como investimento, ou comércio, ou em função de grande demanda de trabalho, ou como turistas, e, ao mesmo tempo, quer seja nos países ocidentais de imigração controlada ou nas comunidades muradas dos ricos em qualquer metrópole importante de qualquer lugar, ou nos redutos elitizados de produção de conhecimento e de alta tecnologia, eles podem proteger seus lares-fortaleza. Enquanto isso, os pobres e os não-qualificados das chamadas margens deste mundo são instruídos tanto a abrir suas fronteiras e dar as boas-vindas à invasão do Ocidente, sob qualquer forma que ela venha, quanto a permanecer onde estão (MASSEY, 2008, p. 132).

O que está em questão diz respeito às nossas imaginações geográficas. “A imaginação da globalização como uma seqüência histórica não reconhece a coexistência simultânea de outras histórias com características que sejam distintas (o que não implica estarem desconectadas) e futuros que, potencialmente, também possam sê-lo.” (MASSEY, 2008, p. 31).

O pensamento que ainda domina é o de que “não devemos imaginá-los como tendo suas próprias trajetórias, suas próprias histórias específicas e o potencial para seus próprios, talvez diferentes, futuros. Não são reconhecidos como outros coetâneos. Estão, meramente, em um estágio anterior, na única narrativa que é possível fazer.”(MASSEY, 2008, p. 24).

## 2.2 Abordagem alternativa do espaço I

Doreen Massey, então, defende uma abordagem alternativa do espaço e sugere que tal abordagem ainda precisa ser mais elaborada. Para entender esta abordagem, Massey (2008) propõe reduzi-la a proposições:

Primeiro, reconhecemos o espaço como o produto de inter-relações, como sendo constituído através de interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno. [...] Segundo, compreendemos o espaço como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera, portanto, da coexistência da heterogeneidade. Sem espaço, não há multiplicidade; sem multiplicidade, não há espaço. Se espaço é, sem dúvida, o produto de inter-relações, então deve estar baseado na existência da pluralidade. Multiplicidade e espaço são co-constitutivos. Terceiro, reconhecemos o espaço como estando sempre em construção. Precisamente porque o espaço, nesta interpretação, é um produto de relações-entre, relações que estão, necessariamente, embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas, ele está sempre no processo de fazer-se. Jamais está acabado, nunca está fechado. Talvez pudéssemos imaginar o espaço como uma simultaneidade de estórias-até-agora<sup>1</sup> (MASSEY, 2008, p. 29).

Entender, portanto, o espaço como o produto de inter-relações é entendê-lo como reflexo de uma política de inter-relações a qual propõe um entendimento relacional do mundo e, que por sua vez, responda a tudo isso. Já entender o espaço como a esfera da coexistência

---

<sup>1</sup> No livro original “stories-so-far”, na tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert “estórias-até-agora”.

da heterogeneidade, implica no fato de que reconhecer a multiplicidade e a heterogeneidade em si mesmas vai depender de um reconhecimento da espacialidade, logo, a espacialização da teoria social e do pensamento político pode resultar em um reconhecimento da coexistência simultânea de outros, com suas próprias trajetórias e com sua própria história para contar. Ademais, entender o espaço como sempre em construção resulta em compreender que o espaço jamais poderá ser uma simultaneidade completa, onde toda e qualquer interconexão já tenha sido estabelecida e no qual todos os lugares estão ligados uns aos outros. O espaço, então, diz respeito a resultados imprevisíveis e ligações ausentes. O espaço deve ser aberto para que o futuro também o seja. (MASSEY, 2008).

### **2.3 O desafio do espaço e a abertura para reimaginação**

A abordagem alternativa de espaço proposta por Doreen Massey difere das imaginações hegemônicas de espaço. Entretanto, a forma como o espaço é comumente visto e imaginado tem influência de pensadores e doutrinas. Trataremos, então, de “certas posições comumente aceitas, ainda que não diretamente relacionadas com o espaço, [que] têm repercussões, todavia, no modo pelo qual o imaginamos.” (MASSEY, 2008, p. 39).

Massey (2008, p. 41) afirma que “pelo menos nos últimos séculos, o espaço tem sido menos valorizado e tem recebido menos atenção do que o tempo (na geografia, Ed Soja [1989] defendeu fortemente este argumento)”. Mais especificamente na segunda metade do século XIX, houve uma desvalorização e subordinação do espaço em relação ao tempo, que segundo Soja, teve Henri Bergson como um dos seus mais poderosos instigadores (SOJA, 1989 apud MASSEY, 2008).

Entretanto, não se trata apenas de uma mera priorização do tempo sobre o espaço. É uma questão de conceituação. Assim, o problema não foi Bergson ter despriorizado o espaço, mas sim o fato de entender espaço como representação, pois dessa forma, o dinamismo do espaço foi negado e ele contraposto ao tempo (MASSEY, 2008).

Vários autores, de acordo com Massey (2008), conceberam a representação como espacialização. As argumentações e formas de construção do pensamento foram por vezes diferentes, cada uma seguindo seu próprio caminho, porém, sempre chegando na mesma

conclusão: espaço como representação. Dentre tais pensadores estão, além de Bergson, Ernesto Laclau, Gilles Deleuze e Michel de Certeau.

Massey (2008) não acredita que a equivalência entre representação e espacialização deva ser aceita como um dado e disseminada sem sequer ser questionada, uma vez que tem, certamente, obviedade intuitiva. Ela levanta duas questões que estão em jogo: “primeiro, a questão de que a representação, necessariamente, fixa e, portanto, amortece e deprecia o fluxo da vida; e, segundo, que o produto desse processo de amortecimento é o espaço.” (MASSEY, 2008, p. 52).

Essa maneira, historicamente significativa, de imaginar espaço/espacialização, não somente deriva de uma suposição de que o espaço é para ser definido como falta de temporalidade (parando o tempo), mas também tem contribuído, substancialmente, para que ele continue a ser pensado dessa forma. Reforçou a imaginação do espacial como petrificação e como um abrigo seguro em relação ao temporal, e - nas imagens que, quase inevitavelmente, evoca, da horizontalidade plana da página - ele, mais adiante, torna "auto-evidente" a noção de espaço como uma superfície. Todos esses imaginários não apenas reduzem nossa compreensão da espacialidade como também, através deles, tornam ainda mais difícil o projeto central de todos esses autores: o de abertura da própria temporalidade. (MASSEY, 2008, p. 54)

Os questionamentos de Massey (2008) perpassam três pontos: o primeiro ponto de que todo esse posicionamento intelectual e esse modo de pensar tem uma história, é produto de um processo, logo, não é auto evidente; O segundo ponto de que o que conceituamos não é apenas tempo, mas sim espaço-tempo. O mundo vivido certamente é temporal, entretanto, também é espacial e a representação é uma tentativa de apreender os dois aspectos desse mundo; O terceiro ponto de que o mapa não é o território, logo, não se trata do mapa e sim do território que é, inteiramente, espaço-temporal.

Assim, Massey (2008) defende o espaço não como a velha cadeia de “significado-espaço-representação-estase”, que exerce até hoje seu poder, mas sim o “espaço como a dimensão de trajetórias múltiplas, uma simultaneidade de estórias-até-agora. O espaço como a dimensão de uma multiplicidade de durações.” (MASSEY, 2008, p. 49).

Na segunda metade do século XX, o estruturalismo ganha força. Massey (2008, p. 64) afirma que “o objetivo do estruturalismo, de fato, parece ter sido o de colocar o espaço, mais do que o tempo, na agenda intelectual [...] o estruturalismo voltou-se para os conceitos

de estrutura, espaço e sincronia. Em vez de narrativa, estrutura; em vez de diacronia, sincronia; em vez de tempo, espaço.”

Entretanto, os estruturalistas equiparam estruturas atemporais com o espaço e o espaço passa a ser concebido como a absoluta negação do tempo. Se formula, então, duas cadeias antagônicas: narrativa/temporalidade/diacronia, de um lado, e estrutura/espacialidade/sincronia, de outro. O espaço passa a ser apresentado como esfera da estase e da fixidez e esse tipo de conceituação, o reduz e o priva de todo seu potencial político. (MASSEY, 2008)

Apesar dessa visão estruturalista sobre o espaço, o estruturalismo foi visto por alguns como "uma das vias mais importantes do século XX para a reafirmação do espaço na teoria social crítica" (SOJA, 1989, p. 18 apud MASSEY, 2008, p. 65)

Chega a vez do pós-estruturalismo e de acordo com Massey (2008, p. 71) o que ele “conseguiu de mais importante foi a dinamização e a desarticulação das estruturas do estruturalismo. Ironicamente, a temporalização abriu-as à espacialidade - ou, pelo menos, tem o potencial de fazê-lo. Impregnou essas estruturas de temporalidade e abalou-as para revelar a existência de outras vozes.”

“Chantal Mouffe e Ernesto Laclau foram teóricos importantes nesse movimento. Seus objetivos, neste aspecto, foram tanto o de abrir as estruturas para a temporalidade quanto o de conceber a temporalidade como aberta, como envolvendo o potencial para a produção do novo.” (MASSEY, 2008, p. 71). Contudo, a ideia de espaço e de espacialização permanece inalterada desde os primórdios do estruturalismo.

A temporalidade é reconceituada de uma forma liberadora, mas "espaço/espacialidade" é relativamente negligenciado. A terminologia espaço/espacialidade é empregada para designar, simplesmente, a falta de temporalidade. Não é reconceituada por seus próprios méritos. As estruturas que são fechadas (por exemplo, estruturas de hegemonia e de representação) são chamadas de "espaço". E, correlativamente, a noção de espacialidade se refere, acima de tudo, à falta de abertura causal (MASSEY, 2008, p. 71).

Ainda na segunda metade do século XX, surge a noção da desconstrução. “Derrida não emprega a terminologia do espaço como simples categoria residual de negatividade do temporal. Ele lhe dá atenção explícita por ela mesma. “[...] Dentro da



desconstrução (pelo menos em sua teoria, se não sempre em sua prática) o espaço é explicitamente temporalizado.” (MASSEY, 2008, p. 81).

Ainda assim, Massey (2008, p. 88) entende a desconstrução como

[...] incapaz de gerar um reconhecimento do espaço como a esfera da multiplicidade coexistente, o espaço como uma simultaneidade de estórias-até-agora. Por si mesmo, o ponto de vista da desconstrução não é suficiente para alcançar aquele transladar necessário do espaço, de uma cadeia estase/representação/fechamento para uma associação com abertura/irrepresentabilidade/multiplicidade externa. (MASSEY, 2008, p. 88).

Podemos compreender então que as correntes de pensamento supracitadas não tinham de maneira alguma o objetivo de reconceituar o espaço, entretanto, seus debates e indagações permitiram uma abertura capaz de contribuir para uma reimaginação e reformulação do mesmo. Nesse contexto, Massey (2008, p. 89) espera “contribuir para um processo de libertação do espaço de sua velha cadeia de significado e associá-lo a uma cadeia diferente, na qual pudesse ter, particularmente, maior potencial político.”

## 2.4 Espaço e política

Entender o espaço de acordo com as proposições de Massey é entender também que

[...] essas proposições repercutem em recentes mudanças, em certos lugares, nos modos com que a política progressista pode, também, ser imaginada. Certamente é parte de meu argumento que não apenas o espacial é político (o que, depois de muitos anos e do muito que foi escrito a respeito, pode ser tido como dado), mas que sobretudo, pensar no espacial de um modo específico, pode perturbar a maneira em que certas questões políticas são formuladas, pode contribuir para argumentações políticas já em curso e - mais profundamente - pode ser um elemento essencial na estrutura imaginativa que permite, em primeiro lugar, uma abertura para a genuína esfera do político. (MASSEY, 2008, p.30)

Massey (2008, p. 34) acredita que o que precisa ser feito é “arrancar o ‘espaço’ daquela constelação de conceitos em que ele tem sido, tão indiscutivelmente, tão freqüentemente, envolvido (estase, fechamento, representação) e estabelecê-lo dentro de outro conjunto de idéias (heterogeneidade, relacionalidade, coetaneidade... caráter vívido, sem dúvida) onde seja liberada uma paisagem política mais desafiadora.”

Uma vez que o espaço tem sido conceituado dentro da esfera da estase e fixidez, ele tem sido privado de todo o seu potencial político. Além disso, “o espaço tem sido interpretado por muitos como apolítico porque ele é conceituado como um todo sem costuras, como o sistema totalmente fechado”. (MASSEY, 2008, p.71).

Com vimos anteriormente, Massey defende o espaço como produto de inter-relações. “Trata-se de um mundo sendo feito, através de relações, e aí se encontra a política.” (MASSEY, 2008, p. 37). “Nesse contexto, o espaço é a dimensão que coloca a questão do social e, assim, do político (enquanto os espaços "reais" são produzidos *através* do social e do político).” (MASSEY, 2008, p. 150, grifo do autor).

O que Massey (2008) defende é, então, um reconhecimento das características próprias do espaço e uma política que possa ser sensível a tais características. Logo, trata-se de analisar “o espaço ordinário, o espaço e os lugares através dos quais, na negociação de relações dentro da multiplicidade, o social é construído.” (MASSEY, 2008, p. 35).

“Certamente, como Laclau, em particular, fortemente defenderia, apenas se concebermos o futuro como aberto poderemos, seriamente, aceitar ou nos engajar em qualquer noção genuína de política. Apenas se o futuro for aberto haverá campo para uma política que possa fazer diferença.” (MASSEY, 2008, p. 35).

## 2.5 Espaço e tempo

Por vezes contrapostos e vistos como uma grande antítese, espaço e tempo, de acordo com Massey (2008), devem ser vistos como distintos, no entanto, co-implicados. A autora defende ainda que espaço e tempo não são redutíveis um ao outro, ambos se diferem, entretanto, sobre ambos repousa o caráter vívido do mundo. Assim, ambos devem ser pensados juntos.

Um tópico é o de que tempo e espaço têm de ser pensados conjuntamente: que isso não é um mero floreio retórico, mas que influencia o que pensamos sobre ambos os termos, que pensar tempo e espaço conjuntamente não significa que eles sejam idênticos (por exemplo, em alguma quarta dimensionalidade indiferenciada); pelo contrário, significa que a imaginação de um terá repercussões (nem sempre inteiramente seguidas) para a imaginação do outro e que espaço e tempo estão implicados um no outro, que isto revela alguns problemas que, até então, pareciam (logicamente, intratavelmente) insolúveis, e que isso tem conseqüências para o pensamento sobre a política e o espacial. Pensar sobre história e temporalidade tem, necessariamente, implicações (quer as reconheçamos ou não) em relação ao modo como imaginamos o espacial. (MASSEY, 2008, p. 40).

Trata-se, portanto, de um reconhecimento da duração em coisas externas e a interpenetração, embora não a equivalência, entre espaço e tempo. Massey (2008) afirma que várias correntes filosóficas consideraram os desafios e encantos da temporalidade, o que resultou em uma apreciação da mesma como uma dimensão vital da própria existência e da vida e reitera que “o argumento aqui é que o espaço é igualmente vivo e igualmente desafiador, e que, longe de ser morto e fixo, a própria enormidade de seus desafios significa que as estratégias para dominá-lo têm sido muitas, variadas e persistentes.” (MASSEY, 2008, p. 35)

Conceber o espaço como um recorte estático através do tempo, como representação, como um sistema fechado, e assim por diante, são todos modos de subjugar-lo. Eles nos permitem ignorar sua verdadeira relevância: as multiplicidades coetâneas de outras trajetórias e a necessária mentalidade aberta de uma subjetividade espacializada. Em grande parte da filosofia o tempo que tem sido uma fonte de estimulação (em sua vida) ou de terror (em seu passar). Quero afirmar (e deixando de lado, no momento, o fato de que não os deveríamos separar dessa forma) que o espaço é igualmente divertido e ameaçador. Se o tempo deve ser aberto para um futuro do novo, então o espaço não pode ser equiparado com os fechamentos e horizontalidades da representação. De um modo mais geral, se o tempo deve ser aberto então o espaço tem de ser aberto também. Conceituar o espaço como aberto, múltiplo e relacional, não acabado e sempre em devir, é um pré-requisito para que a história seja aberta e, assim, um pré-requisito, também, para a possibilidade da política. (MASSEY, 2008, p. 94)

## 2.6 Abordagem alternativa do espaço II

Tratamos da nova abordagem de espaço proposta por Doreen Massey anteriormente, mas vale reiterar tal abordagem e acrescentar alguns pontos analisados pela autora.

O debate partiu da proposição de que o espaço é uma multiplicidade discreta<sup>2</sup>, cujos elementos, porém, estão, eles próprios, impregnados de temporalidade. Uma contemporaneidade estática foi rejeitada em favor de uma simultaneidade dinâmica. Outra forma de impedir uma apreciação da multiplicidade dinâmica que é o espaço foi afirmar que sua imaginação seria como um sistema fechado imóvel. A questão aqui é, em vez disso, compreender o espaço como uma produção aberta contínua. Além de injetar temporalidade no espacial, isto também reitera seu aspecto como multiplicidade discreta, pois enquanto o sistema fechado é a base para o universal singular, abrindo-o cria-se espaço para uma genuína multiplicidade de trajetórias, e assim, potencialmente, de vozes. Isso também pressupõe uma multiplicidade discreta positiva, em oposição a uma imaginação do espaço como o produto da espacialização negativa, através da degradação do outro. (MASSEY, 2008, p. 89)

---

<sup>2</sup> Doreen Massey entende multiplicidade discreta como o que se refere a magnitudes extensivas e entidades distintas, o reino da diversidade.

Logo, espaço é visto por Massey (2008) como uma arena de possibilidades. O espaço como condição tanto da existência da diferença quanto do encontro dos diferentes. A autora reitera que o espaço jamais

[...] será um todo já-interconectado, mas um produto contínuo de interconexões e não-conexões. Assim, ele será sempre inacabado e aberto. Esta arena do espaço não é um terreno firme para ficar. Não é, de forma alguma, uma superfície. Trata-se do espaço como a esfera de uma simultaneidade dinâmica, constantemente desconectada por novas chegadas, constantemente esperando por ser determinada (e, portanto, sempre indeterminada) pela construção de novas relações. (MASSEY, 2008, p. 160).

Aproveitando que a autora assegura que o espaço não é de forma alguma uma superfície, vale ressaltar o que ela desenvolve sobre os mapas como ferramenta que ajudam a estabelecer essa ideia. Massey (2008) afirma que os mapas são a representação de uma estrutura, uma representação ordenadora e se preocupa com a forma dominante de mapeamento, que além de enxergar o espaço como superfície e a esfera de uma completa horizontalidade, ainda coloca o observador fora e acima do objeto do olhar. Em um mapa, “não percebemos as rupturas do espaço, o encontro com a diferença. No mapa rodoviário não dirigimos fora dos limites do mundo conhecido. No espaço, como eu quero imaginá-lo, poderíamos.” (MASSEY, 2008, p. 165)

Imaginemos uma viagem de trem de um lugar à outro. Massey (2008) enxerga as viagens, não no espaço como uma superfície mas sim uma viagem através de trajetórias.

Há uma passagem famosa, creio que de Raymond Williams ... Ele, também, está em um trem e capta um quadro, uma mulher de avental, curvada para limpar uma vala com um bastão. Para o passageiro do trem ela estará fazendo isso para sempre. Ela é apanhada naquele instante, quase imobilizada. Talvez ela esteja fazendo isso (“tenho de limpar esta vala antes de ir embora”) assim que acabou de trancar sua casa para partir para visitar sua irmã, meio mundo distante, a qual ela não vê há anos. A partir do trem ela não está indo a lugar nenhum, está presa no instante sem tempo. Pensando o espaço como a esfera de uma multiplicidade de trajetórias, imaginando uma viagem de trem (por exemplo) como se fosse dirigir em alta velocidade através de estórias em processo, significa trazer a mulher de avental à vida, reconhecê-la como outra vida em processo. (MASSEY, 2008, p. 176)

Entender que existem trajetórias independentes em processo nos leva a uma outra questão: a evolução dos lugares. Imagine um migrante que volta ao seu lar e não o encontra como havia deixado no passado (e nesse caso, me refiro a mudanças tanto físicas quanto na

vida das pessoas). Massey (2008) entende que essa volta para casa por vezes é tratada como uma viagem no tempo e no espaço, uma viagem ao passado, no entanto,

[...] os lugares mudam, eles prosseguem sem você. [...] Pois a verdade é que nunca se pode simplesmente "voltar", ir para casa ou para qualquer outro lugar. Quando você chega "lá", o lugar terá prosseguido assim como você terá mudado. E essa é, naturalmente, a questão. Pois abrir "espaço" para esse tipo de imaginação significa pensar tempo e espaço como mutuamente imbricados e pensar em ambos como produto de inter-relações. Não se pode voltar no espaço-tempo. Pensar que se pode privar os outros de suas histórias independentes em processo. [...] Não se pode fazer com que os lugares parem. O que se pode fazer é encontrar os outros, alcançar onde a história do outro chegou "agora", mas onde esse "agora" (mais rigorosamente, esse "aqui é agora", esse *hic et nunc*) é ele próprio constituído por nada mais do que - precisamente - aquele encontro (mais uma vez). (MASSEY, 2008, p. 183, grifo do autor).

Um outro ponto abordado pela autora é o de que “se o espaço é, sem dúvida, uma simultaneidade de histórias-até-então, lugares são, portanto, coleções dessas histórias, articulações dentro das mais amplas geometrias do poder do espaço. Seu caráter será um produto dessas interseções, dentro desse cenário mais amplo, e aquilo que delas é feito” (MASSEY, 2008, p. 190). A autora entende ainda, que para o reconhecimento do lugar, a natureza e a paisagem natural são fundamentos clássicos e que deve haver uma relação criativa para com o não-humano como outro participante nesta construção dos lugares (lugares não são apenas constructos humanos).

Como Little (1998) sugere "a noção hegemônica atual de que o ambiente biofísico é nada mais do que uma massa inerte que os humanos podem manipular e dominar deve ser abandonada e substituída pela noção de que ele é, também, um ator essencial, ainda que natural e não-social, na criação de lugares habitáveis" (LITTLE, 1998, p. 75 apud MASSEY, 2008, p. 256).

Depreendemos, então, do discurso de Doreen Massey que o espaço é moldado através de suas relações e são essas relações que podem construir uma nova e melhor noção de espaço. São relações entre pessoas, relações entre pessoas e a natureza, relações entre pessoas e o ambiente construído. Relações. As quais carregam consigo um conteúdo social, político e ético e que moldam e constroem o espaço. O qual é aberto e está em eterna construção.

### 3 HENRI LEFEBVRE E A TEORIA DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO

Tendo o conceito de espaço definido de acordo com a abordagem de Doreen Massey, esse capítulo se dedica a entender o processo no qual esse espaço é produzido. O que se dará com a Teoria de Produção do Espaço proposta por Henri Lefebvre.

A priori, se faz necessário elucidar alguns pontos indispensáveis para compreensão desta teoria. De acordo com Christian Schmid - geógrafo, sociólogo e pesquisador urbano suíço - tem ocorrido confusões na apropriação e interpretação da obra de Lefebvre. Desse modo, Schmid analisa e reconstrói a teoria do autor, buscando reconhecer quais os elementos que compõem sua estrutura básica bem como os fundamentos de sua epistemologia. Assim, Schmid (2012) esclarece que “é preciso considerar três aspectos cruciais até então negligenciados para compreender a teoria de Lefebvre: (1) sua versão triádica da dialética, desenvolvida com base em Hegel, Marx e Nietzsche; (2) sua teoria da linguagem baseada em Nietzsche; e (3) a influência da fenomenologia francesa em seu pensamento.”

Buscando uma compreensão da Teoria de Produção do Espaço, partiremos desses três pontos, uma vez que “esses três aspectos negligenciados poderiam contribuir decisivamente para um melhor entendimento dos trabalhos de Lefebvre e para uma apreciação mais completa de sua importante e inovadora teoria da produção do espaço.” (SCHMID, 2012).

#### 3.1 Dialética triádica

Antes de entender o conceito específico de dialética desenvolvido por Lefebvre, vamos elucidar o que é a dialética e sua origem. No Mundo Antigo (700 a.C. - 250 d.C.), durante o ano de 469 a.C. nasce Sócrates, “cujos **métodos de questionamento** em Atenas formaram a base de grande parte da filosofia ocidental”. (BUCKINGHAM et al, 2011, grifo do autor).

Sócrates teve como preocupação central investigações sobre a vida, em um processo de questionamento do significado de conceitos essenciais que costumamos usar no dia a dia, mas sobre os quais nunca refletimos. Assim, o pensador tornou-se rapidamente uma

figura conhecida em Atenas, com uma reputação pelo seu espírito questionador. O método dialético de Sócrates, diz a lenda, surgiu a partir do momento em que a sacerdotisa de Apolo em Delfos<sup>3</sup> ao ser questionada, respondeu que não havia homem mais sábio no mundo do que Sócrates. O mesmo, incrédulo, recorreu às pessoas mais cultas que conhecia para tentar refutar o oráculo. Assim, acabou descobrindo que tais pessoas achavam ter respostas, mas ao serem questionadas, apresentavam um conhecimento limitado e, por vezes, falso. O que vale ressaltar, foi o método inovador utilizado por Sócrates onde ao assumir o papel de quem nada sabia e apenas fazer perguntas, o filósofo expunha contradições nas argumentações e brechas nas respostas para, então, extrair clareza e compreensão. (BUCKINGHAM et al, 2011).

“Por meio de uma série de perguntas, ele revelava as ideias e pressuposições de seu interlocutor e, então, expunha as contradições nesse discurso e levava o outro a concordar com um novo conjunto de conclusões. Esse método de examinar um argumento por meio da discussão racional a partir de uma posição de ignorância revolucionou o pensamento filosófico” (BUCKINGHAM et al, 2011, p. 49).

Assim surgia a dialética, onde a contraposição de ideias levam a outras ideias que surgem com mais clareza através da reflexão. O legado de Sócrates, portanto, “é a tradição do debate e da discussão, do questionamento às suposições alheias para obter uma compreensão mais profunda e extrair verdades fundamentais” (BUCKINGHAM et al, 2011, p. 12).

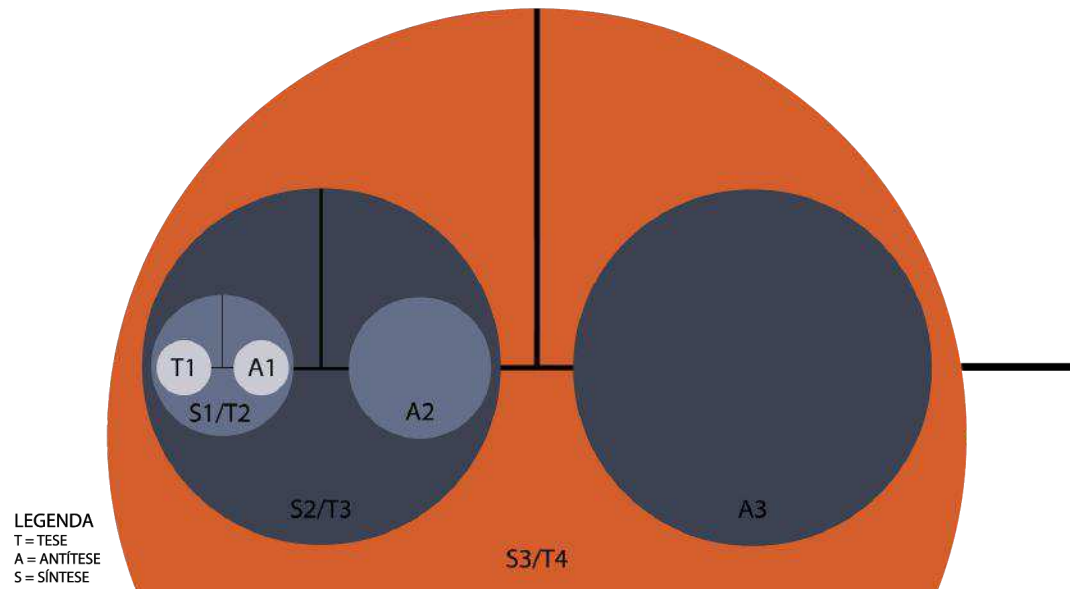
Daremos agora um salto do Mundo Antigo à Era da Evolução (1750 -1900) para falarmos de Georg Hegel (1770 - 1831), idealista alemão que desenvolve sua ideia de dialética. Vale lembrar que Sócrates e Hegel não foram os únicos a tratarem da dialética, mas para a finalidade deste trabalho, são os que mais se destacam. De acordo com Buckingham et al (2011), o cerne da lógica de Hegel é que “toda noção, ou ‘tese’, contém dentro de si uma contradição, ou ‘antítese’, que só é solucionada pelo surgimento de uma noção mais nova e mais rica, chamada ‘síntese’, a partir da própria noção original.”

Na visão de Hegel, a síntese surge de um antagonismo da tese, a antítese, sendo que a própria síntese torna-se uma nova tese, que gera sua própria antítese, a qual finalmente dá à luz outra síntese. Nesse processo dialético, o espírito alcança um entendimento cada vez mais preciso sobre si mesmo, culminando, segundo a filosofia de Hegel, na compreensão completa. (BUCKINGHAM et al, 2011, p. 183).

---

<sup>3</sup> Delfos foi uma cidade localizada na região central da Grécia. O Oráculo de Delfos foi uma das instituições mais poderosas e influentes do Mundo Grego Antigo. Os gregos acreditavam que a sacerdotisa era a porta-voz de Apolo (Deus do Sol) e que a mesma transmitia as vontades de Zeus (pai de Apolo).

Figura 01: Diagrama da visão hegeliana sobre o processo dialético.



Fonte: Buckingham et al (2011) adaptado por Fernandes (2018).

Segundo Buckingham et al (2011), Hegel por ser um idealista “acreditava que nunca podemos sentir as coisas no mundo como elas são, mas somente como elas se mostram para nós. Para ele, a existência consiste primordialmente de mente ou espírito, então a jornada da história, através de incontáveis ciclos dialéticos, é em essência o progresso do espírito, ou *Geist*, rumo a um estado de absoluta harmonia” (grifo do autor). Nesse sentido, Karl Marx (1818 - 1883) - filósofo comunista sucessor de Hegel - defende que “o processo não é uma jornada de desenvolvimento espiritual, mas de mudança histórica real. Ele afirmou que o estado final, livre de conflito, que está no fim do processo, não é a bem-aventurança espiritual hegeliana, mas a sociedade perfeita, onde todos trabalhariam harmoniosamente rumo ao bem-estar de um todo maior” (BUCKINGHAM et al, 2011, p. 200).

Partiremos, agora, para a versão da dialética desenvolvida por Lefebvre. Não se trata de uma dialética binária, mas sim uma dialética triádica, baseada em Hegel, Marx e Nietzsche, todos pensadores alemães. “Lefebvre, ele mesmo, descreve sua dialética como uma crítica radical de Hegel baseada na prática social de Marx e na arte de Nietzsche” (LEFEBVRE, 1991, p. 406 apud SCHMID, 2012, p. 95).

De acordo com Lefebvre, a tríade hegeliana “tese – antítese – síntese”, que supunha construir o processo do devir, é uma ilusão uma vez que é construída apenas uma representação. Em contraste com isso, a tríade marxista “afirmação – negação – negação da negação” reivindica a interpretação do processo de devir mas não cumpre esta ambiciosa reivindicação. (SCHMID, 2012, p. 96).



Assim, ao criticar tanto a dialética hegeliana quanto a marxista, Lefebvre desenvolve a sua própria noção de dialética que, segundo Schmid (2012), “pode ser compreendida como a contradição entre pensamento social e ação social, suplementada pelo terceiro fator do ato criativo e poético”. Esta noção surge quando os seguintes momentos se interconectam: a linguagem e pensamento de Hegel, a prática social e material de Marx e o ato criativo e poético de Nietzsche.

De forma inovadora, a dialética lefebvriana “postula três momentos de igual valor que se relacionam entre si por meio de relações variadas e movimentos complexos em que ora um, ora outro, triunfa sobre a negação de um ou de outro” (SCHMID, 2012, p. 96).

Enquanto a dialética hegeliana (e também a marxista) repousa em dois termos em contradição entre si e que são suprassumidos por meio de um terceiro termo, a dialética triádica de Lefebvre postula três termos. Cada um deles pode ser compreendido como uma tese e cada um se refere aos outros dois e permaneceria uma mera abstração sem eles. Essa figura triádica não termina numa síntese como no sistema hegeliano. Ela liga três momentos, que permanecem distintos entre si, sem reconciliá-los numa síntese – três momentos que existem em interação, em conflito ou em aliança entre si (LEFEBVRE, 2004, p. 12). Assim, os três termos ou momentos assumem igual importância e cada um toma uma posição semelhante em relação aos outros. (SCHMID, 2012, p. 95).

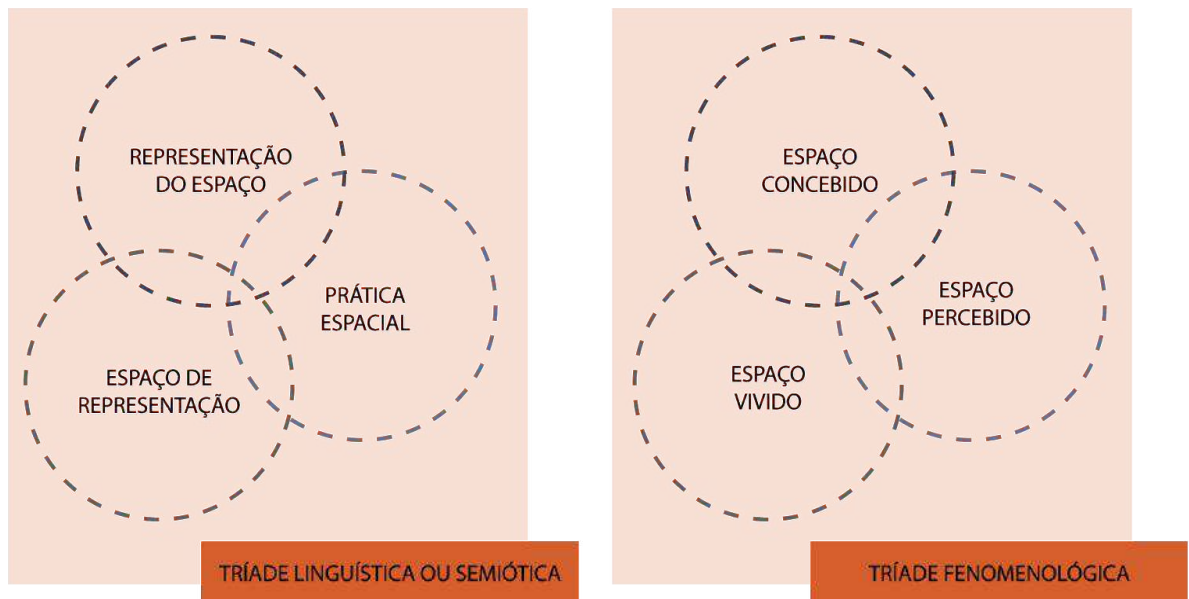
Utilizando-se deste princípio triádico, Lefebvre, ao longo de sua obra aplica-o em diversos campos. Neste trabalho o foco é na “ unidade triádica fundamental da concepção espaço-tempo: espaço-tempo-energia” (LEFEBVRE, 1986, p. 42, apud SCHMID, 2012, p. 96).

### **3.2 Teoria de Produção do Espaço**

Henri Lefebvre trata o espaço como algo produzido através de uma série de relações sociais, logo, diz respeito a um produto social. Assim, visando compreender a produção do mesmo, o autor divide a Teoria de Produção do Espaço em três dimensões, as quais se apresentam em duas séries paralelas que abordam o espaço. Tal divisão é feita apenas para efeito de análise, mas todos os momentos da produção do espaço são interconectados e dependentes uns dos outros. Lefebvre não parte de três espaços independentes mas sim de três processos de produção interconectados dialeticamente.

Como o espaço (social) é produzido? A chave para a teoria de Lefebvre é a compreensão de que a produção do espaço pode ser dividida em três dimensões ou processos dialeticamente interconectados. Lefebvre também os chama de formantes ou momentos da produção do espaço. Eles são duplamente determinados e da mesma forma duplamente designados. Por um lado, eles se referem à tríade da “prática espacial”, “representações do espaço” e “espaços de representação”. Por outro lado, eles se referem ao espaço “percebido”, “concebido” e “vivido”. Esta série paralela aponta para uma abordagem dupla do espaço: uma fenomenológica e outra lingüística ou semiótica. (SCHMID, 2012, p. 91)

Figura 02: As tríades da produção do espaço de Henri Lefebvre.



Fonte: Elaborado por Fernandes (2018) de acordo com Lefebvre (2000).

### 3.2.1 Linguagem e a tríade linguística ou semiótica

O segundo fator determinante para compreensão da teoria de Lefebvre, segundo Schmid, é a teoria da linguagem. Ele afirma que “o fato de que Lefebvre desenvolveu uma teoria própria da linguagem (LEFEBVRE, 1966) baseada em Nietzsche foi muito raramente considerado na recepção e interpretação de seus trabalhos, não obstante a virada linguística<sup>4</sup>.” (SCHMID, 2012, p. 90).

Schmid (2012) afirma que foi por meio da teoria da linguagem que Lefebvre realizou e aplicou sua dialética triádica pela primeira vez. Esta teoria, baseada na poética de Nietzsche, parte do pressuposto de que a sociedade é “um espaço e uma arquitetura de conceitos, formas e regras cuja verdade abstrata prevalece sobre a realidade dos sentidos, do

<sup>4</sup> Também conhecida como giro linguístico, ocorreu no século XX quando a Filosofia Ocidental voltou-se para a reflexão da linguagem.

corpo, das vontades e dos desejos.” (SCHMID, 2012, p. 97). De acordo com tal consideração, Lefebvre desenvolve sua teoria, composta pelas seguintes dimensões:

- a. Dimensão sintática ou sintagmática: dimensão clássica da linguística e da gramática, lida com as regras formais de combinação que determinam a relação entre as coisas, suas possíveis disposições, estrutura das sentenças, e sintaxe.
- b. Dimensão paradigmática: dimensão que trata da possibilidade de substituir um termo por outro que é equivalente ao primeiro a partir de um ponto de vista diferente. Corresponde a um processo metafórico e se relaciona a um código, um sistema de significados: paradigmas.
- c. Dimensão simbólica: dimensão que se refere ao signo e o seu significado carregado de imagens, emoções, afetividade e conotações, que diz respeito à sua substancialidade, sua ambiguidade e sua complexidade que são integrais à linguagem viva e vivida.

Lefebvre, então, afirma que a atividade no espaço estabelece um sistema que, até determinado ponto, corresponde ao sistema de palavras (no caso, a teoria da linguagem). Dessa maneira, Lefebvre desenvolve a tríade da produção do espaço análoga à linguística:

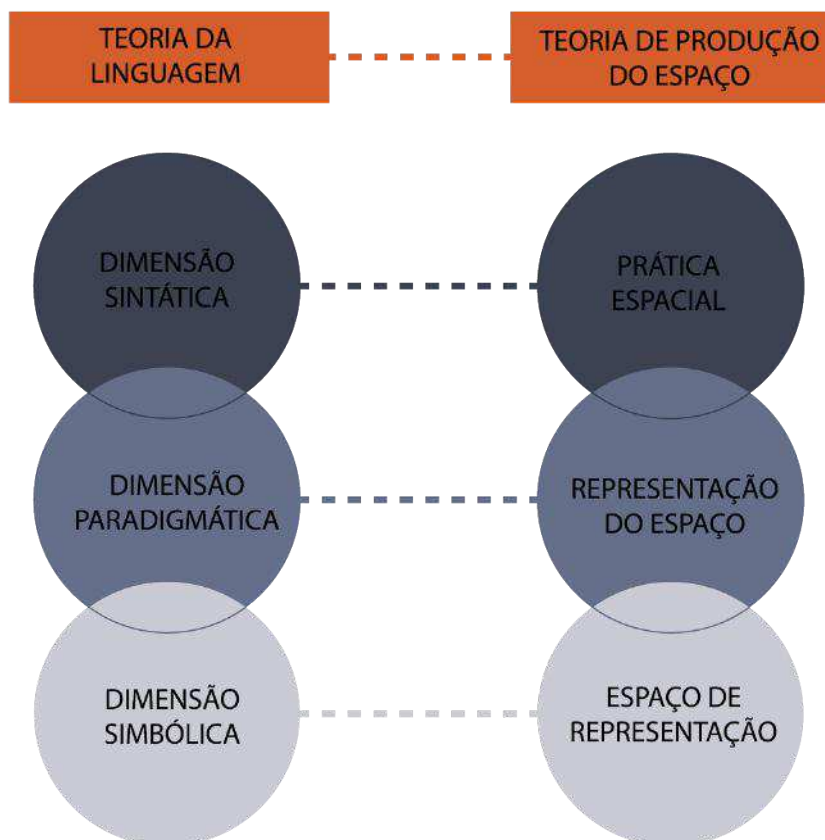
- a. Prática espacial: análogo à dimensão sintática ou sintagmática, esse momento da produção do espaço refere-se à dimensão física e material e as atividades e interações sociais que nela se desenvolvem.
- b. Representação do espaço: análoga à dimensão paradigmática, diz respeito ao imaginário do espaço que é criado por profissionais tecnocratas responsáveis pela produção deste espaço de acordo com a ideologia dominante. Engloba planos, projetos, mapas, definições e etc.
- c. Espaços de representação: análoga à dimensão simbólica, é o espaço produzido por meio da significação dada pelos usuários por meio de suas experiências sociais e sentidos. É o espaço imaginado, sonhado, repleto de significados e simbolismo, que nem sempre condiz com a realidade.

Assim, podemos relacionar a prática espacial com a dimensão sintática ou sintagmática na medida que na prática espacial temos atividades sendo desenvolvidas e interações sociais acontecendo que vão estruturar e construir o espaço e na dimensão sintática ou sintagmática temos termos, palavras, discursos e códigos se articulando e se combinando para transmitir uma ideia. Nesse sentido, ambos são análogos.

No que tange às representações do espaço e a dimensão paradigmática, de um lado temos as representações de espaço que vão ser construídas pelos técnicos de acordo com a ideologia dominante. A partir do momento em que a ideologia muda, o imaginário de espaço produzido também muda. Nesse mesmo sentido, na dimensão paradigmática da linguagem temos termos que podem ser substituídos se vistos sob uma nova perspectiva ou um ângulo diferente. Eis onde se encontra a correspondência entre ambos.

Já no que diz respeito aos espaços de representação e a dimensão simbólica, ambos estão ligados às emoções. Referem-se ao imaginário e às significações dadas por meio de imagens, experiências e sentimentos.

Figura 03: As dimensões análogas da Teoria da Linguagem e da Teoria de Produção do Espaço de Lefebvre.



Fonte: Elaborado por Fernandes (2018) de acordo com Lefebvre (2000).

### 3.2.2 Fenomenologia francesa e a tríade fenomenológica

Schmid (2012) entende que o terceiro elemento crucial para o entendimento da Teoria de Produção do Espaço é a fenomenologia francesa, a qual tem sua origem com Edmund Husserl (1859-1938). Baseando-nos em Buckingham et al (2011), iremos contextualizar o surgimento deste pensamento, que teve influência desde o século V a.C. com as inquietações de Sócrates no que diz respeito a alcançar a certeza em relação a diversas questões do mundo as quais nem sempre há concordância - questões onde cada indivíduo pode fazer o seu próprio juízo de valor e chegar a sua conclusão. Enquanto Sócrates utiliza a argumentação para tentar alcançar a resposta para tais questões filosóficas, René Descartes (1596-1650) no século XVII usa a dúvida como ponto de partida para o seu método. Em 1874, Franz Brentano (1838 - 1917) - professor de Husserl - afirma que a filosofia precisa de um novo método científico.

Husserl, então, usa uma abordagem similar a de Descartes, entretanto, sugere que se adote uma atitude científica em relação a experiência. Nesta abordagem proposta por Husserl, deixa-se de lado toda suposição e predisposição particular para começar a estudar os fenômenos eles mesmos, livres de toda e qualquer inferência. Trata-se, portanto, de analisar a experiência sob uma ótica científica e livre de suposições para a partir destas análises, criar uma base de conhecimento segura que possa ajudar a lidar com os problemas mas antigos da filosofia (como, por exemplo, “o que é justiça?”). (BUCKINGHAM et al, 2011, P 225)

Diversos filósofos seguem o método de Husserl mas chegam a resultados diferentes uma vez que há discordâncias sobre o que efetivamente era o método e a forma como colocá-lo em prática. Martin Heidegger (1889 - 1976), a partir de 1920, desenvolve o método da fenomenologia de Husserl, chegando ao existencialismo. E a partir de 1930, esta fenomenologia chega à França, influenciando Emmanuel Levinas (1906 - 1995) e Maurice Merleau-Ponty (1908 - 1961). Além de Merleau-Ponty, Gaston Bachelard (1884 - 1962) também aborda a fenomenologia. Estes dois pensadores franceses e o alemão Heidegger são os que mais influenciaram Lefebvre no que tange a fenomenologia.

Segundo Schmid (2012), a percepção é um fator central da fenomenologia, entretanto, Lefebvre tem uma postura um pouco cética em relação a abordagem fenomenológica da percepção. Por este motivo, o mesmo junta a este conceito o de prática

espacial para demonstrar que a percepção se baseia também em uma materialidade concreta e não apenas na mente. Lefebvre critica a forte influência de Descartes na separação do sujeito e do objeto. Assim, ele critica Husserl e até mesmo Merleau-Ponty por fazerem da subjetividade do ego o ponto central da sua teoria sem serem capazes de superar seu idealismo. Lefebvre propõe uma abordagem da fenomenologia mais materialista, um projeto que Merleau-Ponty também perseguiu, mas que nunca conseguiu alcançar.

A fenomenologia materialista foi bastante relevante para Lefebvre. Apesar de Merleau-Ponty em sua teoria baseada em espaço, tempo e mundo vivido, distinguir um espaço físico formado pela percepção, um espaço geométrico conceitualmente compreendido e um espaço vivido, é em Heidegger e Bachelard que Lefebvre mais baseia sua teoria, devido aos pensamentos desenvolvidos sobre o viver e o morar. Bachelard na sua obra *A Poética do Espaço*, elaborada diversas reflexões que já apontam para a tridimensionalidade do espaço. (SCHMID, 2012, p. 101).

Sob todas essas influências, Lefebvre desenvolve então a tríade fenomenológica da produção do espaço que é, simultaneamente, individual e social. Representa a autoprodução do homem e da sociedade e constitui-se pelas seguintes dimensões/formantes :

- a. Espaço Percebido: diz respeito às práticas espaciais. É o momento no qual o espaço é produzido através das práticas, atividades e interações que nele se desenvolvem. Relaciona-se com a materialidade dos elementos que formam e estruturam o espaço e a percepção dos mesmos por meio dos sentidos.
- b. Espaço Concebido: condiz com as representações do espaço. Nesta dimensão, o espaço é produzido por meio de ideias e pensamentos, uma vez que não se pode perceber um espaço sem ao menos tê-lo imaginado previamente. Trata-se, portanto, de um espaço criado, idealizado e conceituado pelos técnicos, que carrega consigo questões políticas e reflete as ideologias dominantes.
- c. Espaço Vivido: refere-se ao espaço de representação. É a formante do espaço que trata do espaço tal qual ele é experimentado através das práticas cotidianas. Carrega consigo experiências, vivências e sentimentos ora muito

particulares ora muito comuns que estruturam o espaço e a forma como ele é visto.

Assim, após elucidar cada uma das tríades que compõe a Teoria de Produção do Espaço e correlacioná-las (ver figura 02), é indispensável reforçar que todos esses momentos do espaço são concomitantes. Não é possível compreendê-los de forma isolada. Todas essas dimensões são conectadas e dependem umas das outras.

Sintetizando a teoria de Lefebvre, temos uma produção do espaço formada por três momentos: primeiro, a produção material; segundo, a produção de conhecimento; e, terceiro, a produção de significados. O que esclarece que o foco da teoria não é o “espaço em si mesmo”, nem mesmo o ordenamento dos objetos e artefatos (materiais) “no espaço”. O espaço é para ser entendido o como uma intrincada rede de relações que é produzida e reproduzida continuamente. O objeto da análise é, conseqüentemente, o processo ativo de produção que acontece no tempo. (SCHMID, 2012, p. 104).

#### 4 CHRISTOPHER ALEXANDER E UMA LINGUAGEM DE PADRÕES

Após a conceituação de espaço segundo Doreen Massey e a compreensão da teoria de Henri Lefebvre sobre a produção deste espaço, é hora de entender a linguagem de padrões proposta por Christopher Alexander a partir da observação do ambiente construído.

Antes de discorrer sobre a linguagem desenvolvida por Alexander e seus colaboradores, é crucial entendermos os conceitos de “quality without a name” (a qualidade sem nome) e “the timeless way of building” (o modo intemporal de construir). Ambos os conceitos aparecem no livro “The Timeless Way of Building” (1979), o volume 1 da obra que possui como volume 2 “A Pattern Language: Towns - Buildings - Construction” (1977). Alexander et al (2013) afirma se tratar de “duas metades de uma única obra”.

Ao abordar o modo intemporal de construir, Alexander afirma que um edifício ou uma cidade só estará vivo na medida em que for governado por este modo intemporal, pois “não é possível fazer grandes edifícios, ou grandes cidades, lugares bonitos, lugares onde você se sente bem consigo mesmo, lugares onde você se sente vivo, exceto seguindo este caminho.” (ALEXANDER, 1979, tradução nossa).

O autor afirma que este modo intemporal de construir existe agora e sempre existiu, ele tem milhares de anos e é o mesmo até hoje. Além disso, diz que há diversos processos de construção diferentes, mas que por trás de todos eles, há um único processo comum, o qual nos liberta de todos os métodos, regras, conceitos e ideias sobre o que deve ser feito para tornar um prédio ou uma cidade viva. Alexander (1979), afirma que o poder de tornar qualquer construção no mundo tão bonita quanto qualquer lugar já visto ou uma cidade tão bela quanto qualquer cidade da história, já está em cada um de nós. Trata-se então de libertar-se de sistemas para entender a verdadeira relação entre nós mesmos e o meio onde vivemos.

De acordo com Alexander (1979), “há uma qualidade central que é o critério fundamental da vida e do espírito em um homem, uma cidade, um edifício ou um deserto. Essa qualidade é objetiva e precisa, mas não pode ser nomeada” (tradução nossa). O autor afirma que entender esta qualidade, se faz necessário para buscar o modo intemporal de construir e que “esta qualidade nos edifícios e nas cidades não pode ser feita, mas apenas



gerada, indiretamente, pelas ações ordinárias das pessoas, assim como uma flor não pode ser feita, mas somente gerada a partir da semente.” (ALEXANDER, 1979, tradução nossa).

Essa qualidade só pode surgir em nós quando existe dentro do mundo do qual fazemos parte. Podemos nos tornar vivos apenas na medida em que os prédios e cidades em que vivemos estiverem vivos. A qualidade sem nome é circular: existe em nós, quando existe nos nossos edifícios; e só existe em nossos edifícios, quando a temos em nós mesmos. Para entender isso claramente, devemos primeiro reconhecer que o que uma cidade ou edifício é, é governado, acima de tudo, pelo que está acontecendo lá. (ALEXANDER, 1979, tradução nossa).

Trata-se, portanto, de uma via de mão dupla. Ao passo que um edifício ou uma cidade podem gerar essa sensação que faz as pessoas se sentirem vivas, pessoas que se sentem vivas podem refletir tal vivacidade no ambiente no qual estão inseridas. “*Esse é o caráter criado pelo modo intemporal de construir. É a incorporação física, em cidades e edifícios, da qualidade sem nome.*” (ALEXANDER, 1979, tradução nossa, grifo nosso).

Percebemos, então, que o modo intemporal de construir incorpora fisicamente a qualidade sem nome ao espaço. Para esclarecer melhor do que se trata a qualidade sem nome, imagine um local no qual você se sinta vivo e bem. O que faz você se sentir dessa maneira? Conforto? Aconchego? Liberdade? Proteção? Comodidade? Nenhuma palavra será suficiente. Tentar descrever, é se limitar. Se trata mais de um sentimento inefável. Esta é, então, a qualidade que não pode ser nomeada.

Segundo Alexander (1979), para se alcançar tal qualidade, deve-se construir uma linguagem de padrões. Ao tratarmos desta linguagem, devemos primeiro entender tais padrões enquanto parâmetros de projeto uma vez que “muito embora a tradução literal como padrões, o conteúdo e o caráter propositivo dos *patterns* indicam sua interpretação enquanto parâmetros de projeto, no sentido de serem elementos cuja variação de valor contribui e orienta a solução de um problema no todo sem lhe modificar a natureza” (BARROS; KOWALTOWSKI, 2013, grifo do autor).

Logo, a linguagem de padrões constitui-se de um “compilação de parâmetros projetuais estabelecidos pelo arquiteto e sua equipe, com o intuito principal de auxiliar a interlocução entre profissionais e usuários de edificações e empreendimentos urbanísticos, em processos participativos.” (BATAUS, 2013). Alexander et al (2013) acredita que “o ambiente construído não terá como ganhar vida a menos que seja feito por todas as pessoas da

sociedade, que estes usuários compartilhem uma linguagem de padrões em comum sobre como fazer esses espaços e que esta linguagem de padrões comum entre nós tenha vida própria”.

Battaus (2013) afirma que a prática com o envolvimento de profissionais e usuários nos processos de projeto e construção, representam o principal legado do autor. Essa questão da participação foi realmente fundamental para o que Alexander propunha. Ao entender que o ambiente construído diz respeito a todos, não somente aos técnicos, projetistas e planejadores, estamos admitindo que todas as pessoas tem o que acrescentar em um processo de projeto a medida que todas têm uma percepção enquanto usuários de cidades e edifícios. O uso, e assim, a experiência, não ficam restritos a apenas quem construiu ou planejou. A partir daí, passamos a ter uma outra visão de cidade, de edifícios e de arquitetura e urbanismo no geral .

Christopher Alexander avalia que a participação dos usuários nos processos de projeto é a primeira condição para o bom êxito da atuação profissional do arquiteto. Mas essa participação, por sua vez, depende da existência, entre os participantes, de algum repertório associado às construções, às soluções arquitetônicas e à experiência dos usuários com outros projetos da mesma natureza, mesmo que fora da condição de projetista. Para esse fim, o autor propõe que eles sejam iniciados na prática de projeto, expressando satisfatoriamente a vivência que têm como usuários em seus diálogos com o arquiteto. Com o intuito de oferecer uma ferramenta de entendimento comum entre os participantes, Alexander propõe uma sintetização de conceitos básicos da Arquitetura, sem induções estilísticas e pessoais, que ele denomina Linguagem de Padrões [...] (PEIXE; TAVARES, 2018).

Além disso,

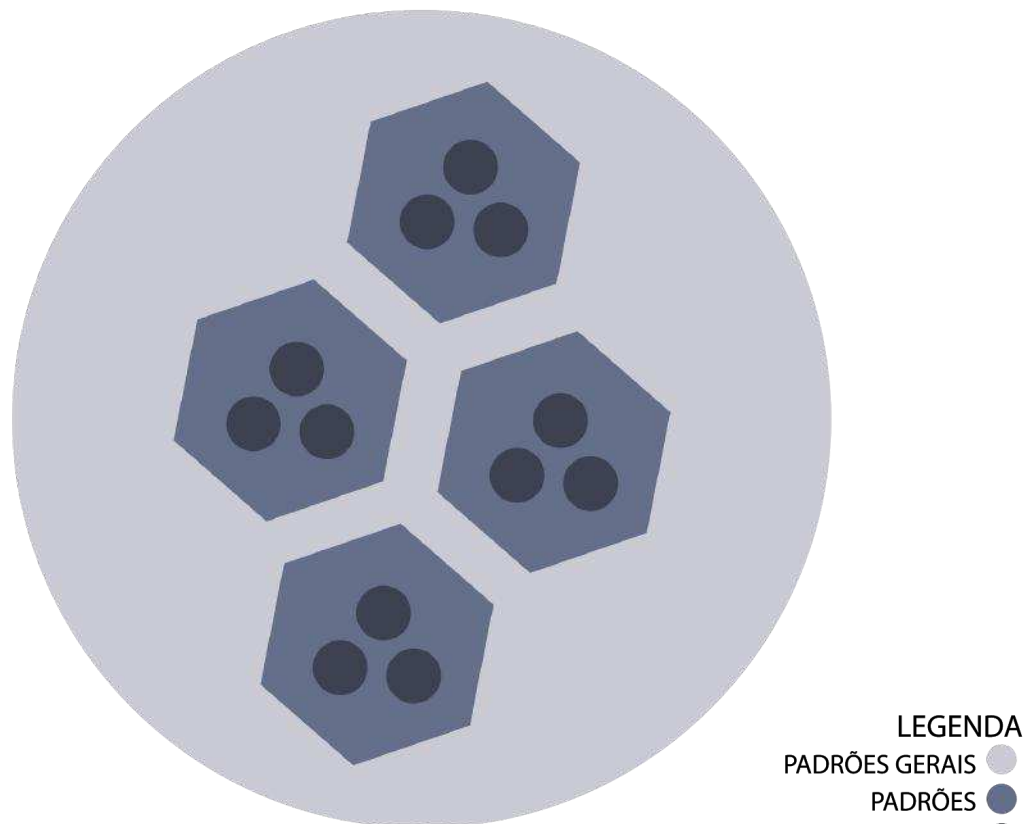
Os padrões são derivados das observações de atributos espaciais de lugares apreciados por seus usuários e que incorporam profundo conteúdo humanizador. Cada padrão descreve um problema que ocorre repetidas vezes no meio ambiente e então descreve o ponto central da solução do problema, de modo que possa usar essa solução diversas vezes, mas sem, com isso, acarretar resultados formais semelhantes. Alexander e sua equipe argumentam que projetos construídos que violam os padrões eram visivelmente menos bem-sucedidos do que aqueles que os seguiram. (PEIXE; TAVARES, 2018).

Alexander (1979) afirma que para tornar os padrões explícitos, devemos entender a estrutura complexa do padrão. Para começar, devemos reconhecer que os padrões podem existir em todas as escalas e que estão conectados. Primeiramente são apresentados os padrões aplicáveis a áreas maiores como cidades e regiões, depois perpassa-se por bairros, conjuntos

de edificações, áreas externas comuns, as próprias edificações, ambientes, nichos e por fim, detalhes construtivos. Esta ordem se faz importante na compreensão de que “cada padrão está conectado a certos padrões ‘maiores’ (ou mais abrangentes), que estão acima dele, e a certos padrões ‘menores’ (ou mais específicos) que estão abaixo, na linguagem. O padrão ajuda a completar aqueles padrões maiores e, ao mesmo tempo, é completado pelos padrões menores.” (ALEXANDER et al, 2013).

Esta é a natureza da conexão entre os padrões, a qual implica no fato de que nenhum padrão é uma entidade isolada. Alexander explica que um padrão existe somente porque o mesmo é sustentado por outros padrões. Os padrões maiores nos quais ele está contido, os padrões menores que o circundam e os ainda menores que nele irão se inserir. “Esta é uma visão fundamental do mundo. Isso significa que quando você constrói uma coisa não pode meramente construí-la de forma isolada, mas deve consertar o mundo ao seu redor assim como seu interior, de modo que o mundo ao qual aquele lugar pertence se torne mais coerente, mais completo [...]” (ALEXANDER et al, 2013).

Figura 04: Escalas dos padrões espaciais de Alexander



Fonte: Elaborado por Fernandes (2018) com base em Alexander (1979) e Alexander et al (2013).

Alexander (1979) afirma que “cada padrão é uma regra de três partes que expressa uma relação entre um determinado contexto, um problema e uma solução” (tradução nossa). Para descobrir padrões que estão vivos, o autor afirma que devemos começar com a observação. Ele mostra que conhecer o problema ajuda a esclarecer a invariante que vai resolver o problema, mas que é uma tarefa difícil.

Às vezes, encontramos o caminho para essa invariante começando com um conjunto de exemplos positivos. [...] Em outras ocasiões, podemos descobrir a invariante partindo dos exemplos negativos e resolvendo-os. [...] E ocasionalmente, não partimos da observação concreta, mas construímos a invariante por argumentos puramente abstratos. [...] Em todos esses casos, não importa qual método seja usado, o padrão é uma tentativa de descobrir alguma característica invariante, que distingue os lugares bons dos ruins em relação a algum sistema particular de forças. [...] A tarefa de encontrar ou descobrir tal campo invariante é imensamente difícil. [...] É fácil dizer que uma entrada de casa deve ter uma espécie de qualidade misteriosa, que tanto esconde a casa do domínio público, como também a expõe ao público. [...] Mas é muito difícil ser preciso. [...] E é especialmente difícil ser preciso porque nunca existe uma formulação do padrão que seja perfeitamente exata. [...] Em vez disso, para encontrar o equilíbrio entre ser muito estreito e muito frouxo, você deve expressar e visualizar um padrão como um tipo de imagem fluida, um sentimento morfológico, uma intuição rodopiante sobre a forma que captura o campo invariante que é o padrão. [...] Então, depois de descobrir um campo fluido de relacionamentos como esse, você deve redefini-lo como entidade para torná-lo operacional. [...] Pela mesma razão, você deve ser capaz de desenhá-lo. [...] E finalmente, pela mesma razão, você deve nomeá-lo. [...] Nesse estágio, o padrão é claramente compartilhável. [...] É claro que, mesmo agora, o padrão ainda é experimental. [...] Mas agora está claro o suficiente para que possa ser compartilhado. (ALEXANDER, 1979, tradução nossa).

A fim de esclarecer melhor como se dá a identificação de um padrão, segue abaixo uma conversa<sup>5</sup> entre Christopher Alexander e sua amiga indiana, Gita. Nesta conversa o autor a ajuda a definir um padrão a partir da sua própria experiência::

*“Chris: Primeiro de tudo, apenas me diga um lugar que você gosta muito.*

*Gita: Devo descrevê-lo para você?*

*C. Não, apenas pense nisso, visualize-o e lembre-se do que você gosta nele.*

*G. É uma pousada.*

---

<sup>5</sup> Esta conversa está no livro “The Timeless Way of Building” de Christopher Alexander, publicado em 1979, pg 270 - 274. Tradução nossa.

C. *Agora, por favor, tente me dizer o que é que faz desta pousada um lugar especial e maravilhoso.*

G. *Bem, são as coisas que acontecem lá - é um lugar onde pessoas que estão em longas jornadas se encontram, e passam um pouco de tempo juntas, e é a atmosfera maravilhosa de todas essas coisas que acontecem lá. Eu gosto muito disso.*

C. *Você pode tentar isolar qualquer recurso de seu design, o que o torna tão maravilhoso? Eu gostaria que você tentasse me dizer, o mais claramente possível, o que devo fazer para criar outro lugar que seja tão bom quanto a sua pousada - por favor, me dê uma instrução que capte uma das coisas boas do design.*

G. *Não é o edifício que torna esta estalagem tão maravilhosa, mas são as coisas que acontecem lá - são as pessoas que você encontra, as coisas que você faz lá, as histórias que as pessoas contam antes de irem dormir.*

C. *Sim, isso é exatamente o que quero dizer. Naturalmente, é a atmosfera que torna a pousada tão maravilhosa - não a beleza do prédio ou sua geometria; mas eu estou perguntando se você pode definir para mim quais são as características do prédio que tornam essa atmosfera possível, as pessoas que passam pela pousada para criar essa atmosfera, tudo isso...*

G. *Eu não entendo o que você está dizendo. Acabei de dizer que realmente não depende dos edifícios, mas das pessoas.*

C. *Bem, deixe-me colocar assim. Imagine um motel americano. Poderia a atmosfera que você está descrevendo acontecer em um motel americano?*

G. *Agora eu vejo o que você está dizendo. Não, nesses motéis americanos isso não acontece; há tantas salas privadas, e as pessoas que vêm para o motel, apenas passam pelo saguão principal, conversam no balcão por alguns minutos e então eles vão para seus quartos. A pousada de que estou falando não é assim - mas talvez não seja possível na América ter uma pousada como esta - é um problema social - aqui na América as pessoas querem ser tão privadas, elas não querem se encontrar e falar - e eles não gostam de dormir com seus maridos ou esposas onde todos podem vê-los - então talvez seja muito especial, essa*

*atmosfera que estou descrevendo - depende das pessoas que estão usando a hospedaria, e seus hábitos, e maneira da vida.*

*C. Sim, está bem. Todo padrão tem um contexto. É claro que o padrão que você está tentando definir pode não fazer sentido para os Estados Unidos - talvez se aplique apenas ao contexto da Índia. Digamos que esse padrão seja verdadeiro apenas para a Índia - agora tente e me diga do que se trata.*

*G. Tudo bem. Na Índia, existem muitas dessas pousadas. Há um pátio onde as pessoas se encontram, e um lugar ao lado do pátio onde eles comem, e também de um lado há a pessoa que cuida da estalagem, e nos outros três lados do pátio há os quartos. - em frente aos quartos há um fliperama, talvez um passo acima do pátio, e cerca de três metros de profundidade, com um outro degrau que leva aos cômodos. À noite, todos se encontram no pátio, conversam e comem juntos - é muito especial - e, à noite, todos dormem no fliperama, de modo que todos dormem juntos em volta do pátio. Eu acho que é muito importante, também, que todos os quartos sejam semelhantes, de modo que quando eles ficarem aqui, todas as pessoas se sintam iguais e livres para conversar com todos os outros.*

*C. Soa maravilhoso. Agora, vamos falar sobre o problema que o padrão resolve. Isso é necessário? Você acha que as pessoas podem administrar tão bem, sem o padrão como você descreveu?*

*G. Não consigo ver como mais isso pode ser feito; se você tem os quartos separados e privados, torna-se apenas como um motel, e todos estão sozinhos. E se você não comer junto, que chance há para conversar? Eu acho que deve ser exatamente como eu descrevi. Todas as estalagens que conheço nas cidades religiosas da Índia são assim - nem consigo imaginar uma que não seja.*

*C. Vamos definir o problema assim: "Quando as pessoas viajam, elas são um pouco solitárias; e também desde que viajam para se abrir para o mundo, elas querem uma chance de estarem juntas com outros viajantes." Agora, você pode me dizer quando acha que esse padrão faz sentido, e quando isso não acontece - qual é o contexto certo para o padrão?*

*G. Bem, deve ser para um lugar onde as pessoas estão viajando muito longe, e onde elas estão com esse humor - na Índia, a maioria dessas pousadas é em lugares religiosos, onde as*

*peessoas vêm fazer uma peregrinação - eu acho que é um tipo muito especial de encruzilhada em uma jornada, que deve ser assim.*

*C. Isso faria sentido na Groenlândia?*

*G. Eu não entendo.*

*C. Você acha que o clima é uma parte do contexto?*

*G. Ah, sim, é muito importante que seja um lugar quente, para que você não durma sob o fliperama apenas por razões sociais, mas por causa do calor também - você encontra o lugar onde há brisas, e você coloca sua cama onde é mais confortável.*

*C. Assim, o padrão faz sentido para qualquer estalagem onde as pessoas estão em longas jornadas, em uma sociedade onde elas estão abertas para conhecer pessoas de uma maneira muito simples, e em um clima onde é quente para que as pessoas queiram dormir fora.*

Vale lembrar que os padrões “variam de cultura para cultura; às vezes são muito diferentes, às vezes há versões do mesmo padrão, ligeiramente diferentes, em diferentes culturas.” (ALEXANDER, 1979, tradução nossa). Logo, como Alexander et al (2013) relata, a ideia dos padrões é que eles sejam gerais e abstratos para que quem o utilizar, adeque-o a sua realidade, adaptando-o às suas preferências e às condições locais, podendo completá-lo, embelezá-lo e ampliá-lo sem que o mesmo perca a sua essência. Além disso, os padrões espaciais são gerais à medida em que apresentam a possibilidade de serem aplicados em diversas situações, da mesma forma que são específicos o suficiente para guiar as decisões projetuais.

Os autores salientam que apresentam uma (possível) e não a (única) linguagem. Explicam que a aplicação dos *patterns* no projeto não necessariamente acarreta resultados semelhantes e que a relação entre eles não é linear, visto que ocorre uma riqueza de conexões. É premissa dessa proposta que o projetista seja alimentado por circunstâncias locais específicas. Muito embora estes esclarecimentos, os *patterns* têm por vezes sido considerados como de natureza determinista. (BARROS; KOWALTOWSKI, 2013, grifo do autor).

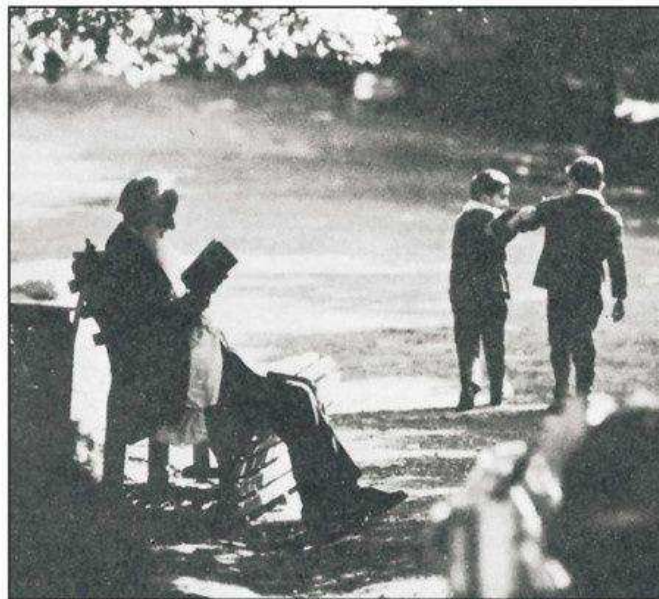
Portanto, é válido exemplificar um padrão e a forma como ele é descrito, para percebermos que o determinismo supracitado não condiz com a real proposta dos padrões. A

priori há uma imagem que retrata um arquétipo do padrão. Depois disso, um parágrafo introdutório que contextualiza o padrão explicando como ele ajuda a complementar padrões mais abrangentes. Logo após é apresentado um cabeçalho com a essência do problema (em negrito) e posteriormente o corpo do problema. Outra vez em negrito, desenvolve-se a solução do problema, seguindo um formato de instrução. Um diagrama segue tal solução, representando o âmago do padrão. Por fim, são listados alguns padrões mais específicos que se vinculam ao padrão para complementá-lo.

Figura 05: Padrão nº 40 - Mescla de faixas etárias.

**40**

**MESCLA DE FAIXAS ETÁRIAS\*\***



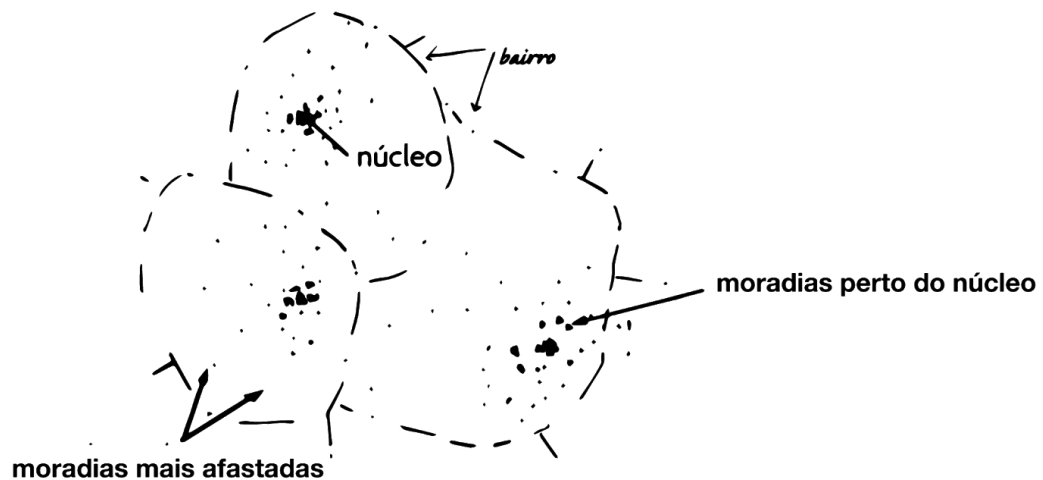
Fonte: Alexander et al (2013)

A imagem acima, por exemplo, representa o padrão de nº 40 “Mescla de faixas etárias” que apresenta como problema o seguinte: “os idosos precisam uns dos outros, mas também necessitam dos jovens, os quais, por sua vez, têm de estar em contato com os idosos”. Portanto sugere como solução a seguinte instrução: “crie moradias para cerca de 50 idosos em cada bairro. Distribua estas moradias em três anéis: 1. um núcleo central com serviços de alimentação e saúde; 2. moradias próximas ao núcleo; 3. moradias um pouco mais afastadas



do núcleo, misturadas com outros tipos de casas do bairro, mas nunca a mais de 200m do núcleo; ..de maneira que 50 moradias juntas formem um único ‘enxame’ coerente, com seu próprio centro bem definido, mas relacionado, na sua periferia, com as outras casas comuns da vizinhança.” (ALEXANDER et al, 2013).

Figura 06: Diagrama de solução do padrão nº 40 - Mescla de faixas etárias.



Fonte: Alexander et al (2013)

Tendo em vista a forma como um padrão se apresenta, é válido ressaltar alguns apontamentos que o autor faz em referência a abrangência dos padrões. A primeira parte da linguagem engloba os padrões que definem cidades ou comunidades (crescimentos urbano e rural, traçado urbano, relação trabalho-moradia e etc) e como Alexander et al (2013) afirma, “esses padrões jamais podem ser ‘projetados’ ou ‘construídos’ de uma só vez”, se trata de um crescimento gradual onde cada ação seja planejada para gerar esses padrões. Este processo gradativo, na concepção de Alexander et al (2013), deve ter cada uma das suas ações sancionada pela comunidade correspondente ao invés de serem criados por uma autoridade centralizada, leis ou planos diretores. Uma vez que esses padrões moldam cidades e bairros, eles devem emergir de forma gradual e orgânica a partir de cada ato de construção que se comprometa em configurar um espaço propício para que esses padrões apareçam quase que por conta própria.

A segunda parte da linguagem molda edificações coletivas e individuais. Diferentemente dos padrões anteriores, são padrões que podem ser projetados e construídos e que além de moldar os próprios edifícios, também molda as áreas livres entre eles. São padrões “sujeitos ao controle dos indivíduos ou de pequenos grupos de indivíduos, que são capazes de construir os padrões de uma vez só” (ALEXANDER et al, 2013).

A terceira parte da linguagem ensina como tornar exequível a construção do edifício gerado na segunda parte da linguagem. São padrões que se destinam aos construtores - desde empreiteiros até moradores que auto constroem. Pensando nestes últimos, os padrões foram formulados com atenção ao baixo custo para possibilitar a utilização de materiais mais disponíveis e mais baratos que não demandem mão de obra especializada. Alexander et al (2013) afirma que o intuito era “oferecer uma alternativa às maneiras tecnocráticas e rígidas de edificar que se tornaram o legado da Era da Máquina e da arquitetura modernista. A maneira de edificar descrita nesta seção resulta em prédios únicos e projetados especialmente para seus terrenos.”

Por fim, entendendo do que se trata a teoria de Alexander, vale colocar o que Barros e Kowaltowski constata

“A *pattern language*” sintoniza-se às reflexões e diretrizes atuais de projeto quanto à relação ambiente - comportamento, especialmente no que diz respeito a uma relação mais sensível com o lugar e os serviços ambientais, a valorização das pessoas, seu bem-estar e qualidade de vida vinculada a cidades mais vivas e na diversidade socioambiental. Os *patterns* de projeto incentivam a mescla de usos e um projeto urbano-arquitetônico menos rígido e mais participativo, com vistas à equidade social. Equivocadamente, por vezes parte dos *patterns* é tida como promovendo a segregação espacial quando, na verdade, a ênfase no tratamento dos limites dos espaços e bordas das edificações e conjuntos – os espaços de transição – se dá justamente com o intuito de dar suporte a uma diversidade de situações, eventos e culturas, valorizando a importância de um gradiente público-privado numa riqueza de espaços capazes de promover a identidade das pessoas com o lugar, nas diferentes escalas de intervenção. O livro traz à tona as preocupações referentes ao impacto socioambiental da construção civil e do desenho das cidades e, neste sentido, é um verdadeiro precursor de alerta sobre a sustentabilidade em suas variadas dimensões. Diversos *patterns* problematizam e sugerem alternativas para a mobilidade nas cidades e a redução do uso do automóvel individual; o combate à impermeabilização excessiva do solo e o incentivo à produção local de alimentos; o combate ao uso de materiais de alto consumo de energia e de água, à toxicidade, à falta de maleabilidade para uso e manutenção, a pouca durabilidade, entre outros. Concomitantemente, muitos *patterns* tratam do suporte à vida para além da pura contabilidade de recursos naturais, canalizando a necessidade humana inata por ambientes enriquecedores, vivos e saudáveis, numa visão holística. (BARROS; KOWALTOWSKI, 2013).

Fica de lição de Christopher Alexander e seus colaboradores, portanto, que a arquitetura e o planejamento urbano devem ser mais humanos. O ambiente construído deve ser pensado a partir das percepções dos usuários para que o resultado sejam cidades e edifícios vivos que atendem às necessidades e expectativas de quem os utilizará. Além disso, fica claro que se trata de um processo. O projeto é um processo, os edifícios são um processo, as cidades são um processo. Os quais dizem respeito a uma constante mudança e evolução gradual e orgânica.

## **5 ESPAÇO: A TEORIA DE ALEXANDER E LEFEBVRE SOB A ABORDAGEM DE MASSEY**

Tendo em vista a Linguagem de Padrões e a Teoria de Produção do Espaço, este capítulo se dedica a junção das duas teorias de acordo com o conceito de espaço proposto por Doreen Massey.

Retomando a nova abordagem proposta por Massey, o espaço em sua percepção deve ser visto como a esfera da coexistência da heterogeneidade que além de estar em constante construção, também é produto de relações. Ao entender o espaço dessa forma, Massey afirma que significa dizer que tais relações estão embutidas em práticas materiais, gerando a efetivação das mesmas. Essa concepção é basicamente o que Lefebvre defende em sua teoria ao tratar do espaço percebido e das práticas espaciais, ou seja, o momento da produção do espaço onde as interações (entre pessoas e entre pessoas e o ambiente construído) ocorrem, uma vez que as mesmas não podem acontecer no vácuo, elas se efetivam em um plano material.

Além desse ponto, a percepção de Lefebvre e Massey são análogas em outras questões. Ambos entendem o espaço não como algo que existe em si mesmo mas algo que é produzido, mais precisamente um produto social. Entender o espaço e, também, o tempo como socialmente produzidos, implica que ambos só podem ser entendidos no âmbito de uma sociedade. Espaço e tempo estão sempre ligados e em processo constante de produção. Ambos são essencialmente históricos, e analisá-los pressupõe considerar relações de poder, ideologias dominantes, grupos sociais e até mesmo conflitos. É basicamente o que Massey elucidava sobre as infinitas trajetórias que coexistem. Cada comunidade, sociedade e pessoa tem a sua e entender o espaço na qual ela está inserida, perpassa pela contextualização e o entendimento daquela trajetória.

No que diz respeito à relação entre a teoria de Alexander e Lefebvre, há mais relações entre as mesmas do que se imagina. Temos um arquiteto e matemático austríaco e um filósofo e sociólogo francês. Ainda que Lefebvre tenha nascido 35 anos antes de Alexander (o primeiro nasceu em 1901 e o segundo em 1936), ambos estavam teorizando sobre tudo o que foi discutido e abordado nos capítulos anteriores basicamente no mesmo período e a publicação de suas obras é bem próxima - Lefebvre publica a primeira edição de

“La production de l’espace” em 1974, Alexander publica “A pattern language” em 1977 e “The timeless way of building” em 1979.

Uma vez que consideramos a relação das duas teorias bem ampla, propomos as seguintes análises e correlações:

Podemos associar o que Lefebvre teoriza sobre a dimensão do espaço concebido e da representação do espaço com os padrões mais amplos e gerais de Alexander. Enquanto Lefebvre trata esta dimensão do espaço como a formante pensada e idealizada pelos técnicos e planejadores que representam a ideologia dominante, temos Alexander abordando os padrões espaciais que existem no ambiente construído que são gerais e dizem respeito à grandes aglomerações como cidades e bairros. O mesmo afirma que esses padrões para resultarem em espaços de qualidade, realmente pensados para os seus usuários e que efetivamente atendam às suas necessidades, devem ser criados pela própria comunidade e não determinados por uma autoridade centralizadora ou um plano urbanístico.

Uma vez que estes padrões gerais dizem respeito às cidades e bairros, nem sempre a população consegue se organizar e se articular para planejar cada ação que vá resultar nesses padrões, principalmente por se tratar de um processo lento e gradual. Entretanto, Alexander afirma que esta é maneira como deve ser feito: partindo dos cidadãos e não de uma autoridade. Mas se pararmos para refletir, um plano urbanístico poderia prever diretrizes que resultassem nesses padrões o que tornaria todo o processo mais rápido e até mesmo mais eficiente. O grande problema disso é quem está no poder elaborando tais planos. Tratando-se de um plano urbanístico, temos técnicos, planejadores e arquitetos fazendo parte do processo de construção disso e voltando suas ações e práticas para a ideologia dominante. E, infelizmente, a ideologia que domina hoje e que dominava na época em que estes teóricos aqui estudados publicavam suas obras é a mesma e está a serviço do capital. Se o planejamento de nossas cidades fosse mais humano e preocupado com as pessoas e a forma como elas vão utilizar o espaço, morar, se deslocar, trabalhar, se divertir e viver, provavelmente os padrões propostos por Alexander não precisariam partir apenas da população, visto que seriam planejados e construídos em conjunto.

No que tange ao espaço percebido e as práticas espaciais de Lefebvre a correspondência com a teoria de Alexander se encontra no fato de que ao propor os padrões espaciais como a solução para um determinado problema, os mesmos foram pensados a partir

da observação do ambiente construído, e não a observação do ambiente ele mesmo, apenas com seu edifícios e demais espaços, mas também todos os seus usuários e toda a prática cotidiana que nele acontece e se desenvolve. Logo, é na dimensão do espaço percebido, no momento das práticas espaciais que os padrões são apreendidos e, posteriormente, aonde serão aplicados.

Em relação ao espaço vivido e os espaços de representação, a associação com os padrões está no fato de que os padrões são criados com o propósito de promover o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas. Tudo isso está no campo sentimental. Diz respeito à forma como as pessoas irão se sentir nos lugares e edifícios, a forma como irão criar vínculos com os espaços e se apropriar ou não dos mesmos. Está ligado ao sentimento de pertença e a todas as emoções que um lugar pode despertar no ser humano. Este é o campo das emoções, o campo do imaginário dos indivíduos e este é ao mesmo tempo, o espaço vivido e o espaço de representação.

Visto isso, e tendo correlacionado tanto a tríade linguística quanto a tríade fenomenológica da teoria de produção do espaço com a linguagem de padrões, podemos relacionar ambas as teorias com o papel do arquiteto e urbanista na construção dos espaços. Enquanto compreender os momentos em que o espaço é produzido é importante para perceber em qual momento o profissional arquiteto e urbanista está inserido e presente, Alexander chama a atenção para a forma como a prática do mesmo vem sendo desenvolvida. Se entendermos que o bom êxito da atuação do profissional depende da participação dos usuários no processo de projeto, entenderemos que quem deve ditar a regras e decidir o que é bom ou ruim, não deve ser nada nem ninguém além dos próprios usuários. São eles quem sabem de suas necessidades e inquietações. O profissional tem o papel de compreender e transformar tudo isso em projetos que efetivamente atenderão aos usuários. E neste caso, que deve ser vivido e visto como um processo, teremos espaços sendo construídos e pensados coletivamente e buscando atender não uma ideologia dominante, mas sim pessoas e que vai resultar em um ambiente mais sensível, que valoriza pessoas e seu bem-estar e qualidade de vida, além de gerar cidades vivas e cheias de diversidade.

## 6. CASO REFERÊNCIA: O BAIRRO COHATRAC

Buscando aliar a teoria com a prática, este trabalho apresenta como caso referência a caracterização espacial do bairro do Cohatrac. Criado na década de 70, período no qual surgiram, na cidade de São Luís do Maranhão, as primeiras cooperativas habitacionais financiadas pelo extinto Banco Nacional de Habitação (BNH), o Cohatrac nasce da Cooperativa Habitacional dos Trabalhadores do Comércio e é composto pelo Cohatrac I, Cohatrac II, Cohatrac III, Cohatrac IV e Cohatrac V.

Na intenção de dar um aporte ao referencial teórico anteriormente exposto, este caso referência tem a intenção de ilustrar toda a teoria abordada. Assim, a metodologia proposta é a de observação participante de William Foote-Whyte, complementada com entrevistas em profundidade.

Assim como Foote-Whyte ao escolher Cornerville como área de estudo - que resultaria no livro “Sociedade de Esquina - A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada” - não se baseou em nenhum dado científico, apenas em uma imagem mental criada pelo próprio autor do que seria a comunidade ideal para o trabalho e na qual Corneville se encaixava, a escolha do Cohatrac aconteceu da mesma forma, por meio de experiências e vivências pessoais com o bairro, que levaram a crer que o bairro era ideal para uma caracterização espacial baseada em Alexander e Lefebvre.

Foote-Whyte insere-se na comunidade estudada com uma metodologia pronta, mas, no decorrer dos acontecimentos, acaba entendendo que é normal que ocorram mudanças de direção que se justificam com a imersão do pesquisador no meio pesquisado.

[...] os dados ainda não revelam qualquer padrão coerente. Então, passamos a viver com os dados - e com as pessoas - até que, quem sabe, algum acontecimento fortuito lance uma luz totalmente diferente sobre eles e comecemos a enxergar um padrão até então não visualizado. Esse padrão não é puramente uma criação artística. Quando pensamos que o vemos, somos forçados a reexaminar nossas notas e, talvez, coletar novos dados a fim de determinar se o padrão percebido representa adequadamente a vida que observamos ou é simplesmente um produto de nossa imaginação. A lógica, então, tem uma participação importante. Mas estou convencido de que *a evolução real das ideias na pesquisa não acontece de acordo com os relatos formais que lemos sobre métodos de investigação. As ideias crescem, em parte, como resultado de nossa imersão nos dados e do processo total de viver.* Considerando que *muito desse processo de análise ocorre num plano inconsciente*, estou seguro de que dele nunca podemos apresentar um relato completo. (FOOTE-WHYTE, 2005, p. 284, grifo nosso).

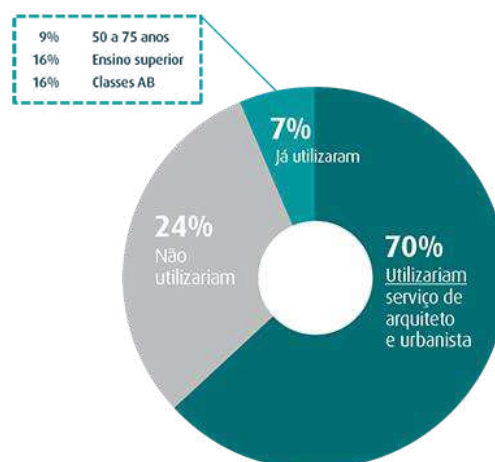
Então, entendendo que os resultados da pesquisa se darão de acordo com a imersão nos dados e de uma forma muito particular que ocorre em um plano inconsciente, a caracterização espacial do Cohatrac, que se segue, aconteceu de maneira bem natural baseando-se em experiências, vivências, observações e conversas com moradores.

### 6.1 Espaço concebido e as representações do espaço

Antes de iniciarmos a caracterização espacial do bairro do Cohatrac, faz-se necessário entender o contexto no qual o mesmo foi criado e no qual se desenvolveu. Trataremos, então, da dimensão do espaço concebido e da representação do espaço, proposto por Lefebvre como o momento onde o espaço é criado, idealizado e conceituado pelos técnicos, que carrega consigo questões políticas, reflete as ideologias dominantes e engloba planos, projetos, mapas, definições e etc.

A priori, vale levantar uma questão a respeito desta dimensão da produção do espaço e a ideologia dominante. Lefebvre, ao abordar esse momento da produção do espaço, refere-se ao espaço pensado pelos profissionais tecnocratas (planejadores, urbanistas, arquitetos, técnicos, entre outros), mas, uma vez que atualmente no cenário em que vivemos temos as cidades brasileiras sendo autoproduzidas, talvez possamos perceber os efeitos e as influências que a ideologia dominante também exerce sobre essas pessoas no momento em que as mesmas autoconstróem.

Figura 07: População economicamente ativa que já contratou os serviços de arquitetos e urbanistas.



Fonte: CAU/BR-DATAFOLHA, 2015.



Estamos tratando de cidades sendo autoconstruídas, autoproduzidas pela sua população, então, ao entendermos que estas pessoas estão sendo fundamentais na construção dos espaços, percebemos que a lógica da influência da ideologia dominante não se aplica só e somente só ao reino dos técnicos. Este apontamento deve ser mais elaborado, mas isto vai ficar para um próximo trabalho. Tendo entendido que vamos abordar agora o momento da representação do espaço e do espaço concebido e que este espaço não vem sendo pensado e idealizado apenas pelos técnicos (como Lefebvre propõe), podemos prosseguir.

O Cohatrac (Conjunto Habitacional dos Trabalhadores do Comércio), que hoje tem cerca de 165 hectares, abriga 20.721 habitantes em 5.612 domicílios particulares e coletivos de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). O bairro surge no contexto da ditadura militar e do Sistema Financeiro de Habitação (SFH), o qual visava “gerir a construção de habitação no Brasil, através do BNH, órgão gestor do sistema.” (VASCONCELOS, 2007).

Segundo Vasconcelos (2007), a produção de habitação social em São Luís surge a partir da década de 40 por meio dos institutos de aposentadorias e pensões - Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciais (IAPC), Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Bancários (IAPB), entre outros IAP's - os quais eram órgãos independentes que produziam conjuntos habitacionais para seus associados. Além destes institutos, havia a Fundação da Casa Popular (FCP) que surgiu na intenção de promover habitação para a classe trabalhadora. Estes órgãos estatais “representam uma iniciativa pioneira na produção pública de moradias, produzindo modelos de diferentes tipologias, demonstrando, pela primeira vez na história da arquitetura brasileira, o interesse do Estado pela questão da habitação social.” (VASCONCELOS, 2007, p. 21).

Entretanto, o golpe militar de 1964 trouxe a percepção de que nem os IAP's nem a FCP seriam capazes de resolver o déficit habitacional da época. Assim, surge o Sistema Financeiro de Habitação e o BNH, os quais apresentam “resultados nunca antes obtidos até o ano de 1986, quando é extinto o Banco Nacional da Habitação.” (VASCONCELOS, 2007, p. 17). O SFH cria em cada estado as Companhias Habitacionais (COHAB's) que eram responsáveis pela construção dos conjuntos habitacionais, além das Cooperativas de Habitação.

De acordo com Vasconcelos (2007), na cidade de São Luís é quando “tem início a construção de conjuntos habitacionais de dimensões nunca antes vistas pela população local, conjuntos com mais de mil unidades residenciais, construídos com infra-estrutura de bairros inteiros.” Os conjuntos habitacionais construídos originam vários bairros da cidade como Bequimão, Turu, Cohaserma, Cohama, Cohafuma, Vinhais, Cidade Operária e o bairro do presente caso referência, Cohatrac.

Figura 08: Produção da COHAB-MA e das Cooperativas Habitacionais em São Luís até 1980.

COHAB-MA			COOPERATIVAS		
Nome do Conjunto	Ano	Unid. Habit.	Nome do Conjunto	Ano	Unid. Habit.
Cohab - Anil I	1967	505	IPASE	1970	525
Cohab - Anil II	1968	516	Maranhão Novo	1971	432
Cohab - Anil III	1969	1.417	Cohama	1974	700
Coheb - Sacavém	1970	476	Cohapa	1976	41
Radional	1972	366	Parque Timbiras	1977	96
Cohab - Anil IV	1975	1.111	Cohatrac I	1977	875
Vinhais	1979	1.627	Cohapam	1978	100
Bequimão	1979	1.190	Cohajap	1978	331
Turú	1979	767	Coajoli	1978	50
Rio Anil	1979	345	Cohaserma	1978	364
Angelim	1980	654	Coarev	1979	160
Cidade Operária	1986	7.500	Cohajapa	1979	38
			Cohafuma	1980	482
<b>Total</b>		<b>16.474</b>	<b>Total</b>		<b>4.194</b>
<b>TOTAL GERAL</b>			<b>20.668</b>		

Fonte: RIBEIRO JÚNIOR (2001) apud VASCONCELOS (2014).

Uma vez que o bairro Cohatrac foi criado por uma Cooperativa Habitacional, é oportuno entender um pouco mais sobre esses órgãos e a forma como os mesmos se organizavam. De acordo com Castro Filho (2011), o marco legal das cooperativas de habitação é a Lei n. 4.380/64, que, além de criar o SFH, também conferiu às cooperativas a função de agentes promotores. Os agentes promotores do SFH seriam "entidades públicas ou particulares que associam a execução de programas setoriais de construção de habitações às atividades financeiras referentes à sua comercialização. Estão nessa categoria as companhias de habitação, as cooperativas habitacionais e outras entidades" (BUCCI, 2003 apud CASTRO FILHO, 2011).

Castro Filho (2011) atenta para o fato de que “fala-se habitualmente em Sistema Financeiro da Habitação, quando na verdade o que a Lei n. 4.380/64 criou foi o chamado Plano Nacional de Habitação”. O SFH devia prover os recursos que assegurassem a execução do Plano. O autor afirma que durante determinado tempo as cooperativas foram “um veículo importante de destino de boa parte dos recursos do SFH, notadamente para promoção de empreendimentos habitacionais populares” e que no início do Plano Nacional de Habitação, as cooperativas habitacionais “recebiam os recursos diretamente do BNH, sendo elas próprias responsáveis pela captação de associados, elaboração do projeto construtivo e orçamento das obras. Ocorre que, com vistas a tornar a equação financeira mais rentável para o BNH, esta entidade passou a dificultar, cada vez mais, o acesso ao crédito pelas cooperativas.”

Assim, de acordo com Castro Filho (2011), é criado em 1966 o Decreto n. 58.37/66 que restringe o crédito do BNH apenas às cooperativas operárias, as quais o funcionamento dependia de autorização governamental. Este mesmo decreto cria os Institutos de Orientação de Cooperativas (INOCOOP's) que “passaram a figurar como um ente intermediador na relação entre cooperativas e BNH. Tudo isso como forma de tornar mais eficiente a engenharia financeira dos investimentos, evitando-se prejuízos ao Sistema Financeiro Habitacional.”

É nesse contexto das cooperativas habitacionais que o bairro Cohatrac é criado. O Cohatrac subdivide-se em Cohatrac I, Cohatrac II, Cohatrac III, Cohatrac IV e Cohatrac V. Segundo Freire e Diniz (2006), o processo de construção do Cohatrac perdurou entre os anos de 1974-1977, sendo que, em 1978, o primeiro conjunto, o Cohatrac I, já estava concluído. De acordo com Ribeiro Júnior (2001) apud Vasconcelos (2014), como podemos verificar na figura 08, o Cohatrac surgiu em 1977, contendo 875 unidades habitacionais. Anunciação (2004) apud Freire e Diniz (2006) estima nestas unidades uma população de aproximadamente 2.625 habitantes.

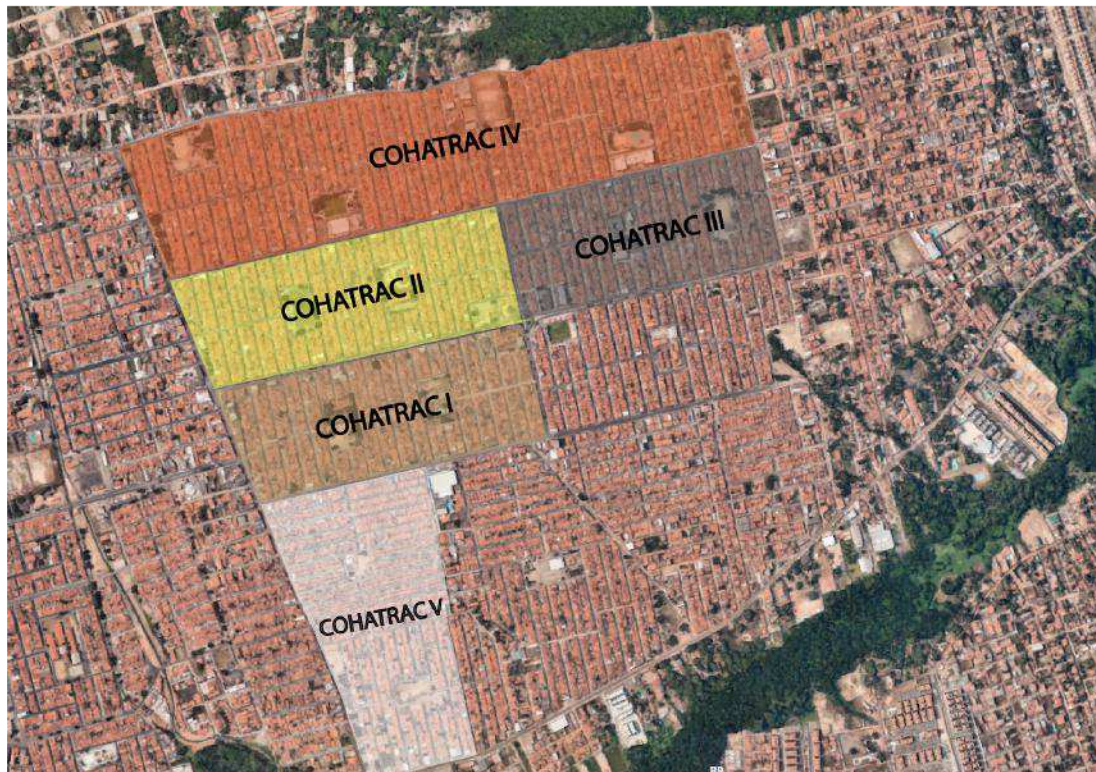
Localizado no centro da Ilha Upaon-Açu, o bairro em questão está situado próximo ao limite entre a capital São Luís e o município de São José de Ribamar. Segundo Freire e Diniz (2006), a princípio o Cohatrac fazia parte de São José de Ribamar, mas em 1985, através do Decreto n. 4662/85, o bairro foi desmembrado do município e anexado a São Luís devido à relação direta estabelecida entre o bairro e a cidade.

Figura 09: Localização do bairro Cohatrac na Ilha Upaon-Açu.



Fonte: Google Earth (2018) adaptado por Fernandes (2018).

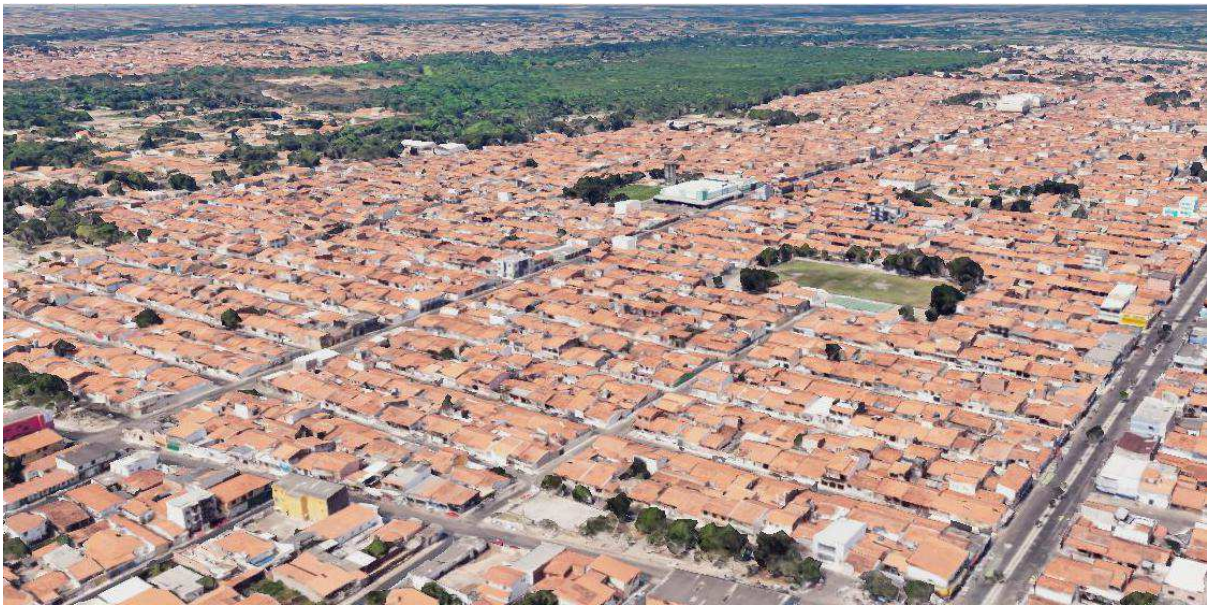
Figura 10: Localização do bairro Cohatrac e sua sub-divisão (Cohatrac I, II, III, IV e V).



Fonte: Google Earth (2018) adaptado por Fernandes (2018).

O bairro tem como entorno imediato os bairros Jardim Primavera, Jardim das Margaridas, Planalto Anil, Parque Aurora e Itapiracó. O Cohatrac por si só apresenta uma grande extensão, por isso, para efeito da caracterização espacial foi necessário delimitar uma área de pesquisa e o Cohatrac IV foi a área escolhida.

Figura 11: Cohatrac IV - Vista aérea.



Fonte: Google Earth (2018).

Figura 12: Cohatrac IV - Delimitação e Praça Públicas.



Fonte: Google Earth (2018) adaptado por Fernandes (2018).

O Cohatrac IV é delimitado pela avenida Joaquim Mochel a norte, avenida Contorno Norte a sul, avenida Contorno Leste a leste e, também, a oeste. Em toda extensão do Cohatrac IV, encontramos 6 praças públicas: Praça das Árvores, Praça Verão, Praça da Caixa D'Água, Campo do Leozão, Praça do Passeio e Praça do Ponto Final. Em todas as praças foi perceptível como a utilização das mesmas, pelos moradores, é frequente.

Através de visitas, foi perceptível as diversas mudanças e reformas que foram realizadas na grande maioria das casas. Entretanto, ainda assim foi possível identificar os modelos tipológicos do início do bairro em algumas residências que não sofreram alterações significativas.

Figura 13: Modelo tipológico I.



Fonte: Fernandes (2018).

Figura 14: Modelo tipológico II.



Fonte: Fernandes (2018).

O modelo tipológico I apresenta dois quartos, um banheiro, uma sala e uma cozinha. Duas janelas voltadas para a fachada frontal da casa (uma da sala e outra do quarto). Houve a oportunidade de adentrar residências com desta tipologia. No que diz respeito ao modelo tipológico II, não foi possível entrar em nenhuma residência desta tipologia, entretanto, supõe-se que a terceira janela voltada para a fachada frontal seja de mais um quarto, tendo assim três quartos, um banheiro, uma sala e uma cozinha (sendo as janelas da sala e de dois quartos voltadas para a fachada frontal). Vale lembrar que em relação ao modelo tipológico II, estamos trazendo suposições de acordo com as observações feitas.

Como a intenção deste subcapítulo é abordar o espaço concebido e as representações do espaço, traremos os padrões espaciais identificados no Cohatrac que podem ser projetados ou construídos. No livro de Alexander, ele apresenta a essência do problema para que, após o corpo do problema e o embasamento empírico do padrão, ele traga a solução, ou seja, o ponto central do padrão que irá descrever a forma como solucionar o problema exposto de acordo com o contexto apresentado. Para efeito de apresentação, foram elaboradas fichas dos padrões de Alexander identificados no Cohatrac com a essência do problema e a solução, além do diagrama que representa o padrão. Iniciaremos com fotos do bairro, para que em seguida possamos falar sobre os padrões retratados nas mesmas.

Uma vez que iremos abordar principalmente as reformas e modificações feitas que foram construídas e edificadas, iremos também tratar de pessoas produzindo o seu espaço. Como Alexander mesmo dizia, não é possível modificar uma casa sem interferir no seu entorno e assim retomamos ao que foi dito anteriormente sobre a forma como essa produção está sendo pensada, por pessoas que não deixam de ser influenciadas por diversas questões, sejam elas estéticas, políticas ou econômicas, e que compõem uma ideologia dominante. Essas intervenções nas edificações, além de influenciadas pelas questões supracitadas, também são um reflexo das práticas espaciais. O espaço pensado pelos técnicos era um, este representado acima pelo modelos tipológicos. O espaço que encontramos hoje, foi alterado pelos moradores que através da sua prática espacial tiveram necessidades que resultaram nos padrões espaciais identificados que de certa forma retratam e nos dizem muito sobre a dinâmica de vida das pessoas e a forma como as mesmas utilizam o espaço.

Figura 15: Rua 28 do Cohatrac IV (à esq.) e o Shopping Passeio (à dir.).



Fonte: Fernandes (2018).

Iniciaremos com o que tange o gabarito das edificações. No Cohatrac IV as edificações destinadas ao uso residencial variam entre térreo e 1 pavimento. Já nas edificações de uso comercial ou até mesmo uso misto, observamos um gabarito que pode variar entre 3 e 4 pavimentos, mas, que ainda assim, é majoritariamente térreo. Uma vez que não identificamos nenhuma edificação que ultrapasse os quatro pavimentos, identificamos o padrão n. 21 - limite de quatro pavimentos.

Figura 16: Padrão n. 21 - Limite de quatro pavimentos.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).



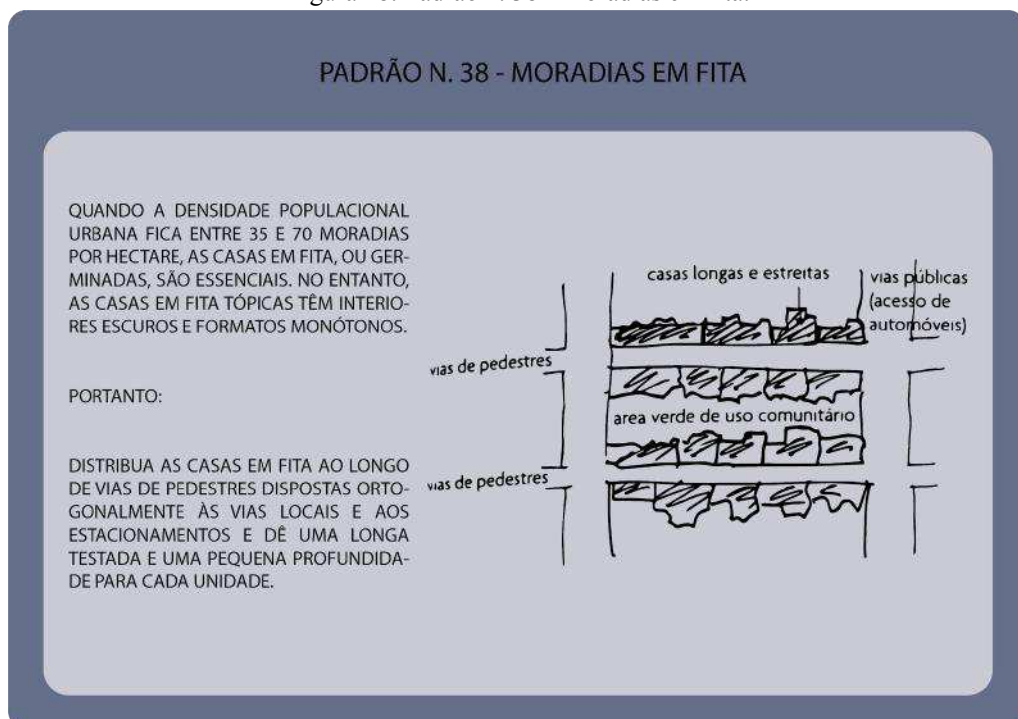
Figura 17: Rua 30 (à esq.) e rua 06 (à dir.) do Cohatrac IV.



Fonte: Fernandes (2018).

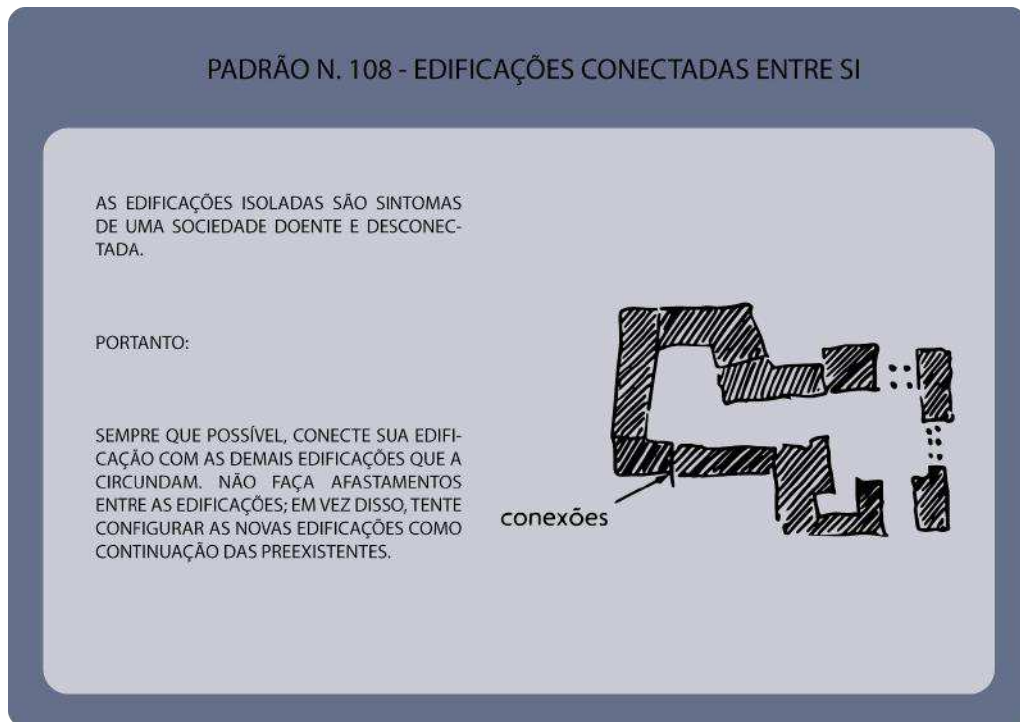
Em relação ao que está presente nesta imagem e que se repete por toda extensão do Cohatrac IV, pudemos identificar os padrões n. 38 - moradias em fora, padrão n. 108 - edificações conectadas entre si e o padrão n. 122 - fachadas frontais. Trata-se da disposição das edificações ao longo das vias. No Cohatrac IV os lotes são dispostos em fita e é perceptível a falta de afastamento entre as edificações. Parece que na tentativa de aproveitar ao máximo o lote, os recuos são deixados de lado então podemos ver edificações conectadas. Em relação ao alinhamento das fachadas, todas seguem o mesmo em relação a via.

Figura 18: Padrão n. 38 - Moradias em fita.



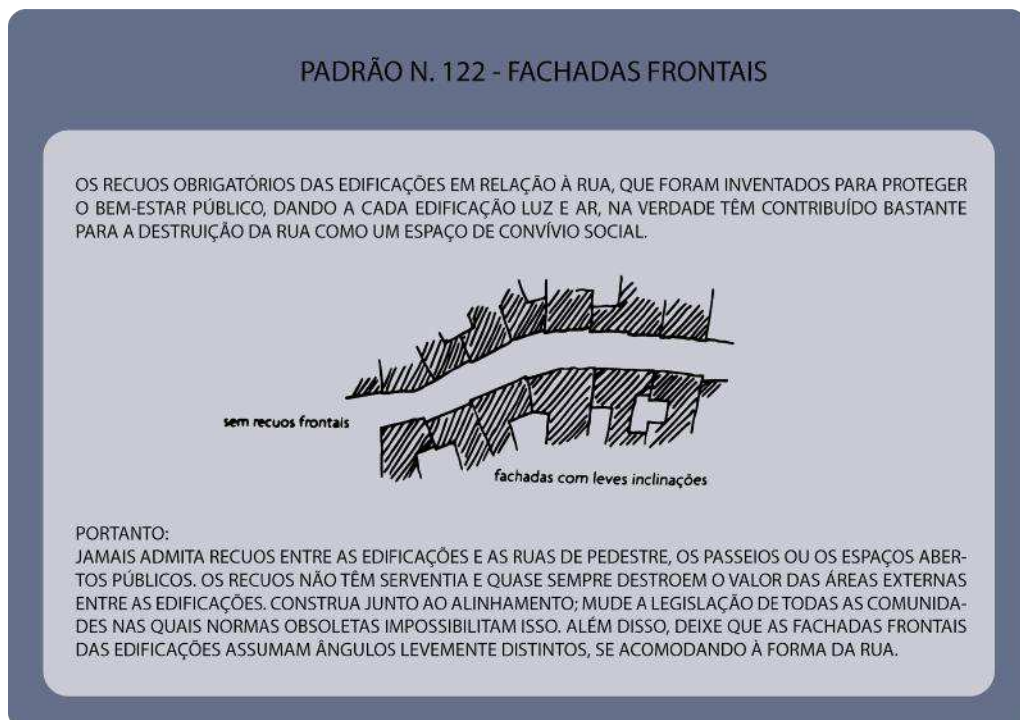
Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 19: Padrão n. 108 - Edificações conectadas entre si.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 20: Padrão n. 122 - Fachadas frontais.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 21: Fachadas de residências nas ruas 01, 02, 30 do Cohatrac IV.



Fonte: Fernandes (2018).

Como vimos nos modelos tipológicos das casas originais do bairro, todas tinham janelas na fachada frontal e um muro baixo com portão de grade, o que permitia uma interação entre a edificação e a rua. Hoje, percebe-se que mesmo nas casas térreas, ainda é comum a existência de janelas e basculantes voltadas para a rua (como podemos observar acima na lateral da casa verde). Nas casas com 1 pavimento, sempre há varandas, terraços, sacadas e/ou janelas voltados para a rua, garantindo a interação entre a edificação e a vida cotidiana que acontece lá fora. Ainda mais comum, é o que podemos observar na imagem da casa com detalhes vermelhos na fachada: a maioria esmagadora de residências térreas possui um telhado com beiral e algum tipo de abertura (gradis, cobogós, brises e etc) que permitem o contato entre o lado de dentro da edificação e o seu entorno. Tendo apreendido isto, foi possível identificar a forte presença dos seguintes padrões: terraço privativo junto à rua (padrão n. 140), janelas para a rua (padrão n. 164), varandas e galerias (padrão n. 166) e janelas voltadas para a vida lá fora (padrão n. 192).

Figura 22: Padrão n. 140 - Terraço privativo junto à rua.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 23: Padrão n. 164 - Janelas para a rua.

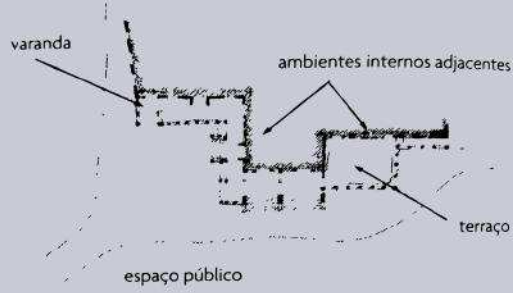


Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 24: Padrão n. 166 - Varandas e galerias.

**PADRÃO N. 166 - VARANDAS E GALERIAS**

SE AS PESSOAS NÃO TÊM COMO SAIR DO INTERIOR DA EDIFICAÇÃO PARA VARANDAS, SACADAS OU TERRAÇOS VOLTADOS PARA O ESPAÇO PÚBLICO EM TORNO DA EDIFICAÇÃO, NEM ELAS PRÓPRIAS NEM AS PESSOAS QUE ESTÃO NO EXTERIOR TERÃO QUALQUER RECURSO QUE AS AJUDEM A SENTIR COMO A EDIFICAÇÃO E O CONTEXTO PÚBLICO MAIOR ESTÃO INTER-RELACIONADOS.




PORTANTO:  
SEMPRE QUE POSSÍVEL - EM TODOS OS PAVIMENTOS VIÁVEIS - CONSTRUA VARANDAS, GALERIAS, ARCADAS, SACADAS, NICHOS, BANCOS EXTERNOS, TOLDOS, PÉRGOLAS E ELEMENTOS SIMILARES EM VOLTA DAS EDIFICAÇÕES, ESPECIALMENTE QUANDO ESSES ELEMENTOS ESTIVEREM VOLTADOS PARA ESPAÇOS PÚBLICOS E RUAS, E CONECTE-OS DIRETAMENTE AOS AMBIENTES INTERNOS POR MEIO DE PORTAS.

Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 25: Padrão n. 192 - Janelas voltadas para a vida lá fora.

**PADRÃO N. 192 - JANELAS VOLTADAS PARA A VIDA LÁ FORA**

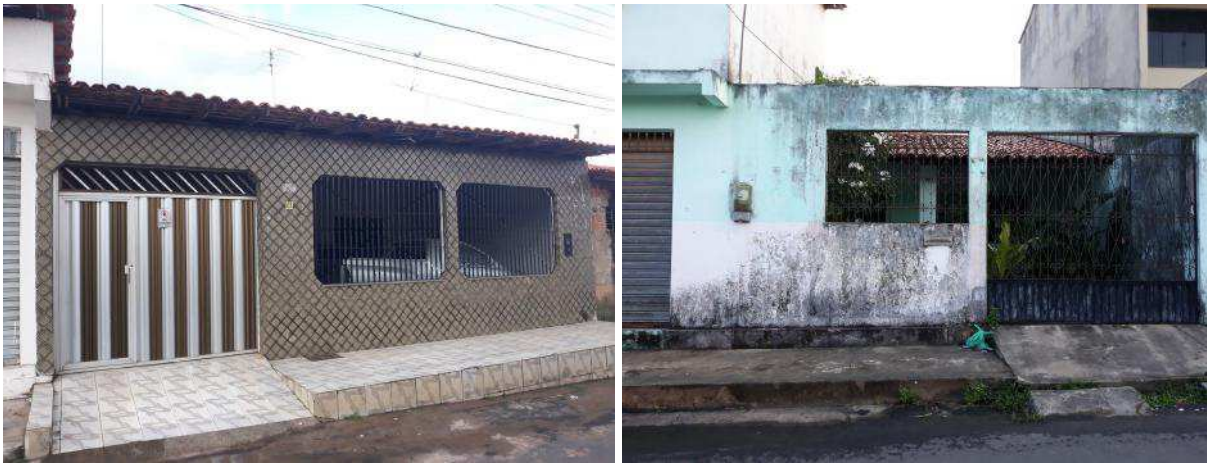
AMBIENTES SEM VISTA EXTERNA SÃO PRISÕES PARA AS PESSOAS QUE PRECISAM FICAR DENTRO DELES.



PORTANTO:  
EM CADA UM DOS AMBIENTES, DISTRIBUA AS JANELAS DE MANEIRA QUE SUA ÁREA TOTAL CORRESPONDA APROXIMADAMENTE AOS VALORES ADEQUADOS PARA A SUA REGIÃO (25% DA ÁREA DE PISO OU MAIS, NO CASO DA REGIÃO DA BAÍA DE SAN FRANCISCO) E POSICIONE-AS DE MODO A OBTER AS MELHORES VISTAS POSSÍVEIS DA VIDA LÁ FORA: O MOVIMENTO NA RUA, OS JARDINS TRANQUILOS OU QUALQUER COISA DIFERENTE DO CENÁRIO INTERNO.

Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

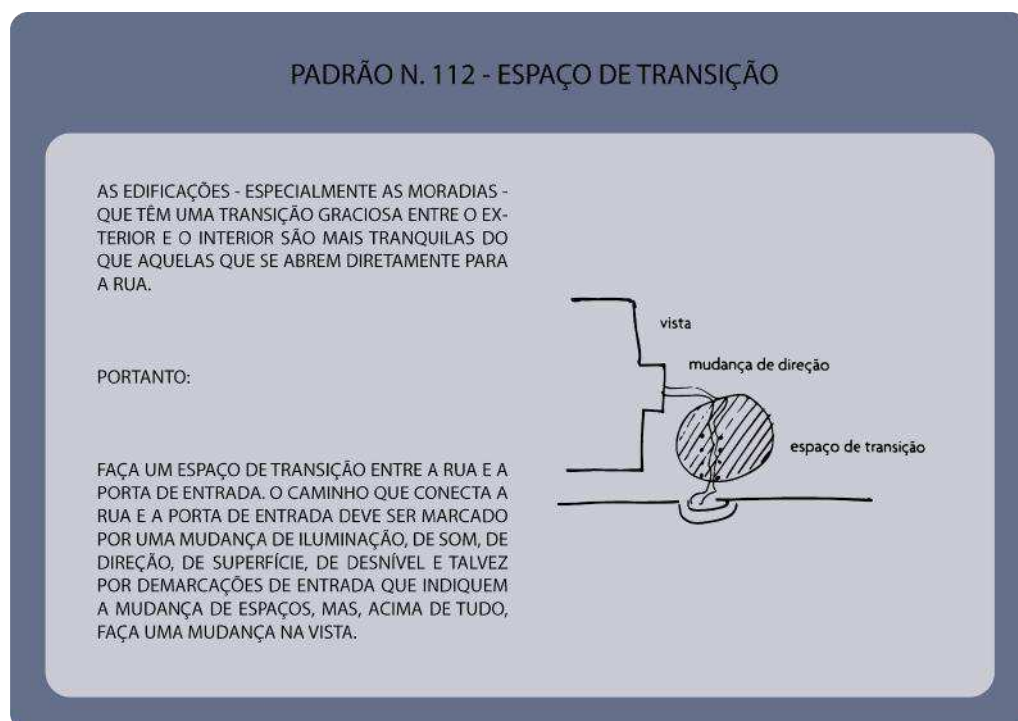
Figura 26: Residências nas ruas 01 e 26.



Fonte: Fernandes (2018).

Observou-se que a partir do momento em que os moradores projetam seu telhado para frente, alcançando o muro externo da edificação e ainda se projetando para além dele formando um beiral, acaba se obtendo uma espécie de terraço que ao mesmo tempo que funciona como garagem da residência também funciona como um espaço de transição entre o exterior e o interior da edificação. Assim, identificou-se o padrão n. 112 - espaço de transição e o padrão n. 113 - conexão entre a casa e o automóvel.

Figura 27: Padrão n. 112- Espaço de transição.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 28: Padrão n. 113 - Conexão entre a casa e o automóvel.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

## 6.2 Espaço percebido e as práticas espaciais, espaço vivido e os espaços de representação

No subcapítulo anterior abordamos os padrões que podem ser projetados e construídos, neste subcapítulo nos dedicaremos a tratar de padrões que também podem ser projetados e construídos, mas que principalmente são padrões que retratam comportamentos, modos de morar e que vão gerar uma prática espacial, a qual determinará a forma como as intervenções são pensadas e a própria dinâmica do bairro. Como Lefebvre mesmo dizia, todos estes momentos da produção do espaço estão imbricados, e ora um ora outro acaba se sobressaindo em algum âmbito. Neste sentido, foi feita esta divisão dos padrões que correspondem ao espaço concebido e ao espaço percebido e vivido, mas vale ressaltar que esta divisão foi feita para efeitos de análise. Na prática, todos os momentos da produção do espaço estão acontecendo mutuamente.

Como já foi dito anteriormente, o momento do espaço percebido e das práticas espaciais diz respeito à efetivação das interações sociais e práticas cotidianas em um plano material. A dimensão do espaço vivido e dos espaços de representação, por sua vez, diz respeito a uma dimensão simbólica, das significações, das interpretações, vivências e experiências dos usuários com o ambiente construído. Por isso, nos dedicaremos a abordar

padrões entendidos como “comportamentais”, que estão mais ligados a um modelo de vida do que a um tipo de construção específico.

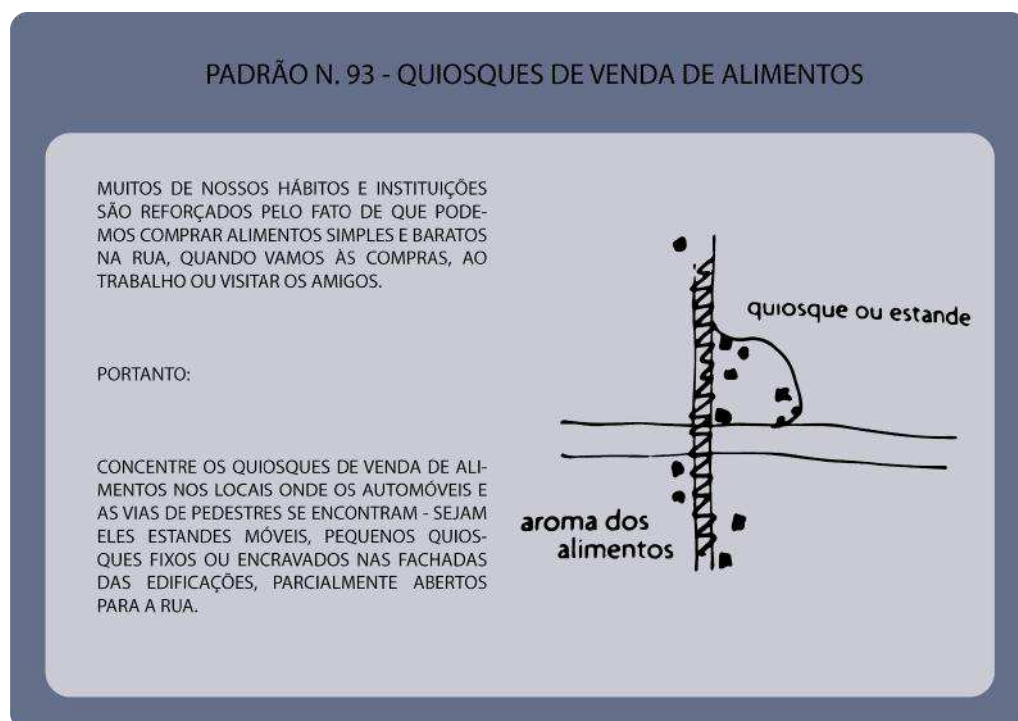
Figura 29: Venda de alimentos no Cohatrac IV.



Fonte: Fernandes (2018).

Identificou-se no Cohatrac a prática de venda de alimentos em pequenas bancas nas avenidas, nas ruas, em frente a estabelecimentos que atraem uma grande quantidade de pessoas (a igreja, por exemplo) e percebe-se que esta é uma prática comum na região. Estamos tratando, portanto, do padrão n. 93 - quiosques de vendas de alimentos.

Figura 30: Padrão n. 93 - Quiosques de vendas de alimentos.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).



Figura 31: Diversidade de pequenos comércios.





Fonte: Fernandes (2018).

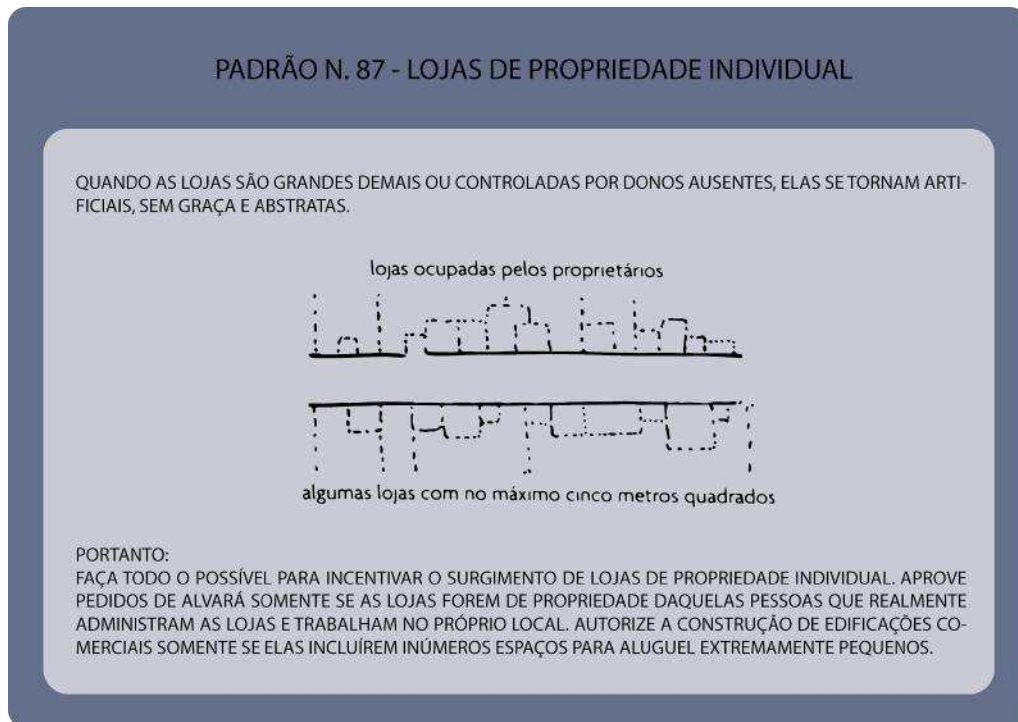
Observa-se uma grande quantidade de micro-empresas em toda a região do Cohatrac. Ainda que haja uma forte concentração de empreendimentos nas avenidas de maior fluxo, nas ruas do bairro é muito comum a presença de lojas, salões de beleza, mercearias, escritórios, reforços escolares, entre outros. São empreendimentos que não tem um porte muito grande como as franquias, mas que devido ao seu porte menor, já tem uma freguesia fiel. Lá é comum que os moradores conheçam os donos das lojas e estabeleçam relações com os mesmos. Essa dinâmica apreende o padrão n. 80 - escritórios e oficinas com autoadministração, o padrão n. 87 - lojas de propriedade individual, o padrão n. 89 - mercearias de esquina e o padrão n. 157 - oficina em casa.

Figura 32: Padrão n.80 -Escritórios e oficinas com autoadministração.



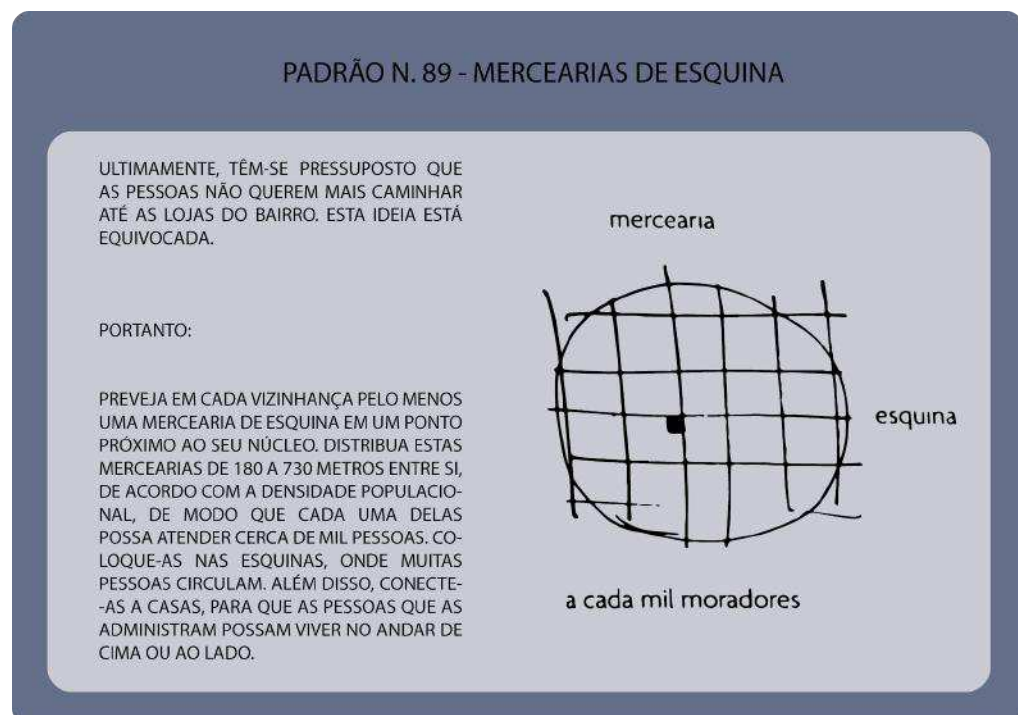
Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 33: Padrão n.87 - Lojas de propriedade individual.



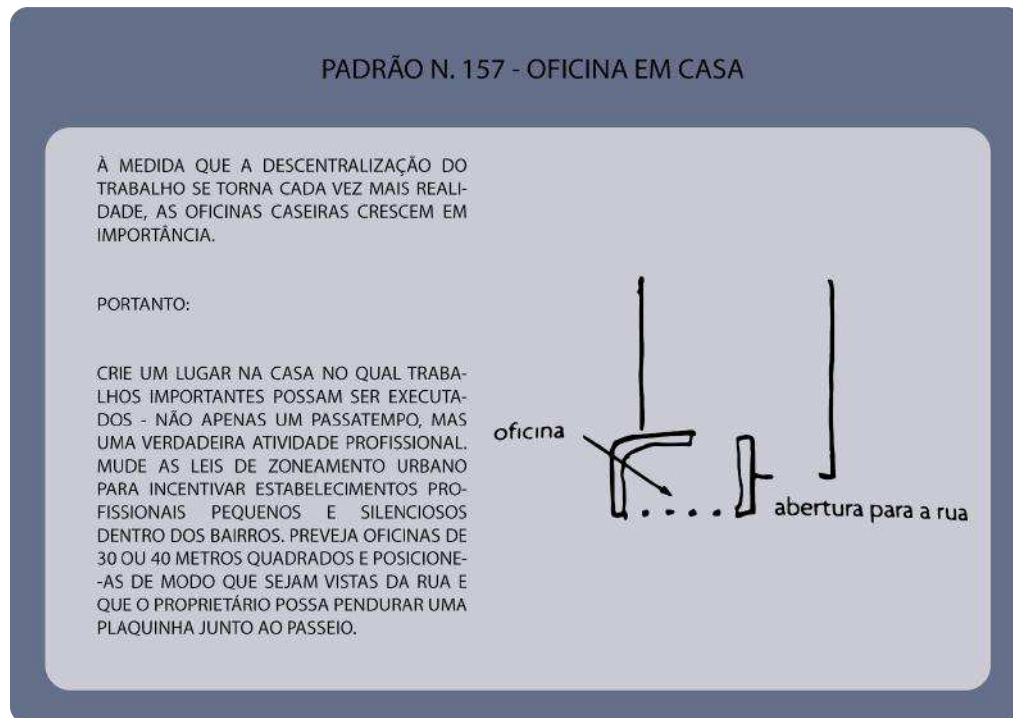
Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 34: Padrão n. 89 - mercearias de esquina.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 35: Padrão n.157 - Oficina em casa.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 36: Cômodos para alugar nas ruas 01 e 26.



Fonte: Fernandes (2018).

Uma outra prática que identificamos e que se relacionam com o que foi dito acima das lojas pequenas e de propriedade individual, é a existência de cômodos para alugar (padrão n. 153). Estes cômodos são na verdade pontos comerciais que os donos da residência constroem, isolados do fluxo da casa e que acabam servindo como uma renda extra para a família.

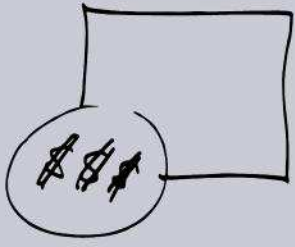
Figura 37: Padrão n.153 - Cômodos para alugar.

**PADRÃO N. 153 - CÔMODOS PARA ALUGAR**

À MEDIDA QUE A VIDA DE UMA EDIFICAÇÃO MUDA, A NECESSIDADE DE ESPAÇO AUMENTA E DIMINUI CICLICAMENTE. A EDIFICAÇÃO DEVE TER A CAPACIDADE DE SE ADAPTAR A ESSE CRESCIMENTO OU A ESSA REDUÇÃO DE NECESSIDADE DE ESPAÇO.

PORTANTO:

FAÇA PELO MENOS PARTE DE UMA EDIFICAÇÃO PARA SER ALUGADA: CRIE UMA SEGUNDA ENTRADA PRIVATIVA, DESVINCULADA DA CONEXÃO REGULAR COM O RESTO DA CASA. CERTIFIQUE-SE DE QUE A ENTRADA REGULAR POSSA SER FACILMENTE ISOLADA, SEM DESTRUIR A CIRCULAÇÃO NA CASA, E DE QUE UM BANHEIRO POSSA SER ACESSADO DIRETAMENTE DESTE AMBIENTE, SEM QUE SEJA NECESSÁRIO ENTRAR NO IMÓVEL PRINCIPAL.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 38: Depósitos de bebidas e bares no Cohatrac IV.

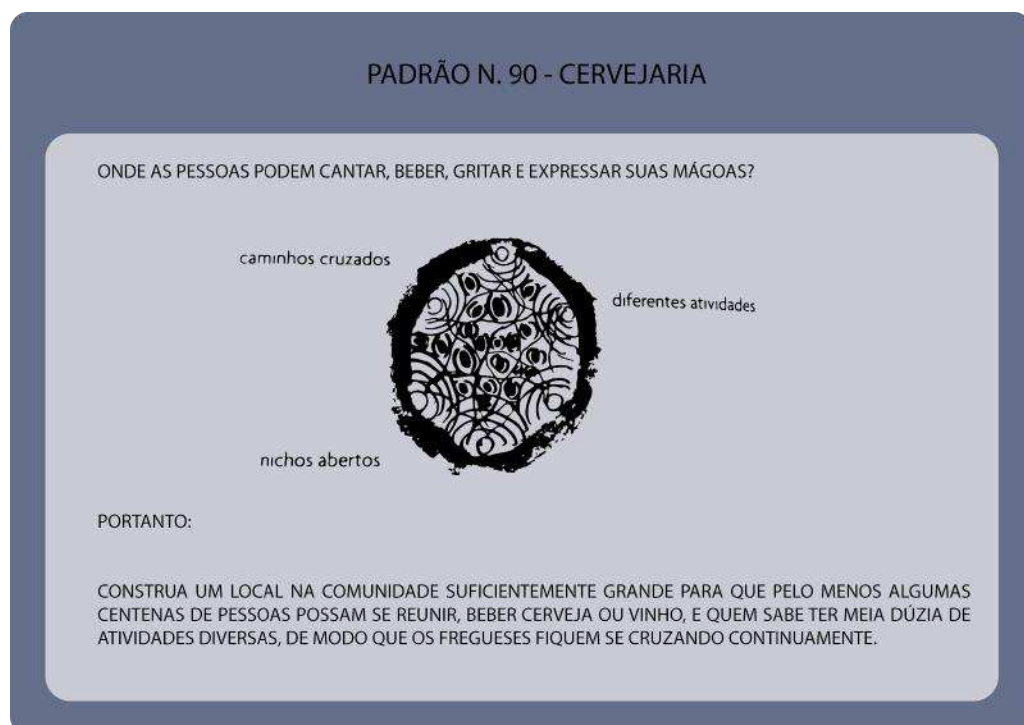




Fonte: Fernandes (2018).

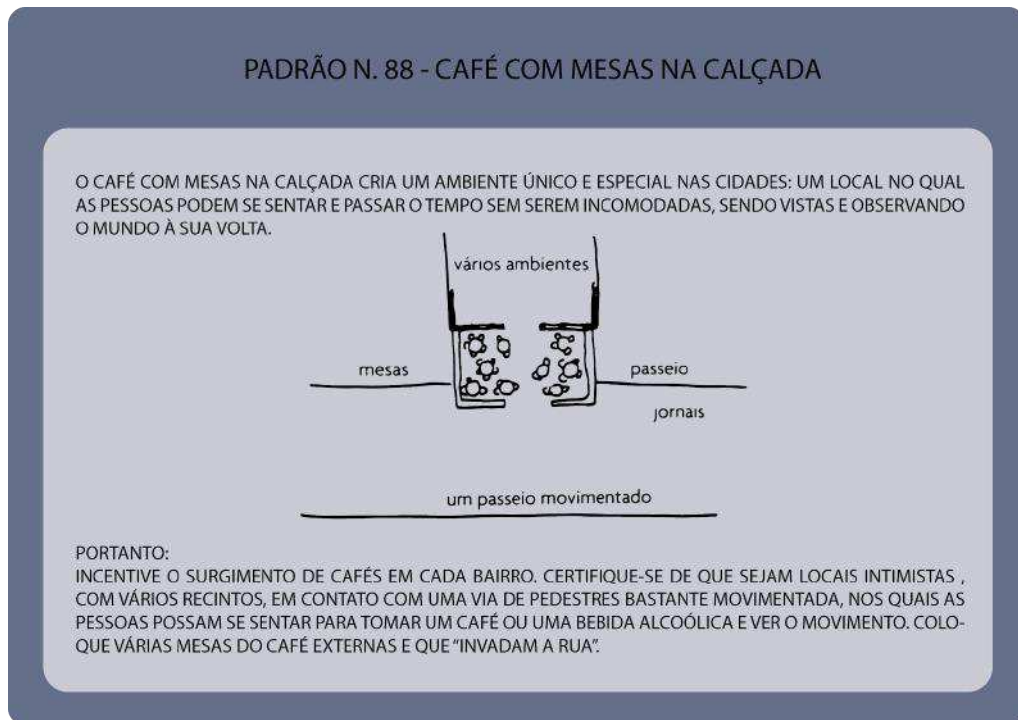
As cervejarias (padrão n. 90) são facilmente encontradas em toda extensão do Cohatrac. Desde pequenos depósitos de bebidas a grandes e conhecidos bares, estes são lugares que costumam agregar pessoas. Além da abertura para a rua (padrão n. 165) e das grande quantidade de mesas na calçada (padrão n. 88) e até mesmo nas vias, estes estabelecimentos costumam ter movimento não só durante o dia, mas também durante a noite. Nos finais de semana este movimento se intensifica.

Figura 39: Padrão n. 90 - Cervejaria.



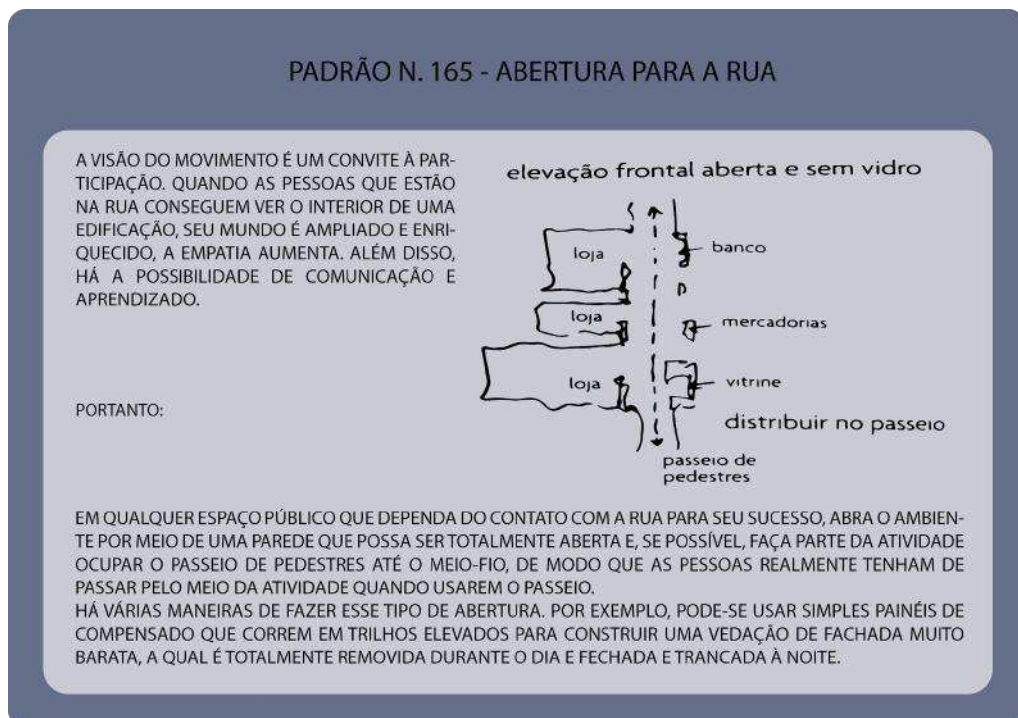
Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 40: Padrão n. 88 - Cafés com mesas nas calçadas.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 41: Padrão n.165 - Abertura para a rua.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

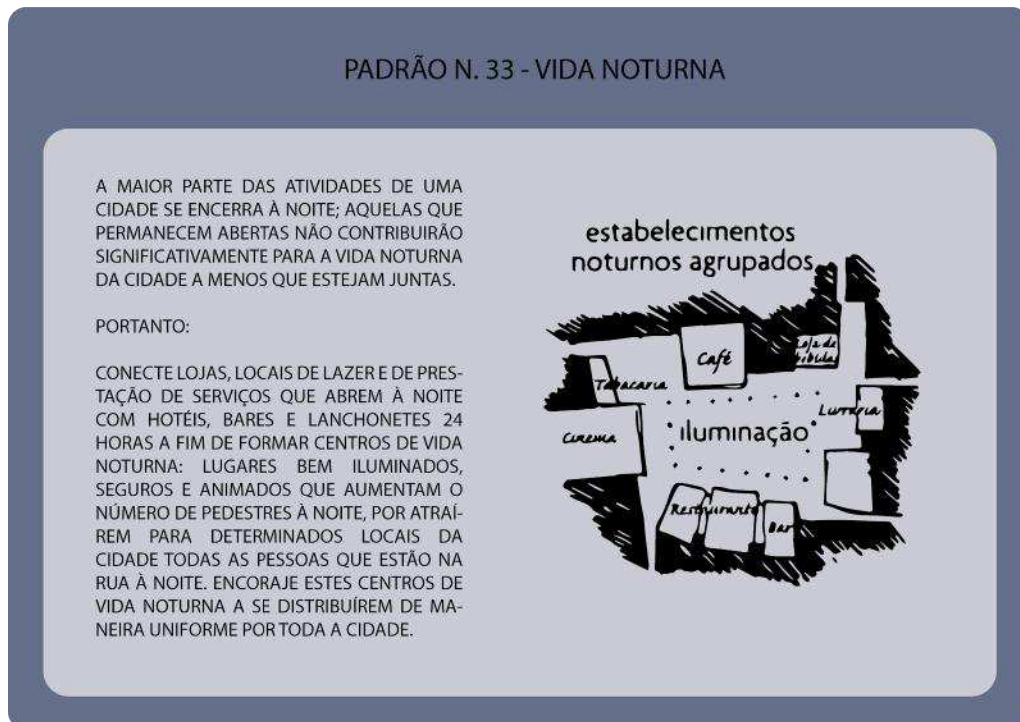
Figura 42: Lanchonetes e bares em funcionamento durante a noite no Cohatrac IV.



Fonte: Fernandes (2018).

Observou-se que a vida noturna do Cohatrac IV se dá principalmente pelo comércio, mais especificamente bares, cervejarias, padarias e lanchonetes, mas também pelas praças, que no período noturno continuam a agregar pessoas, ainda que em menor quantidade do que se vê durante a tarde.

Figura 43: Padrão n. 33 - Vida noturna.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).



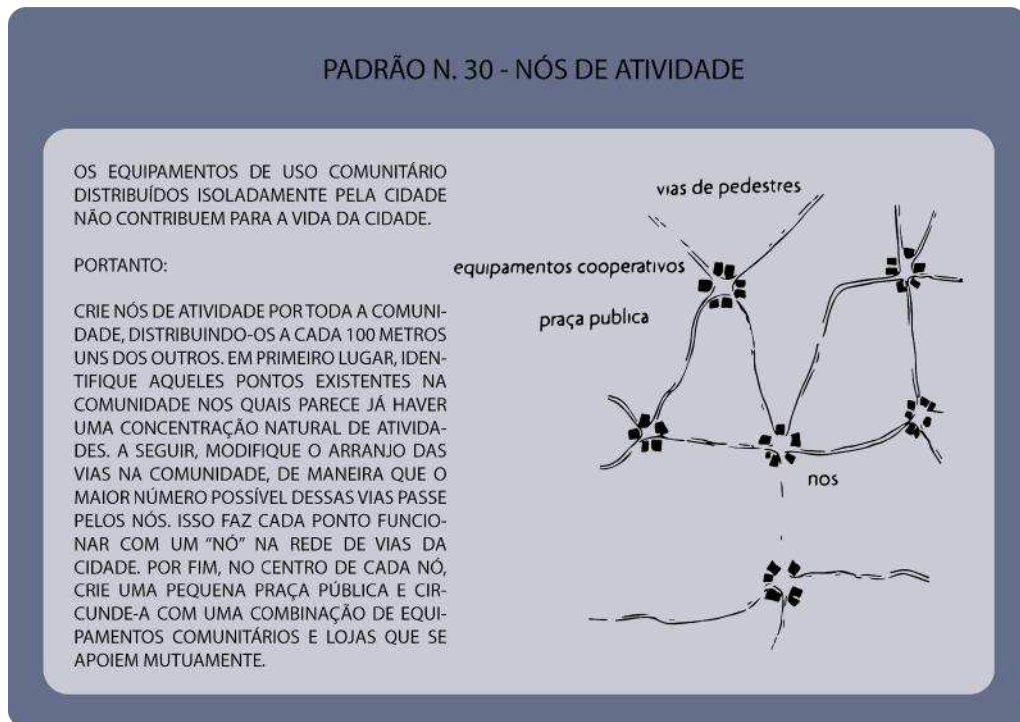
Figura 44: Comércio e serviços na Avenida Contorno Norte e Restaurante Malaguetta's na Rua 13.



Fonte: Fernandes (2018).

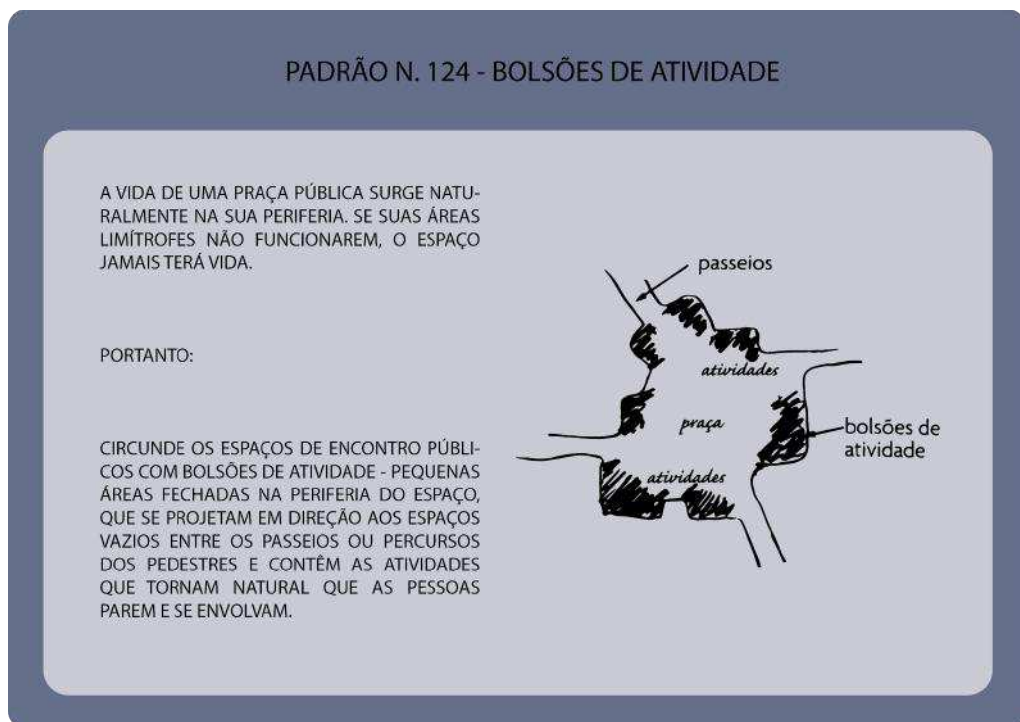
No que diz respeito às atividades desenvolvidas no bairro, ao mesmo tempo que há uma concentração em determinados pontos, elas são bem distribuídas. Então temos nas avenidas principais (Joaquim Mochel, Contorno Norte e Contorno Leste) uma grande concentração de comércio e serviços. Nesses lugares, portanto, há bolsões de atividades (padrão n. 124). Nas ruas onde encontramos majoritariamente residências, também encontramos uma quantidade considerável de micro-empresas como salões de beleza, mercearias, reforços escolares, entre outros, o que acaba criando diversos nós de atividades (padrão n. 30). Além disso temos as 6 praças públicas do Cohatrac IV que por si só já são pontos que agregam diversas atividades nas próprias praças e no entorno imediato. Com isso cria-se uma rede de comércios e serviços (padrão n. 19) que se distribuem bem por toda a extensão do bairro e nesse sentido identificamos mais um padrão, o padrão n. 09 - locais de trabalho bem distribuídos, uma vez que toda essa oferta de atividades e serviços, além de suprir as necessidades dos moradores, também gera emprego. Dessa maneira, o Cohatrac torna-se um bairro onde é possível morar, trabalhar e estudar, o que é muito diferente do que costumamos ver nas nossas cidades, onde as pessoas moram em lugares distantes e precisam perder horas e horas em seu dia em congestionamentos para conseguir chegar ao seu local de trabalho.

Figura 45: Padrão n.30 - Nós de atividade.



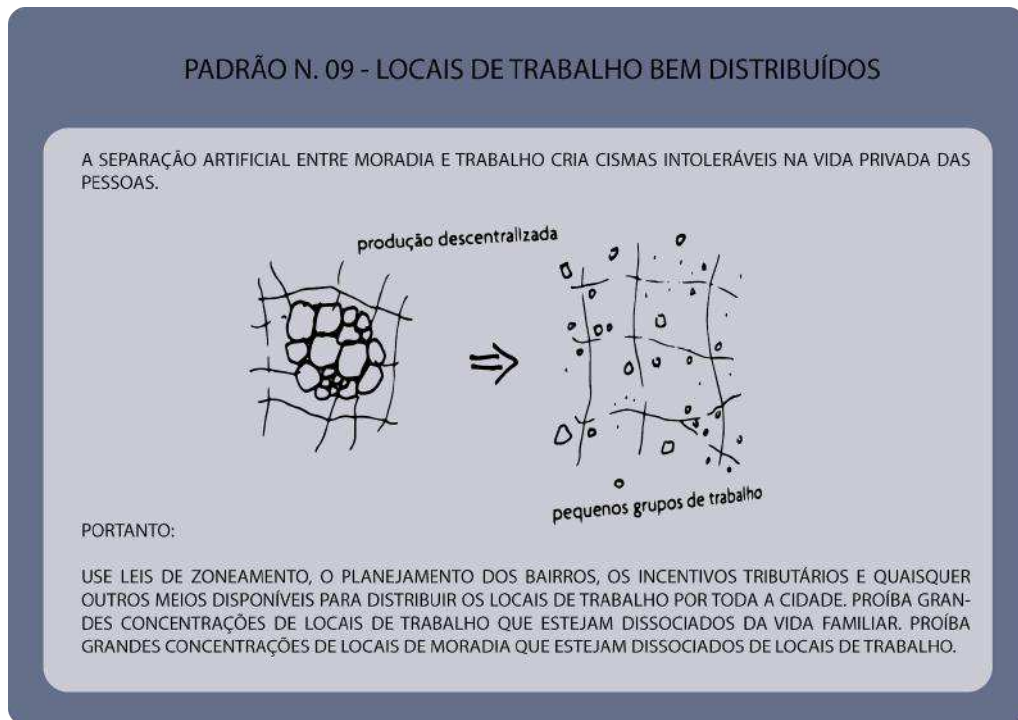
Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 46: Padrão n.124 - Bolsões de atividades.



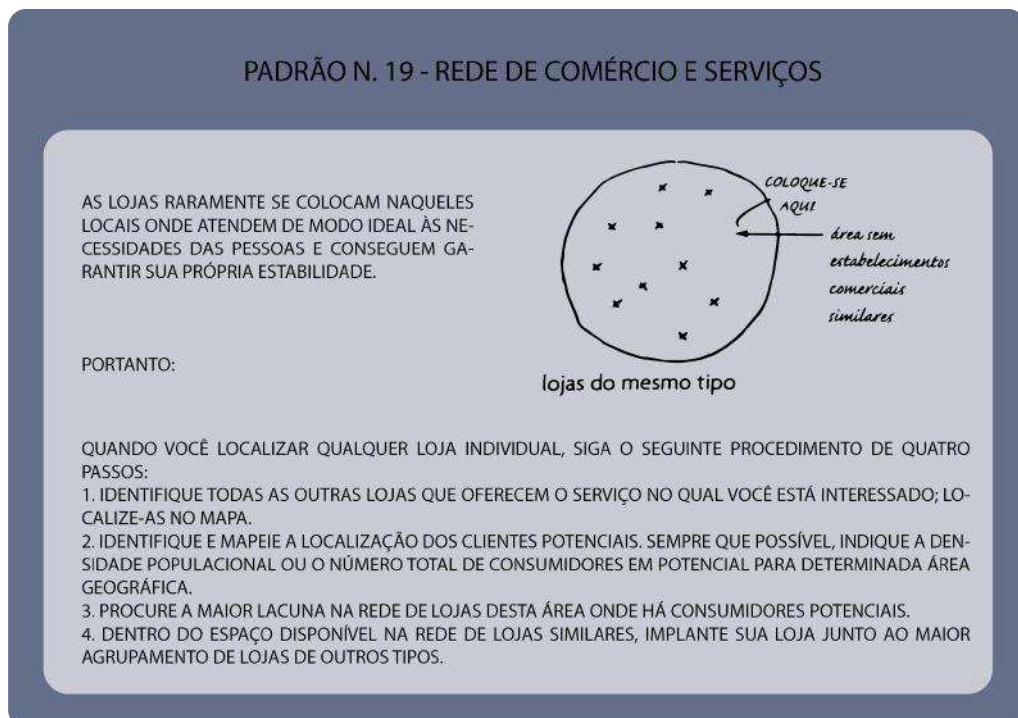
Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 47: Padrão n.09 - Locais de trabalho bem distribuídos.



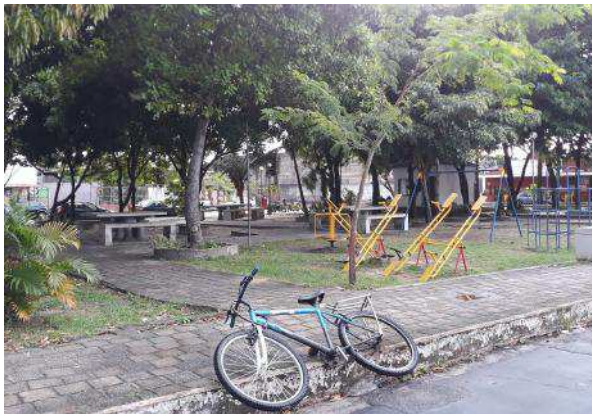
Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 48: Padrão n.19 - Rede de comércio e serviços.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 49: Praças do Cohatrac IV.

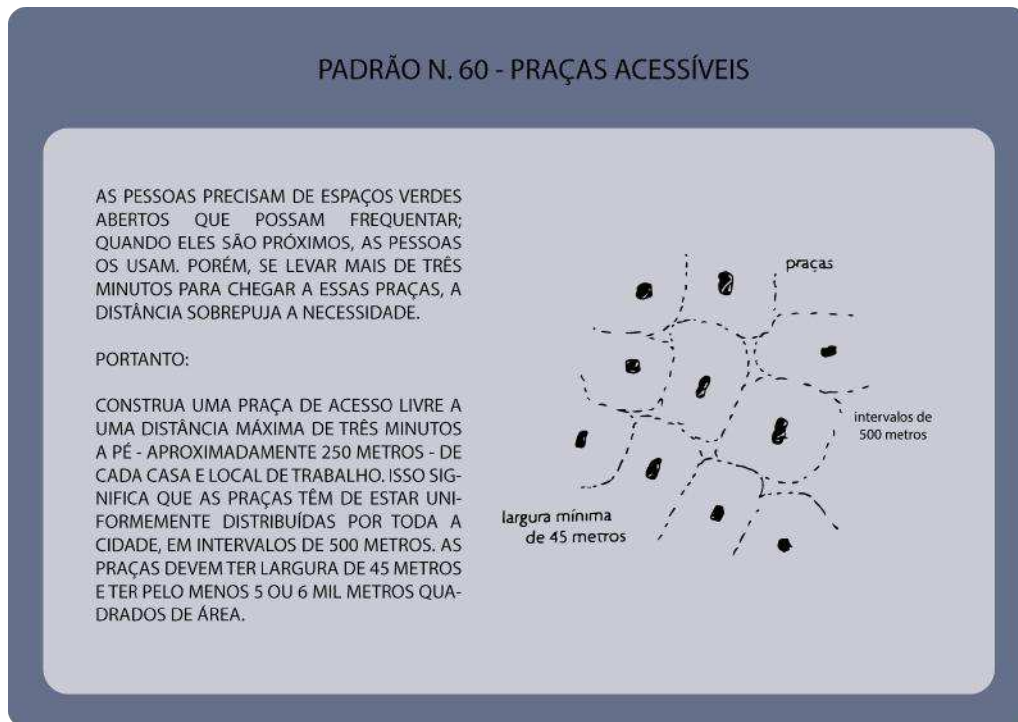




Fonte: Fernandes (2018).

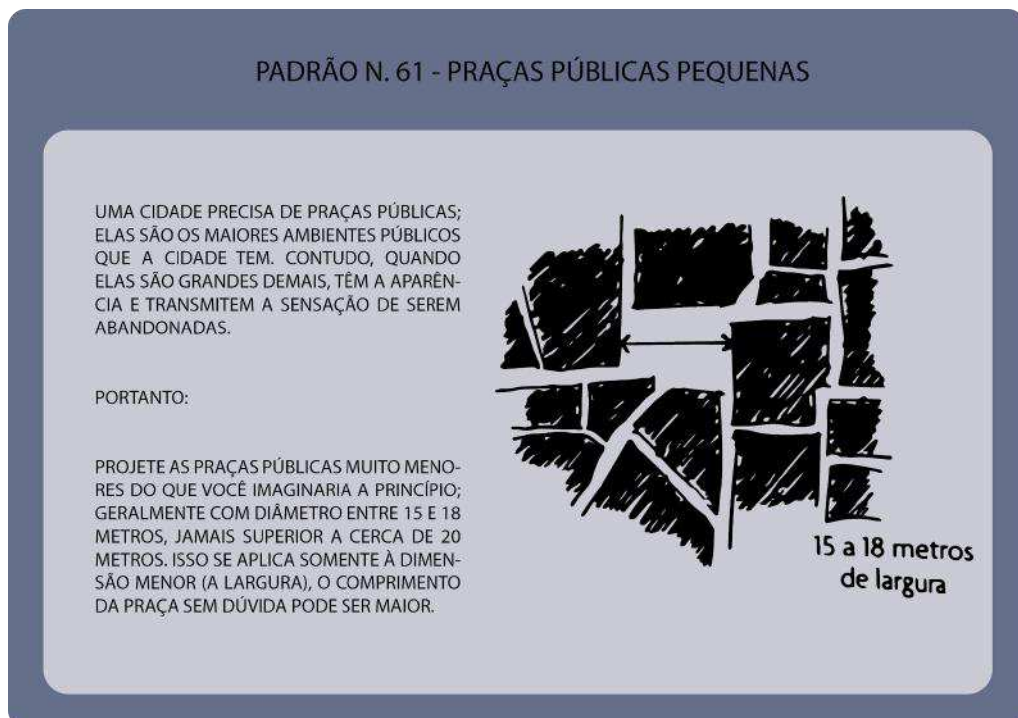
Como já foi dito anteriormente, existem 6 praças públicas no Cohatrac IV: Praça das Árvores, Praça Verão, Praça da Caixa D'Água, Campo do Leozão, Praça do Passeio e Praça do Ponto Final. Todas as praças possuem equipamentos de ginástica, mobiliário urbano e atraem uma grande quantidade de atividades. Cada uma com sua especificidade, todas são bem movimentadas e utilizadas pela população. Identificamos, portanto o padrão n. 60 praças acessíveis e o padrão n. 61 - praças públicas pequenas.

Figura 50: Padrão n. 60 - Praças acessíveis.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 51: Padrão n.61 - Praças públicas pequenas.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

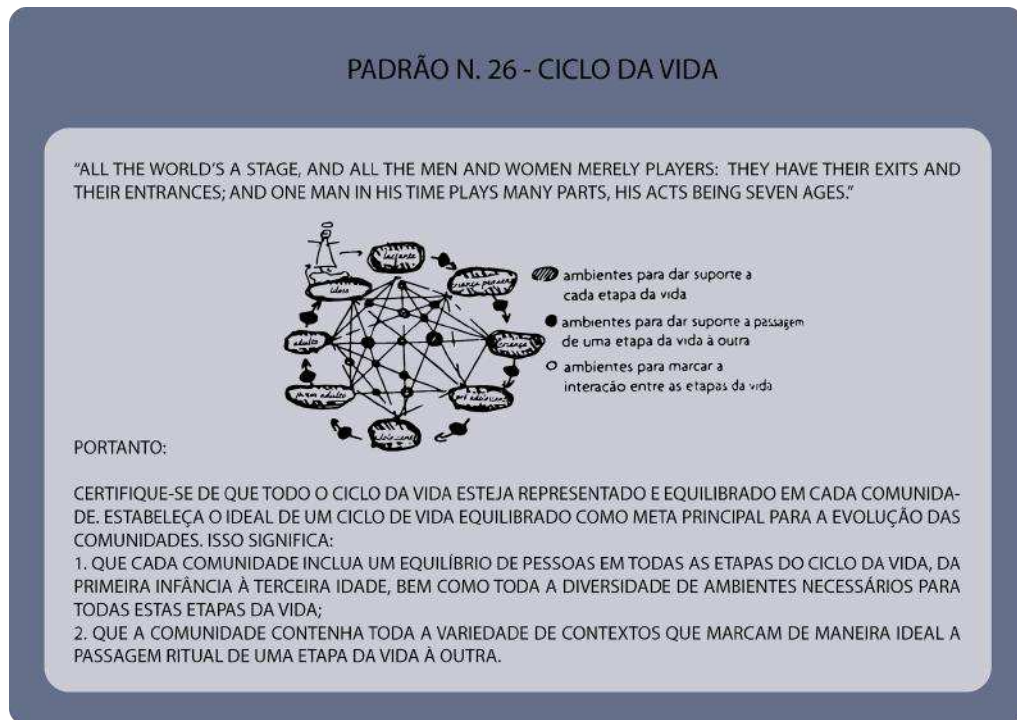
Figura 52: Fim de tarde de domingo na Praça do Passeio.



Fonte: Fernandes (2018).

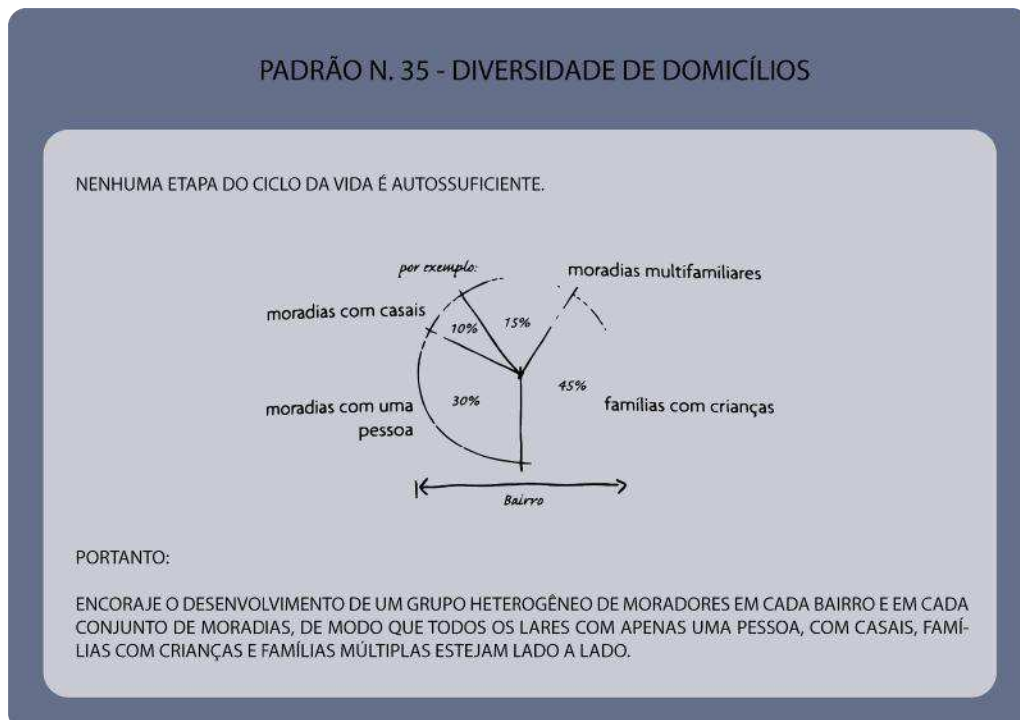
Principalmente nas praças é possível perceber como o ciclo da vida (padrão n. 26) está bem representado no bairro do Cohatrac através dos seus moradores. Fica perceptível a grande mescla de faixas etárias (padrão n. 40), o que reflete na diversidade de domicílios (padrão n.35). Além disso, é possível de identificar os grupos sociais existentes: bebês de colo cujas mães saem para levá-los para passear, crianças menores que ainda precisam ir acompanhadas dos pais para brincar na praça, crianças já mais crescidas e com grau de independência que as permite sair para brincar na rua sozinhas, os jovens que vão praticar esportes, os jovens que se encontram para dançar, os jovens que se encontram só para jogar conversa fora e ver o tempo passar, adultos que se encontram para beber e festejar, idosos que vão à praça para caminhar e praticar exercícios, entre outros. Nesse sentido, identifica-se o padrão n. 08 - mosaico de subculturas.

Figura 53: Padrão n. 26 - Ciclo da vida.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

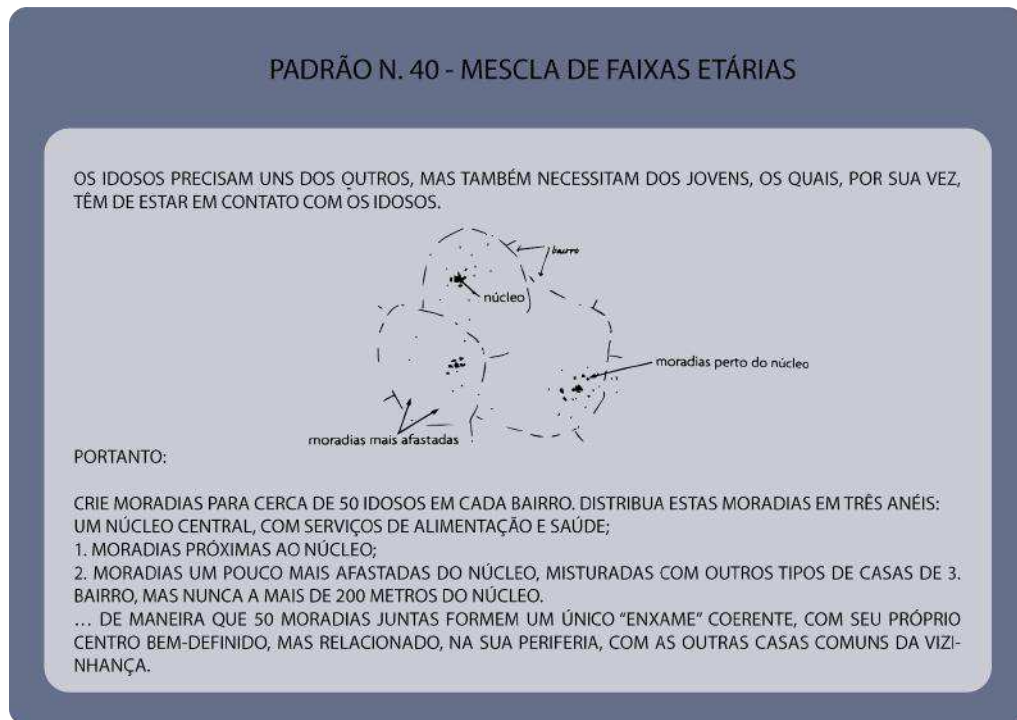
Figura 54: Padrão n. 35 - Diversidade de domicílios.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

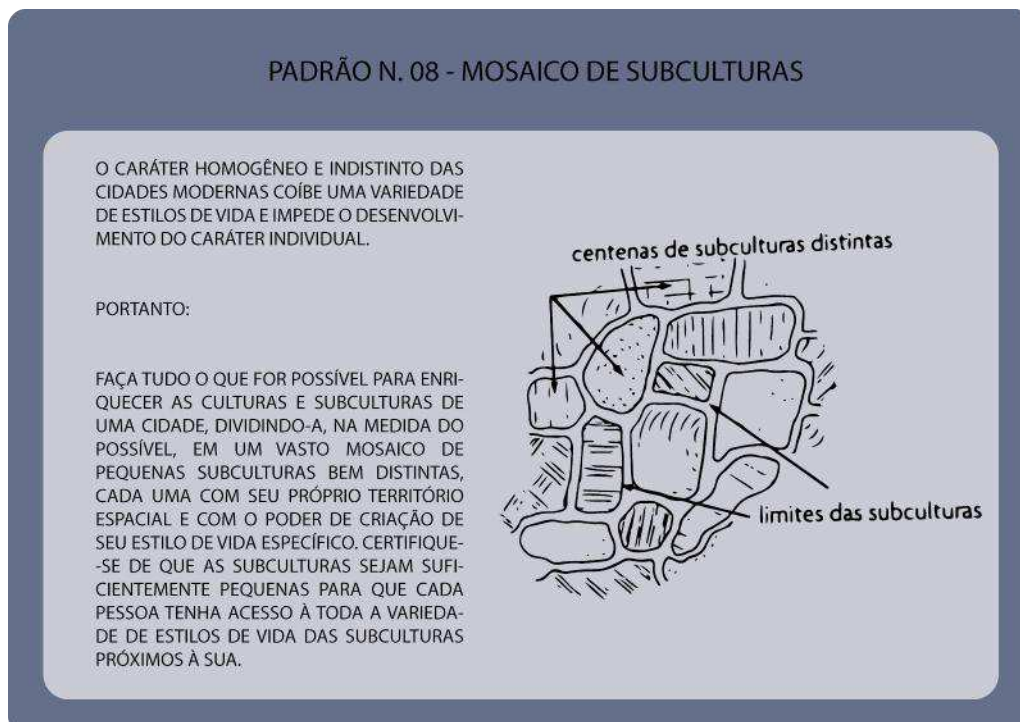


Figura 55: Padrão n. 40 - Mescla de faixas etárias.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 56: Padrão n. 08 - Mosaico de subculturas.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

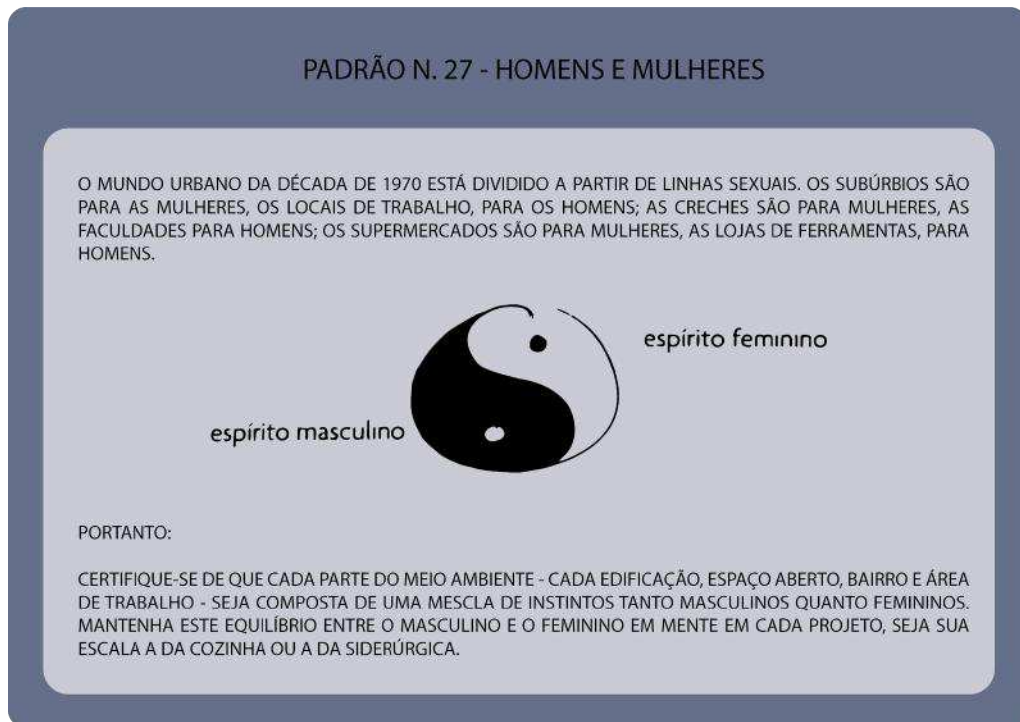
Figura 57: Prática de esportes na Praça do Passeio.



Fonte: Fernandes (2018).

Nessas imagens da Praça do Passeio podemos observar claramente dois padrões: padrão n. 27 - homens e mulheres e padrão n. 72 - esportes comunitários. Na primeira imagem podemos ver a quantidade de pessoas assistindo ao jogo de futebol, o que demonstra como o esporte é valorizado pela comunidade. Além disso, percebe-se a variedade de esportes praticados e uma certa divisão de horários para utilização das quadras. Em relação ao futebol, por exemplo, primeiro acontece o jogo feminino e posteriormente o jogo masculino, ambos com juiz para apitar a partida. Enquanto isso, na outra quadra as pessoas vão formando times para jogar de forma mais descontraída. É importante a demonstração de homens e mulheres ocupando o mesmo espaço visto que fica claro que não há nenhum tipo de preconceito em relação a mulheres não poderem jogar futebol. Já é uma certa tradição os jogos femininos acontecerem antes dos jogos masculinos e todo mundo respeita isso.

Figura 58: Padrão n. 27 - Homens e mulheres.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 59: Padrão n.72 - Esportes comunitários.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 60: Morador tirando cochilo na Praça das Árvores.




Fonte: Fernandes (2018).

Na Praça das Árvores, registrou-se a cena de uma pessoa, provavelmente usuário frequente da praça, dormindo. Quando passamos ao seu lado, o mesmo levantou a cabeça e depois voltou a dormir tranquilamente, sinal do conforto que aquele ambiente trazia para o mesmo que o permitia tirar um cochilo sem preocupações. Assim, temos o padrão n. 94 - dormir em público identificado no bairro.

Figura 61: Padrão n. 94 - Dormir em público.

**PADRÃO N. 94 - DORMIR EM PÚBLICO**

UM SINAL DO SUCESSO DE UM PARQUE, UMA GALERIA OU UM ESPAÇO DE ESTAR PÚBLICO É QUANDO AS PESSOAS PODEM SE DESLOCAR ÀQUELE LOCAL E CAIR NO SONO.


abrigo

assentos confortáveis      protegidos da circulação de pedestres

**PORTANTO:**  
MANTENHA OS AMBIENTES PÚBLICOS CHEIOS DE BANCOS AMPLOS, LOCAIS CONFORTÁVEIS, CANTINHOS ONDE SE PODE SENTAR NO CHÃO OU DEITAR CONFORTAVELMENTE NA AREIA. FAÇA ESTES LOCAIS RELATIVAMENTE ABRIGADOS E PROTEGIDOS DA CIRCULAÇÃO, TALVEZ ELEVANDO-OS COM UM DEGRAU, COM ASSENTOS E UM GRAMADO ONDE AS PESSOAS POSSAM SE ATIRAR, LER O JORNAL E COCHILAR.

Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

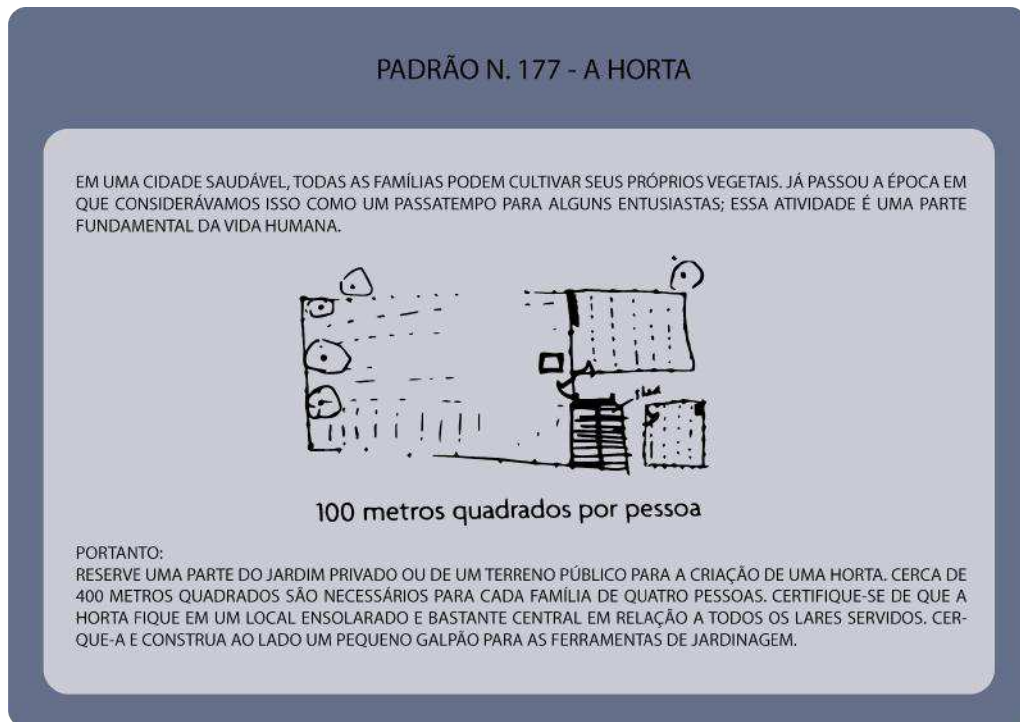
Figura 62: Horta comunitária na Praça Verão (à esq.) e na Avenida Joaquim Mochel (à dir.).



Fonte: Fernandes (2018).

Nas duas primeiras imagens, temos uma horta localizada na Praça Verão que além de utilizar pneus para cada tipo de hortaliça, algumas ainda são plantadas no próprio solo e tem sua área delimitada por fita zebraada. Nas outras duas imagens temos uma horta vertical localizada na Avenida Joaquim Mochel, no gradil que delimita a Área de Preservação Ambiental (APA) do Itapiracó. Ao que tudo indica, ambas as hortas foram feitas a partir da iniciativa dos moradores e é interessante ressaltar os materiais recicláveis que foram reutilizados (pneus e garrafas pet). Identifica-se, então, o padrão n. 177 - a horta.

Figura 63: Padrão n. 177 - A horta.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 64: Trânsito de pedestres nas Avenidas Contorno Leste (à esq.) e Contorno Norte (à dir.).

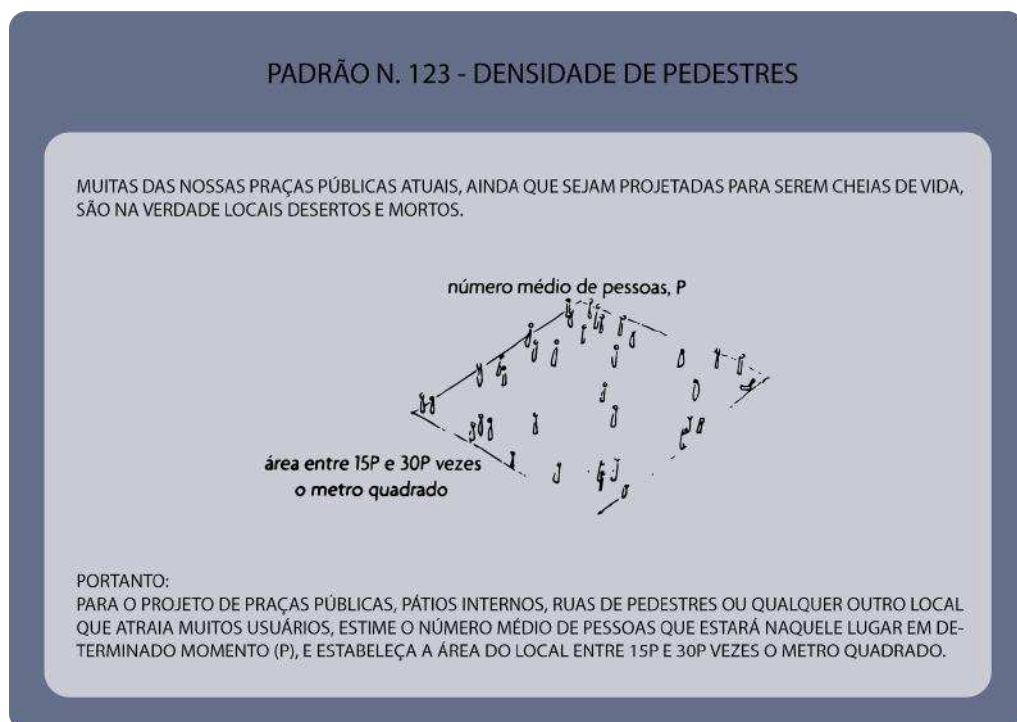


Fonte: Fernandes (2018).

Diferente do que se costuma ver nos outros bairros da cidade, no Cohatrac sempre há uma grande quantidade de pessoas na rua. Essa grande densidade de pedestres (padrão n. 123) não se dá apenas no entorno de locais/atividades que atraem um grande número de pessoas, mas por todo o bairro é possível ver pessoas se deslocando a pé. Em uma das visitas ao local, não observou-se uma rua sequer que não tivesse pelo menos uma pessoa se

deslocando ou mesmo parada na porta de casa. Entretanto, moradores chamaram a atenção para alguns horários específicos como após o almoço e tarde da noite, onde a grande maioria das pessoas se recolhem e as ruas acabam por ficar desertas. Este é o horário no qual moradores afirmaram que sair de casa pode ser perigoso, justamente por não ter ninguém na rua.

Figura 65: Padrão n. 123 - Densidade de pedestres.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

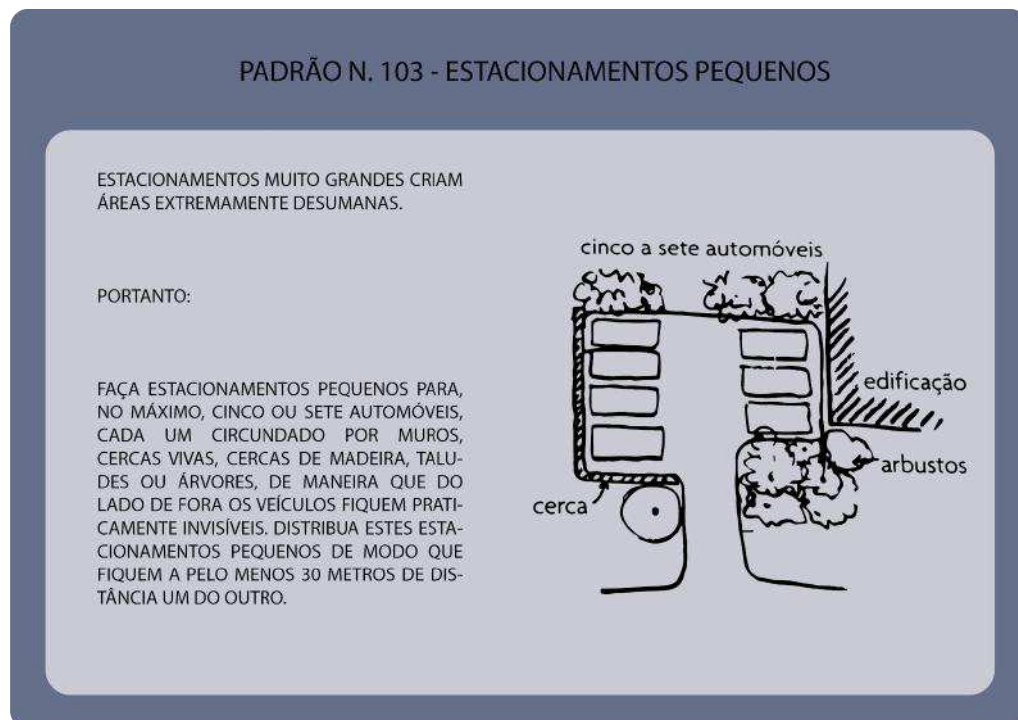
Figura 66: Estacionamento na Praça do Passeio e na Farmácia Pague Menos.



Fonte: Fernandes (2018).

Não se encontra no Cohatrac IV grandes estacionamentos. A grande maioria dos empreendimentos nem mesmo os possui. É comum que os veículos estacionem na própria via. Quando há a presença de estacionamentos (Supermercado Maciel, Farmácia Pague Menos e Shopping Passeio), os mesmo não são quilométricos. Temos assim, o padrão n. 103 - estacionamentos pequenos.

Figura 67: Padrão n.103 - Estacionamentos pequenos.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

Figura 68: Divisão vista da Rua 13 para a 14 (à esq.) e da Rua 26 para a 25 (à dir.).



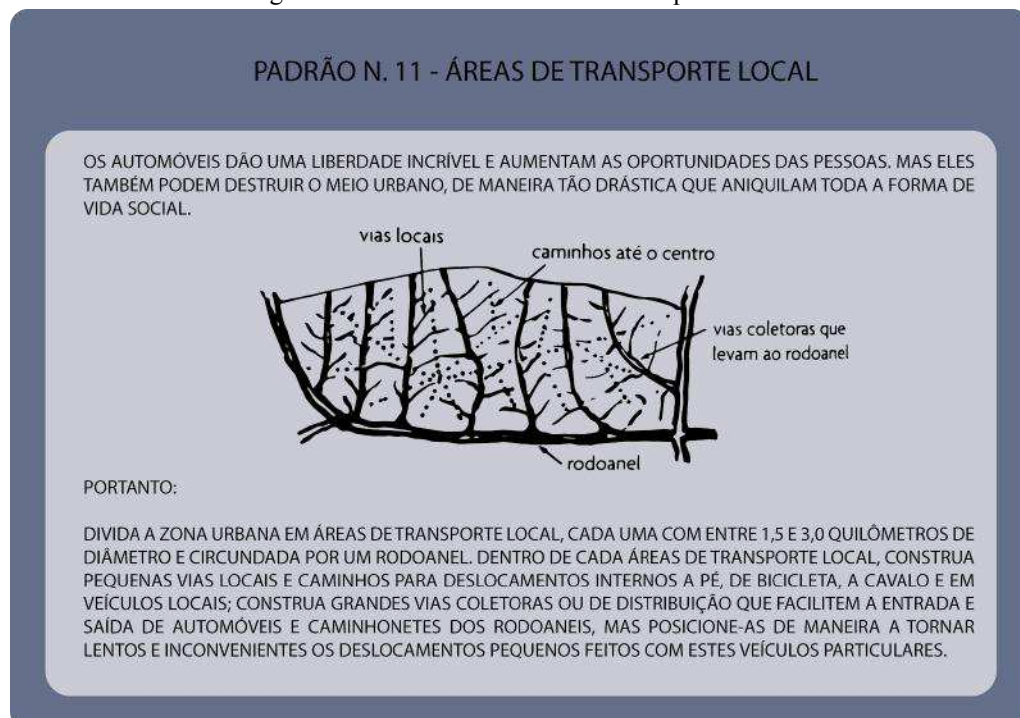




Fonte: Fernandes (2018).

O Cohatrac IV é delimitado por avenidas, entretanto há uma via paralela às avenidas de maior extensão e perpendicular às ruas chamadas pelos moradores de “divisão”. As divisões localizam-se mais os menos no ponto médio da extensão total da rua. Aparentemente estas divisões foram pensadas/criadas para facilitar o fluxo de pedestres entre as ruas, evitando que os mesmos tivessem que caminhar até as avenidas principais para se deslocar até outras. Entretanto, as divisões da Rua 01 até a Rua 10 foram asfaltadas, permitindo assim o fluxo de carros e possibilitando também a abertura de pequenos comércios nessas áreas. Da Rua 13 até a Rua 35, as divisões não foram asfaltadas e hoje acabaram se tornando lugares inseguros e perigosos de se circular.

Figura 69: Padrão n. 11 - Áreas de transporte local.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

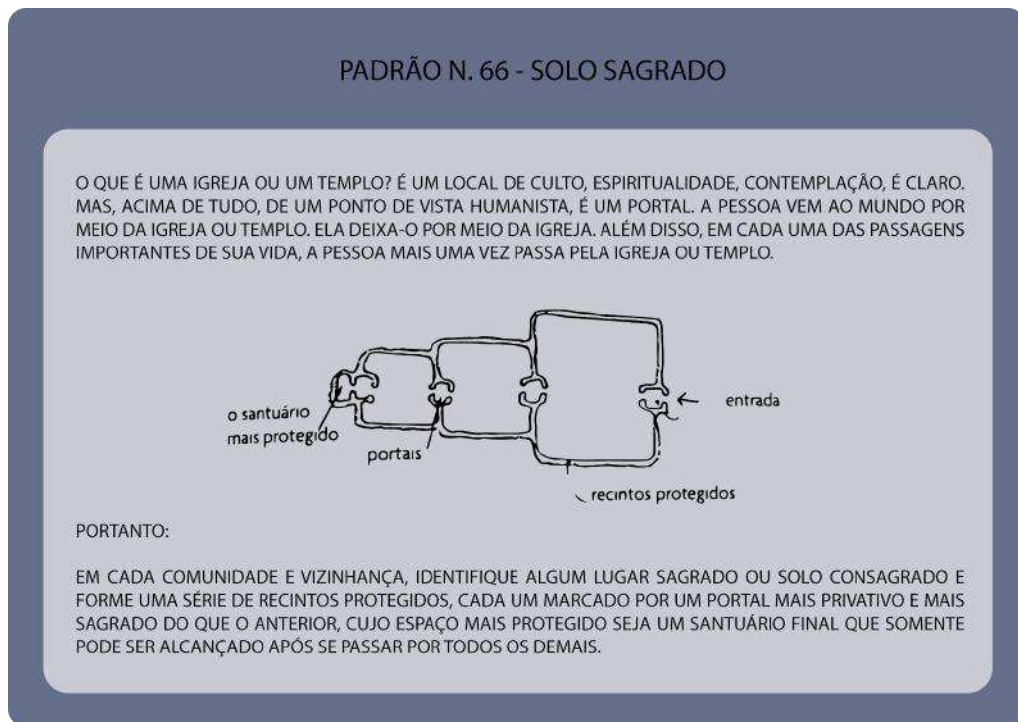
Figura 70: Igrejas localizadas no Cohatrac IV e entorno.



Fonte: Fernandes (2018).

No que tange o solo sagrado (padrão n. 66), no Cohatrac IV observa-se a presença de uma grande quantidade de igrejas, dos mais diversos tipos: presbiteriana, pentecostal, assembléias, entre outras. Além destas, temos no Cohatrac (I) o Santuário Nossa Senhora de Nazaré que é uma igreja católica que exerce bastante influência nas decisões do bairro.

Figura 71: Padrão n. 66 - Solo sagrado.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

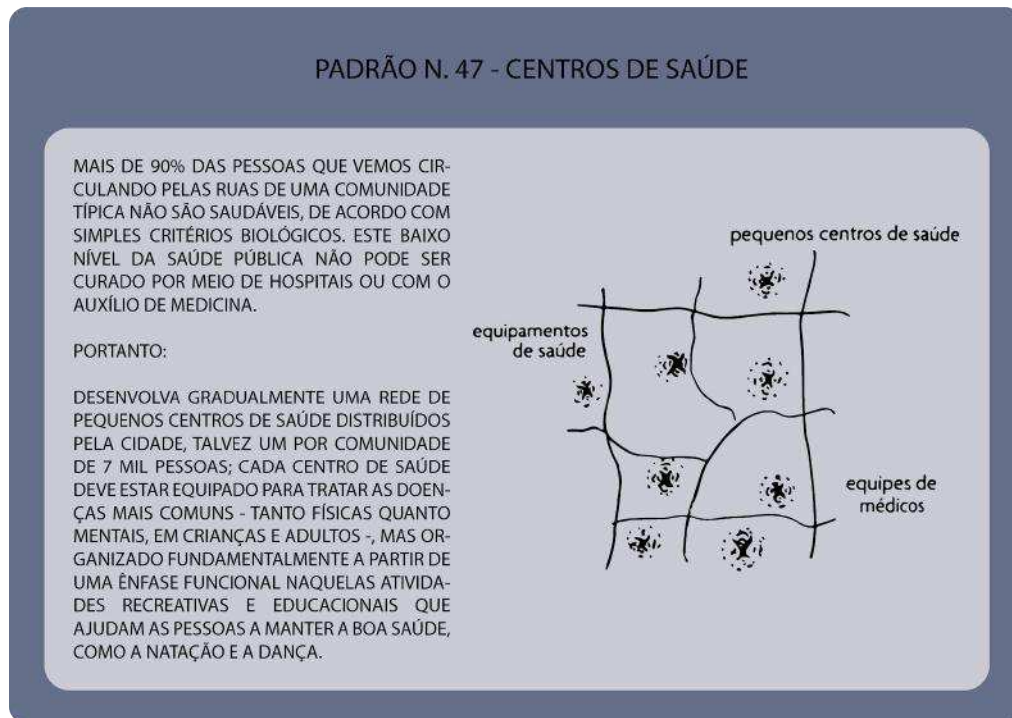
Figura 72: UPA do Cohatrac II, o Socorrinho I.



Fonte: Fernandes (2018).

Em relação aos centros de saúde (padrão n. 47) de menor complexidade, temos uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) no Cohatrac II, conhecido como Socorrinho I. Apesar de não estar localizado especificamente no Cohatrac IV, este centro de saúde atende toda a população adjacente, então se torna válido identificá-lo como um padrão existente.

Figura 73: Padrão n. 47 - Centros de saúde.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

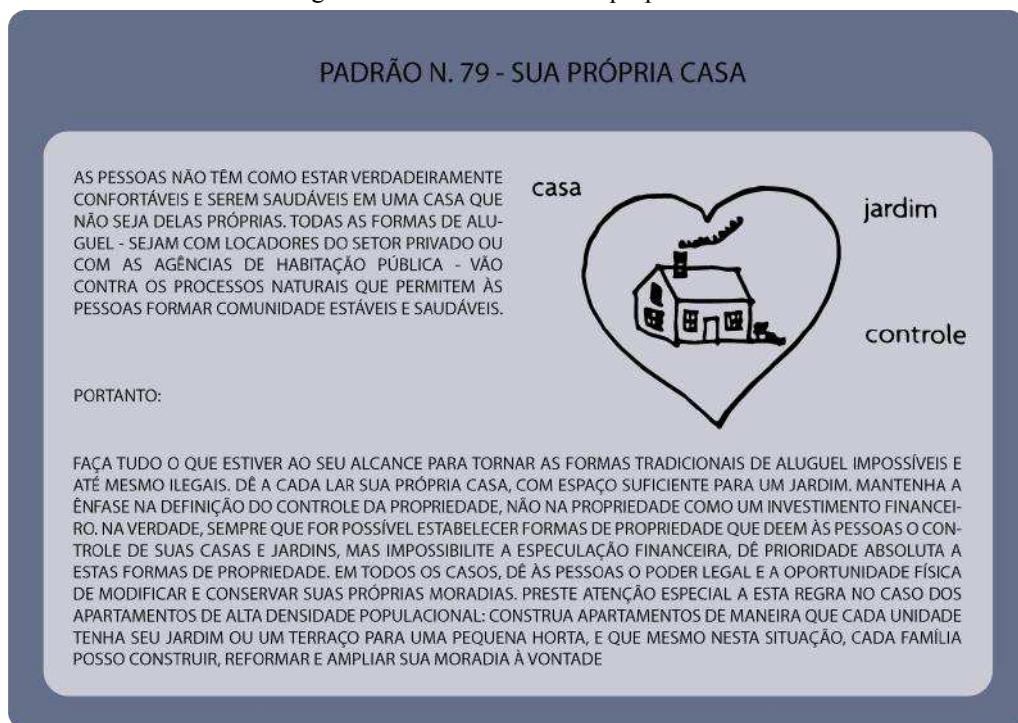
Figura 74: Placa de vende-se em residência e de aluga-se em quitinetes.



Fonte: Fernandes (2018).

Foi perceptível durante as andanças pelo bairro que todos os imóveis que estavam a venda se tratavam de residências unifamiliares e os imóveis que estavam para alugar eram na verdade quitinetes (inicialmente uma casa em um único que acabou se subdividindo em outras menores. Assim, pode-se perceber que a grande maioria dos moradores do bairro são proprietários de suas residências e isso contribui imensamente para a apropriação e a relação indivíduo-edificação. Identificamos, assim, o padrão n.79 - sua própria casa.

Figura 75: Padrão n. 79 - Sua própria casa.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

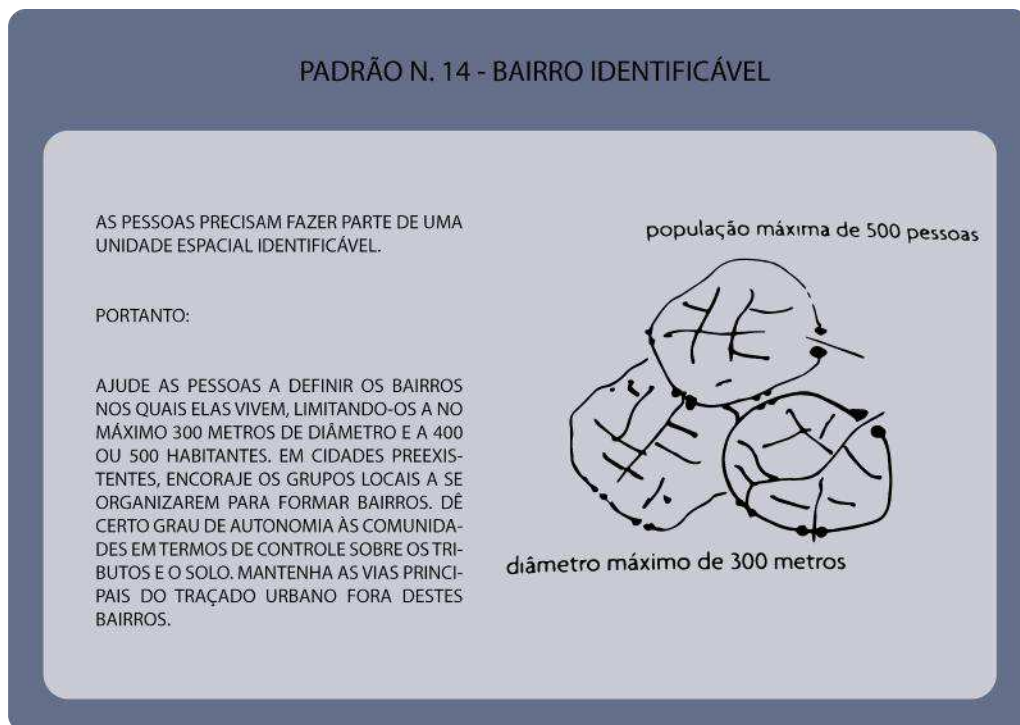
Figura 76: “Cultive o Cohatrac”, pichação na Praça Verão.



Fonte: Fernandes (2018)

Devido a todos os padrões listados anteriormente e o que eles representam em relação a dinâmica espacial do bairro, podemos chegar a conclusão de que o Cohatrac é um bairro particular, vivo, com uma urbanidade que acolhe. Sendo assim, podemos concluir que estamos tratando de um bairro identificável, ou seja, uma unidade espacial que pode ser claramente reconhecida (padrão n. 14).

Figura 77: Padrão n. 14 - Bairro identificável.



Fonte: Alexander et al (2013) adaptado por Fernandes (2018).

## 7 CONCLUSÃO

Através deste trabalho foi possível perceber, ver e entender o espaço de outra forma. Logo de início, Doreen Massey surge para quebrar todos os paradigmas sobre o espaço, nos fazendo enxergá-lo de uma forma completamente diferente do que costumamos. Repensar desde as viagens de descoberta até a situação atual do mundo globalizado, dito um mundo de fluxos e livre de barreiras, que se prende a nacionalismos quando tratamos da imigração, nos faz compreender que existe de fato uma ideologia dominante que guia desde a forma como aprendemos a história do mundo na escola até o desenvolvimento das nações e a maneira como este desenvolvimento é visto. Assumir essa nova abordagem de que o espaço é fruto e reflexo de uma política de inter-relações e interações sociais, que compreende o mesmo como a esfera da coexistência da multiplicidade e da heterogeneidade e que assume a coexistência simultânea de outros, com suas próprias trajetórias e com sua própria história para contar, contribui de maneira significativa para o entendimento de relações sociais, práticas espaciais e a maneira como tudo isso se efetiva no espaço.

Sobre a efetivação das relações e práticas no espaço, ou seja, a produção do mesmo, Lefebvre nos traz uma teoria social que abrange vários formantes e momentos dessa produção. Ele deixa claro que a separação destas dimensões são apenas para efeito de análise visto que são momentos imbricados que coexistem e se complementam. Compreender esses momentos e o lugar do arquiteto e urbanista em meio a isso, sem dúvida alguma perpassa por repensar a nossa atuação e a quem buscamos atender. A teoria de Lefebvre possui um conteúdo bastante atual e válida, entretanto, conclui-se que é necessário levantar o ponto de que ao propor o espaço concebido, Lefebvre tratou de um espaço tecnocrata, criado e pensado por técnicos e hoje, na nossa realidade, temos a autoconstrução preponderando nas cidades de forma espontânea sem obedecer ao que foi idealizado pelos técnicos. As pessoas têm necessidades e as mesmas almejam por supri-las, a partir do momento que quem pensa estes espaços não supre as necessidades da população, a mesma vai tentar fazer isso da forma que lhe for mais conveniente, se adequando sempre a sua realidade. Assim como Lefebvre propõe, este espaço auto produzido também será um reflexo das práticas espaciais e será um retrato em algum nível da ideologia dominante - que se mostra em questões estéticas, políticas e econômicas.

Estas práticas espaciais irão influenciar desde a execução de detalhes construtivos até modos de morar, e foi buscando entender a maneira como estas práticas criam espaços com a qualidade que não pode ser nomeada que Alexander cria a linguagem de padrões. Fica claro que o autor propõe uma única linguagem, mas que no mundo existem infinitas outras linguagens e a intenção é que cada um crie a sua, uma vez que os padrões dependem de contextos e surgem na tentativa de solucionar problemas. Neste trabalho utilizamos a linguagem de padrões do próprio Alexander com o intuito de mostrar como a sua teoria e a de Lefebvre são próximas. Enquanto Lefebvre busca entender os modos como os espaços são formados, Alexander vem analisar o ambiente já construído para entender os padrões espaciais que se repetem e, assim, juntando ambas as teorias, podemos fazer uma análise mais completa dos espaços. Partindo-se do pressuposto de que os espaços são socialmente produzidos, compreender a maneira como um espaço foi formado, em determinado contexto, nos permite entender uma certa lógica que vai resultar nos padrões que são identificados.

O nosso caso referência, por exemplo, trouxe um bairro que foi criado no mesmo contexto histórico de vários outros bairros da cidade de São Luís mas que apresenta uma dinâmica diferente. O motivo de sua criação foi suprir a necessidade de habitação por parte da classe trabalhadora, assim como os demais. Entretanto, trata-se do Conjunto dos Trabalhadores do Comércio e talvez isso tenha sido muito importante para que o mesmo deixasse de ser um bairro puramente habitacional. Além disso, existe o fato do bairro ser um pouco afastado do centro administrativo da cidade, o que criou uma condição propícia para que o comércio local se desenvolvesse. Existem outros inúmeros pontos, mas no geral, foram as necessidades encontradas pelos moradores, supridas pelos mesmos de uma forma na qual diversas práticas espaciais se derivaram e foram gerando outras práticas, até chegarmos ao bairro que temos hoje, com uma urbanidade incrível e que tem uma vitalidade que não encontramos facilmente em outros bairros. É o espaço sendo concebido através de suas práticas e resultando num espaço vivido, num espaço de representação e neste trabalho foi possível apreender os espaços de representação do Cohatrac.

Tendo cumprido o objetivo de caracterizar espacialmente um bairro visando ilustrar duas teorias sobre o espaço, este trabalho espera contribuir para a melhoria dos nossos espaços, que entendendo a maneira como estes são construídos, possamos auxiliar na criação de espaços de qualidade, dignos e que atendam as necessidade de seus usuários.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Christopher. **The timeless way of building**. New York: Oxford University Press, 1979.

ALEXANDER, Christopher; ISHIKAWA, Sara; SILVERSTEIN, Murray; JACOBSON, Max; FIKSDAHL-KING, Ingrid; ANGEL, Shlomo. **Uma Linguagem de Padrões. A Pattern Language**. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre, Bookman, 2013.

CAU/BR; DATAFOLHA. **Diagnóstico sobre Arquitetura e Urbanismo no Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://www.caubr.gov.br/pesquisa2015/>>. Acesso em: 14 março 2018.

BARROS, Raquel; KOWALTOWSKI, Doris. **Do projeto urbano ao detalhe construtivo. “A Pattern Language” finalmente traduzida**. *Resenhas Online*, São Paulo, ano 12, n. 137.01, Vitruvius, maio 2013. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/12.137/4734>>. Acesso em: 21 maio 2018.

BATTAUS, Danila Martins de Alencar. **Parâmetros de projeto (patterns) de Christopher Alexander traduzidos para o português**. *Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*, n. 17, 2013, p. 144-146. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/risco/article/viewFile/83056/86099>>. Acesso em: 21 maio 2018.

BUCKINGHAM et al. **O livro da filosofia**. Tradução Douglas Kim. São Paulo: Globo, 2011.

CASTRO FILHO, Hyltom Pinto de. **Cooperativas de habitação no Brasil. Análise legislativa e jurisprudencial**. *Revista Jus Navigandi*, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 16, n. 2957, 6 ago. 2011. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/19698>>. Acesso em: 29 junho 2018.

FREIRE, Manfrini Pereira; DINIZ, Juarez Soares. **Incremento espacial-urbano e processos ambientais associados: o caso do bairro Cohatrac e área de entorno imediato (São Luís - MA)**. IV Simpósio de Geomorfologia, Goiânia, GO, 6 a 10 de set. de 2006.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos. 2000). Primeira versão: fev-2006).

LEFEBVRE, Henri. **La Production de l'espace**. 4 ed. Paris: Anthropos, 2000.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil, 2008. 312 p.

PEIXE, Marco Aurélio; TAVARES, Sergio. **A linguagem de padrões de Christopher Alexander. Parâmetros projetuais para a humanização do espaço construído**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 18, n. 212.04, Vitruvius, jan. 2018 Disponível em:

<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.212/6866>>. Acesso em: 21 maio 2018.

SCHMID, Christian. **A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional**. GEOUSP: espaço e tempo, São Paulo, n° 32, pg. 89-109, 2012.

VALLADARES, Licia. **Os dez mandamentos da observação participante**. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2007, vol.22, n.63, pp.153-155. ISSN 0102-6909. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092007000100012>>. Acesso em: 28 junho 2018.

FOOTE-WHYTE, William. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005. 390 p.